

OSIMOS



SUMMARIO

<i>Chronica</i>	<i>O. Bilac</i>
<i>Vida Literaria</i>	<i>José Verissimo</i>
<i>Diplomatas e Escritores Brasileiros</i>	<i>V.</i>
<i>Bello Horizonte</i>	<i>Lindolpho Azevedo</i>
<i>O ex-libris e o emblema da Bibliotheca Nacional</i>	<i>Aurelio Lopes</i>
<i>Taça de coral (soneto)</i>	<i>Alberto de Oliveira</i>
<i>O Drama do Oriente</i>	<i>J. C. de Mariz Carvalho</i>
<i>Equação Mathematica</i>	<i>Coronel Espirito Santo</i>
<i>Estado do Paraná</i>	<i>Domingos Nascimento</i>
<i>Tres sonetos ineditos</i>	<i>M.</i>
<i>Theatros</i>	<i>Arthur Azevedo</i>
<i>Victor Hugo (soneto)</i>	<i>Péthion de Villar</i>
<i>Vidas estragadas</i>	<i>Medeiros e Albuquerque</i>
<i>Chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro</i>	<i>Oliveira Lima</i>
<i>Os recifes em frente á Capital de Pernambuco</i>	<i>José Carlos de Carvalho</i>
<i>A Cordilheira das Andes, cidade de La Paz</i>	<i>Liberato Bittencouri</i>
<i>Escola Militar de Porto Alegre</i>	<i>Coronel Avila Franca</i>
<i>Matto Grosso</i>	<i>T. C. L. Barbeão</i>
<i>Canhões de Tiro Rapido</i>	<i>Reis Carvalho</i>
<i>A questão feminina</i>	



CHRONICA

QUANDO appareceu o segundo numero de *Kósmos*, ha um mez, ainda havia nas ruas, como remanescentes do folgado carnavalesco, alguns *confetti*, esquecidos pelas vassouras da limpeza publica. A cidade tinha um aspecto fatigado e triste, — um ar de quem passou a noite

na orgia. E a gente, que conversava, nos bonds, ou nas esquinas, confessava altamente o seu espanto: „Como isto? bastou então um edital da prefeitura, para matar o Entrudo, que todos suppunham immortale e invencivel?!...“

Realmente, houve motivo para esse espanto... Nós estavamos tão habituados á indisciplina e á desobediencia do povo carioca, — que este simples facto de ter sido religiosamente obedecida e cumprida uma lei, sem protestos e sem conflictos, despertou uma vasta admiracão e um profundo pasmo.

Não houve entrudo. Houve o classico e já fatigante carnaval, com as suas nuvens de *confetti*, com os seus abominaveis *cordões*, — e com os grandes prestitos luxuosos, que são, afinal, como bem disse Arthur Azevedo, revoltantes apotheseoses do vicio...

Já é tempo de inventar qualquer coisa nova. Chega a parecer absurdo que ainda se mantenha essa antiga usança de procissões bacchicas, escandalosamente ostentando pela cidade, com applausos de todos, o triumpho insolente das hetaïras. Creio que, de todas as cidades civilisadas, o Rio de Janeiro é a unica que tolera essa vergonhosa exhibição. Em todas as outras capitaes, o vicio é cultivado e adorado portas a dentro. Nada impede que, nos theatros e nos bailes, haja saturnaes carnavalescas, em que a folia se exaspere até invadir o dominio da allucinação furiosa. Mas é revoltante que essas orgias transbordem para as ruas, em cortejos eroticos, — aos quaes, por uma incrivel e criminosa tolerancia, concorrem as bandas de musica da policia e do exercito, com os soldados fantasiados, abrindo o prestito glorificador da indecencia e da prostituição.

Arthur Azevedo lembrou, com bom senso, que os cortejos carnavalescos poderiam ser aproveitados em bem da arte e da civilisação.

Paris passa por ser a metropole do vicio. Mas a sua população não toleraria jamais essa deificação publica da lascivia.

Em Paris, os sequitos festivos do *Bœuf gras* e da *Mi-Carême* são pretextos para espectaculos artisticos, dignos da admiracão e do applauso de um povo civilisado. Na festa da *Mi-Carême*, sobretudo, ha, além de um intuito artistico, um intuito moral. Todas as operarias da grande cidade. — gente humilde e pobre, para quem a Vida só tem trabalho e desgostos, — elegem uma rainha, representante legitima da corporação: no dia da festa, essa operaria feliz, precedida e seguida por um longo acompanhamento faustoso de equipagens de luxo, de carros de arte, e de cavalgatas luzentes, recebe as homenagens da Cidade — Luz, gozando todas as honras e prerogativas da sua realza momentanea e fugaz; e ha um raro e commovedor encanto nessa apotheseose do Trabalho, da Honestidade e da humilde Belleza...

Não sei si no Rio de Janeiro seria possivel organizar uma festa como essa. Mas sei que as nossas festas carnavalescas são indecorosas, — na sua parte publica. Seria bem melhor que essas exhibições se fizessem a portas fechadas. O entrudo era uma brincadeira funesta e selvagem: mas era mais innocente do que a bachanal nas ruas.



O que espanta é que, sendo tão dados á tolerancia no tocante a certas manifestações da immoralidade, sejamos de uma tão ingenua innocencia diante de outros casos igualmente immoraes.

Alguem, que, não nos conhecendo bem, assistisse ao espanto, á commoção, á turbulenta anciedade, ao interesse, com que acompanhamos, nos ultimos dias de fevereiro, os episodios da fuga e da prisão de um individuo processado por crime de estellionato, — diria talvez: „aqui está um povo feliz, um povo em cuja communhão são raros os criminosos, um povo que não sabe o que são grandes falcatruas e grandes marteiras, — pois que tão profundamente se deixa commover por este vulgarissimo desvio de quatrocentos contos de réis...“

Parecia, de facto, que se tratava de uma dessas collossaes trapaças, em que rolam milhões e milhões, e que, de vez em quando, se descobrem no velho mundo, — como o caso do Panamá ou o caso da familia Humbert. Se qualquer celebridade póde ser honrosa, o nosso heróe, preso, accusado, julgado, evadido e caçado no sertão de Minas, deve considerar-se feliz: o seu retrato correu de mão em mão, como o de um grande homem, e não houve jornal que não publicasse a sua biographia...

Oh! a celebridade! é singular que tanta gente se esfalfe e pene para conquistá-la, quando essa dama caprichosa tão facilmente concede os seus favores...

Tenho conhecido um sem numero de pessoas possuidas dessa ardente ambição de ter o nome escripto e fallado: agitam-se, trabalham, festejam-se, publicam livros, fazem conferencias, estudam, inventam, pesquisam todos os assumptos, importunam toda a gente, — e passam, apesar disso, pela vida, dentro da treva do anonymatê, e morrem, sem que duas linhas lançadas á pressa n'um jornal assignalem a data do seu desaparecimento e do seu descanço. Entretanto, é tão facil ser celebre! Basta que se diga: "aquelle individuo fugiu da cadeia," para que a Celebridade sorria a esse individuo.

Ahi tendes o que é a Celebridade, a cuja conquista tantas cousas sacrificaes, ó homens ambiciosos!



Que dizer sobre a guerra entre o Japão e a Russia? Já tudo se tem dito contra a irremediavel e diabolica vezania, que impelle homens contra homens, manchando e profanando o seio da Terra creadora com sangrias abominaveis. Mas que hão de poder as boas palavras e as boas ideias contra um odio e uma loucura que são inseparaveis da propria essencia humana?

O instincto da briga parece indomavel.

Ha poucos dias, um telegramma da Europa noticiava que Pini e San Malato, dois esgrimistas famosos, iam bater-se em duello de morte, em virtude de uma acalorada discussão, em que entraram em jogo a vaidade de um e a vaidade do outro, excitadas pela rivalidade profissional. Não é monstruoso que dois homens, entre os quaes nunca houve um conflicto serio motivado por escrupulos da honra, procurem matar-se um ao outro, unicamente por amor da arte de matar?

Se a vaidade individual e a ambição da celebridade podem levar dois homens a esse acto de loucura, não é estranhavel que o orgulho nacional e a ambição do dominio levem dois povos á pratica de carnificinas hediondas...

Sim! esse instincto bestial parece indomavel! Mas o dever de todas as almas boas e de todos os cerebros bem formados é continuar a maldizer essa barbaridade criminosa. Se é impossivel evitar as guerras, é porque a sociedade humana ainda não se liber-

tou de todo da selvageria, é porque a nossa civilização é ainda apenas apparente, — é porque ainda estamos longe da perfeição moral. Essa perfeição ha de ser attingida, amanhã, ou d'aqui a um seculo, ou d'aqui a dez seculos. As palavras dos que combatem a guerra não se perdem. Ha no mundo moral trabalhos lentos, insensíveis, longos, mysteriosos, mas seguros, — analogos ao trabalho madreporico que levanta recifes immensos. A parte mais bella do verdadeiro programma socialista está contida nas palavras recentemente ditas por Jaurès a um reporter, que o interrogava sobre o conflicto russo-japonez: "*nous faisons la guerre à la Guerre!*"

É a guerra, a guerra santa, a guerra abençoada movida contra a Guerra, ha-de ser victoriosa, no dia em que a civilização tiver dado mais um passo largo, e decisivo, para o seu verdadeiro e unico intuito, que é a felicidade humana.



Fechemos a chronica com algumas linhas de alegria e de esperanza,

Ha poucos dias, as picaretas, entoando um hymno jubiloso, iniciaram os trabalhos da construcção da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condemnadas. Bem andou o governo, dando um character solenne e festivo á inauguração d'esses trabalhos. Nem se comprehendia que não fosse um dia de regosijo o dia em que começámos a caminhar para a rehabilitação.

No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfrelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atrazo, do Opprobio. A cidade colonial, immunda, retrogada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daquelles apodrecidos materiaes que desabavam. Mas o hymno claro das picaretas abafava esse protesto impotente.

Com que alegria cantavam ellas, — as picaretas regeneradoras! É como as almas dos que ali estavam comprehendiam bem o que ellas diziam, no seu clamor incessante e rythmico, celebrando a victoria da hygiene, do bom gosto e da arte!

O. B.



VIDA LITERARIA

Os Estudos e ensaios do Sr. Souza Bandeira

O sr. Souza Bandeira é um espirito votado ás cousas do direito. Os que o conhecem, pessoalmente ou de leitura, facilmente terão notado que o gosto da sua profissão não só de jurista, mas de advogado, o amor da jurisprudencia, na sua forma theorica ou na sua forma pratica — e que amor ha ali que não possamos conceber? — é, si posso dizer assim, a faculdade predominante do seu espirito. Esse amor, chegará, ás vezes, até a indiscrição e ao exagero, como no seu, aliás muito curioso e interessante, ensaio *O advogado na literatura e na vida real*, em que elle, com mal empregado carinho, pintou por demais bonito esse profissional... O que lhe vale, porem, e o põe acima dos milhares de leguleios que infestam a Cidade, é que naquella sua faculdade ha, bem proporcionada ao seu elemento principal, uma boa dose de espirito philosophico e uma boa dose de espirito literario: a capacidade de discernir e comprehender os aspectos philosophicos do direito, e de generalizar-lhe os factos, até confundil-os com cogitações mais altas e mais universaes da sociologia, e a capacidade, nem sempre correlativa, de exprimir-se com a clareza, a correcção, as qualidades, difficeis de definir, de estylo, que fazem o escriptor, e outras que revelam o homem de letras.

Este juizo, parece-me, o livro do sr. Souza Bandeira *Estudos e Ensaios* (H. Garnier), que acaba de vir a lume, o comprova, com pequenas restrições, que lhe não alterariam a exactidão essencial. Não obstante haver o A. começado a escrever para o publico ha mais de vinte annos, é este o seu primeiro volume, ainda um livro de fragmentos, e até pôde-se-lhe notar, de pouca unidade. E' de esperar, e cordealmente o desejo, não seja sinão o primeiro de outros que mais completamente demonstrem as qualidades que já são manifestas e estimaveis neste.

O sr. Souza Bandeira não duvidou incluir nelle, "a titulo de documento", os seus primeiros ensaios, de rapaz que se inicia nas letras no jornalismo academico, ou melhor escolar, Peço licença para advirtil-o que isso lhe cria uma obrigação, que lhe não

preciso dizer qual seja. E, embora pareça indiscreta a advertencia, faço-a sem receio, sabendo quanto é elle capaz de desobrigar-se do compromisso que eu enxergo na republicação, "a titulo de documento", dos seus primeiros escriptos. Começa aliás o sr. Souza Bandeira a desempenhar-se delle nos ultimos do seu volume.

O que de algum modo ainda offende o bom gosto literario amoroso da medida e discrição, do sentimento das proporções, e respeitoso da lingua, nos primeiros ensaios do sr. Souza Bandeira, *Ligeiras idéas sobre o monismo*, *A philosophia positiva no Brazil*, e até em algum posterior, como *O monismo no direito*, vae pouco a pouco desapparecendo nos seus escriptos ulteriores. Nesses já a forma, sem alcançar ainda, não direi a perfeição, que parece é inatingivel (até porque é muito relativa a maneira de a julgar), mas o character e a distincção, melhora visivelmente. Os juizos são menos livrescos e as opiniões mais assentadas, e as capacidades de generalização, que o sr. Souza Bandeira é dos não muito numerosos a ter entre nós, se exercem com mais medida e melhor base. Nos primeiras nota-se, com desgosto, a phraseologia empolada, o ar dogmatico, um sentido menos apurado das gradações do pensamento e da sua expressão. Estes defeitos, porém, não são do sr. Souza Bandeira. O seu bom gosto natural, e a sua estensa e boa cultura literaria, feita nas obras capitaes da intelligencia humana em todas as literaturas principaes, deviam forçosamente leval-o a uma apreciação pratica mais justa da arte de escrever. São da escola a que teve fatalmente o sr. Souza Bandeira, quando em annos verdes, que não são a idade do discernimento, de ceder. Elle soffreu a influencia poderosa de Tobias Barreto e da roda de discipulos que o cercavam e o admiravam, alguns certamente com a consciencia que uma tal admiração pôde permittir, outros, talvez a maioria, sem a menor sombra della, por simples e beocio espirito de imitação. Os caracteres distinctivos dessa escola foram justamente aquelles, a falta de medida no pensamento e na expressão, o ar doutoral, o amor indiscreto da novidade, principalmente alleman, o absurdo da phraseologia biologica e do termo technico, o estylo turgido, palavroso, empolado. O chefe da escola, ao que parece, fazia disso um merito: "Palavrões palavrões não diz quem quer, palavrões palavrões só diz quem sabe" — é uma phrase que lhe attribuem babosos os seus discipulos de segunda classe. E com esses defeitos tanto ou quanto

sinão muito, de pedantesco, no conceber e no dizer. De alguma cousa disso, ainda se encontram exemplos, menos numerosos e graves, é certo, do que em outros escriptores do mesmo grupo literario, nos primeiros ensaios do sr. Souza Bandeira. Mas, taes senões, repito, eu não lhos quero imputar, são da escola; e não é na idade em que os escreveu que, salvo os engenhos de excepção, temos a personalidade bastante para refugar influencias tão poderosas como foi incontestavelmente a de Tobias Barreto, dos escriptores brasileiros de todos os tempos o mais alheio á medida e ao bom gosto. Lastimo, sim, que ainda de vez em quando á ella sacrifique o sr. Souza Bandeira, como na maneira decidida e menos ponderada, a meu ver, do seu *O monismo no direito*.

Taes senões, porém, como já notei, vão paulatinamente desapparecendo no estylo, e portanto, no pensamento, do sr. Souza Bandeira. Sob esse aspecto os seus tres ultimos estudos *A marinha de outr'ora*, o já citado *O advogado na literatura e na vida real*, *O padre catholico e a cathequese*, a proposito do excellente romance *O Missionario*, do sr. Inglez de Souza, são, além de boas amostras de critica intelligente e capaz, um progresso evidente sobre a sua maneira primitiva. Sem me deixar contagiar pela abundante prodigalidade com que o sr. Souza Bandeira distribue os epithetos de philosopho e pensador, não lhe chamarei nem uma nem outra cousa. Mas jurista, critico, moralista, o sr. Souza Bandeira o é com capacidades de philosophia e de pensamento, habito de philosophar e de generalizar, e ao mesmo tempo sciencia dos assumptos, que lhe dão desde já um distincto lugar entre os nossos escriptores desses generos. Não tem sinão continuar, pondo todavia um pouco mais de cuidado no apurar, sem sair do natural, a sua lingua, como quer que seja ainda por vezes descuidada. Faz-se neste momento no Brasil um bom e util, e necessario movimento a favor da boa lingua portugueza, que os nossos escriptores, que nós, posso dizer sem fingida modestia, iamos pouco a pouco, com a nossa ignorancia ou o nosso desmazelo, reduzindo a uma algaravia luso-franco-brasileira. Julgo um bom serviço prestado não só ás nossas letras, mas ao nosso falar nacional, a reacção contra esse desleixo provocada pela campanha dos srs. Ruy Barbosa, Heraclito Graça, João Ribeiro, Mario Barreto, e outros, campanha que repercutiu na provincia, onde alguns bons estudiosos da lingua propagam

a san doutrina. E' evidente que se está procurando escrever melhor, isto é com mais acerto, mais de accordo com a grammatica, o dictionario, e o genio da nossa lingua. E' preciso, porém, reconheço, que tão salutar reacção não se demasie e caia nos excessos do purismo e do classicismo. Seria uma pura irrationalidade. E' real que as linguas evolvem e que se não volta ao passado. O purismo, em todas as linguas, é uma impossibilidade de ordem historica, quasi de ordem material. São os mais illustres philologos que o ensinam. O classicismo hoje seria uma retrogradação caturra a processos de escrever, em inteiro desaccordo com o nosso modo de pensar e conceber.

Mas, sem cair num e noutra, o estylo, comprehendendo a linguagem de cada epoca, póde guardar a fidelidade necessaria ás boas normas das lingua, conservadas através da sua evolução. Um famoso exemplo da possibilidade disto é Victor Hugo — e eu poderia citar ainda, em França, Th. Gautier ou Flaubert, e no portuguez Garrett, ou o sr. Machado de Assis. Com ser um revolucionario literario, e ser um genio a quem as normas classicas pesavam, e que as destruiu na rhetorica, Victor Hugo — o grammatico, como lhe chama um critico — manteve-se fidelissimo á grammatica, ao dictionario, á indole da sua lingua. E sem sair das suas regras mais severas, fez della tudo o que quiz.

José Verissimo ✓

Da Academia Brasileira

LIVROS DIVERSOS — *Factos e Memorias* por Mello Moraes Filho, Rio de Janeiro, H. Garnier.

Contem: *A mendicidade no Rio de Janeiro*. *Ladrões de rua*. *Quadrilha de Ciganos*. *Memorias do largo do Rocio*. *Memorias da rua do Ouvidor*. — *Sepulchro de Vivos*, drama em um acto, de Rubem Tavares, Genova. — *Ajuste de contas* por Salvador de Mendonça, Rio de Janeiro. Livro de polemica interessante para a historia do dia, e singularmente realçado por um estylo de escriptor. — *Amores do Senhor Jacarandá*, Rio, H. Garnier. Livro em má hora destinado ás creanças, ás quaes absolutamente não convem.



Diplomatas e Escriutores Brasileiros

SEMPRE fizeram boa união diplomacia e letras. Desde a Renascença ao menos, quando nasceu a diplomacia moderna, na Italia, conta o corpo diplomatico universal crescidissimo numero de intellectuaes, como se hoje diz: philosophos, sabedores, poetas, eruditos, historiadores, novellistas, criticos, e até artistas, como Rubens. Dirão os maliciosos que é talvez mais crescido o numero de nullos, de futeis, de dansarinos, sobre tudo de *snoobs* de toda a casta, de pelintras mais ou menos monoculizados, que a deslustram e lhe attraem tal qual ridiculo.

Poder-se-ia, porem, ella despicar citando em seu abono e honra, e com vantagem, alem dos nomes dos seus grandes profissionaes, simultaneamente estadistas notaveis, um Richelieu, um Metternich, um Cavour, um Bismarck, outros nomes, tão ou mais gloriosos de homens de talento, de saber, de letras, de espirito, cuja gloria irradiou sobre ella. E' commum em todos os paizes figurarem no respectivo corpo

diplomatico muitos nomes que figuram nas listas das suas academias e sociedades sabias.

No Brazil, tambem, se póde notar o mesmo facto. Basta lembrar no imperio, os Japurás, os Magalhães, os Varnhagens, os Porto-Alegres, os Joaquins Caetanos, os Maciéis Monteiros e muitos outros que tanto appareceram nos Archivos do nosso Ministerio dos Estrangeiros como nos do nosso Instituto historico.

O grupo de escriptores e diplomatas brasileiros que publicamos, copia exacta de uma fidelissima e excellente photographia tirada em Londres, não vai muito tempo, e que conserva todo o seu valor documental, mostra que na Republica continúa a união abençoada.

Com admiravel fidelidade representa-nos elle, no primeiro plano, no centro, o Sr. Joaquim Nabucco, nosso Enviado Extraordinario e Ministro plenipotenciario na Inglaterra e agora, na Italia, em missão especial para tratar da questão de limites do Brazil e da Guyana Ingleza, perante o rei Victor Manoel II, o

arbitro escolhido; á esquerda, o Sr. Graça Aranha, Secretario da mesma Missão em Londres e depois na Italia; á direita, o Sr. Oliveira Lima, então 1.º Secretario da Legação brasileira naquela cidade, logo depois Encarregado de Negocios no Japão e hoje nomeado Ministro Plenipotenciario no Perú; no segundo plano, á esquerda, o Sr. Silvino do Amaral, 2.º Secretario daquella Legação e hoje 1.º da de Buenos-Aires, e á direita, o Sr. Domicio da Gama, ex-Secretario das duas Missões do Sr. Barão do Rio Branco em Washington e Berna, seu dedicado e habil companheiro e collaborador nos trabalhos dessas missões para o regulamento dos nossos limites, com a Argentina e com a França, depois 1.º Secretario e Encarregado interinamente de Negocios na Belgica e neste momento Secretario do Barão do Rio Branco, Ministro do Exterior.

O Sr. Joaquim Nabuco é um grande nome na nossa politica, do nosso jornalismo, da nossa oratoria parlamentar e popular, e será certamente tambem um grande nome da nossa diplomacia. Nascido em Pernambuco em 1849, formado em direito em 1870, bem estreado nas letras e na imprensa academica, iniciou a vida pratica na diplomacia, como addido ás legações de Londres e de Washington. Deixando-a pela politica, foi deputado liberal e um dos mais brilhantes campeões do abolicionismo. Monarchista de convicção e sentimento, abandonou a politica com o advento da Republica, limitando-se a algumas manifestações theoricas, substituidas em breve por escriptos litterarios. Solicitando-lhe o governo da Republica os seus serviços como advogado no pleito entre o Brazil e a Inglaterra a respeito dos limites com a Guyana Inglesa, voltou o Sr. Joaquim Nabuco á diplomacia, nas funcções já ditas.

Ainda estudante, com quinze annos, como a maioria dos brasileiros não analphabetos, fez versos. Fez-os ainda mais tarde, em plena mocidade, mas não perseverou, por sentir, como diria depois que o verso não era o seu instrumento. Quantos não tem infelizmente perseverado com menos razão! Depois fez critica litteraria e artistica, escreveu pamphletos moraes e politicos, mas sobretudo foi orador e jornalista politico. Nada fez com inferioridade ou vulgaridade. Mas a sua obra litteraria capital, obra de escriptor e publicista politico — ainda quando faz historia ou critica social e litteraria — é a da Republica para cá. Em primeiro lugar, sob o titulo de *Um Estadista do Imperio*, (3 vols. grandes, in-4.º, H. Garnier) a vida de seu pai, o senador Nabuco de Araujo, em relação com o seu tempo, e que constitue em grande parte a historia politica do segundo reinado. — Depois: *Minha Formação*, (H. Garnier, 1900), especie de memorias intellectuaes da formação do seu espirito, idéas e tendencias, principalmente politicas e moraes; — *Escriptos e Discursos litterarios*, (H. Garnier, 1900), collecção de trabalhos dispersos de 1883 a 93, alguns de inestimavel valor. Antes publicara uma apreciação geral da

revolução chilena de 1901 sob o titulo, de *Balmaceda* (Leuzinger, 1895), que é um dos seus livros mais sentidos, e outra sobre o comportamento dos governos estrangeiros durante a nossa revolução de 1893, sob o de *A intervenção estrangeira durante a revolta da Esquadra* (Leuzinger, 1897).

A estes livros cabe juntar os 16 volumes de *Memorias*, ao que parece cheias de engenho e saber, defendendo os direitos do Brazil na sua questão de limites com a Inglaterra, e já entregues ao rei de Italia.

O Sr. Joaquim Nabuco é da Academia Brasileira e seu Secretario Geral, e do Instituto historico.

O Sr. Oliveira Lima, que se senta á sua esquerda, é tambem de Pernambuco, da Academia e do Instituto, porem muito mais moço, nasceu em 1867. Fez em Lisboa o Curso superior de Letras e o de Diplomacia, na Torre do Tombo. Entrou para o Corpo diplomatico em 1890, e tem servido em Lisboa, Berlim, Washington, Londres e Tokio. Começou a sua carreira de escriptor no jornalismo em Lisboa, no Recife e no Rio. Alem de memorias e opusculos tem publicado: *Pernambuco. Seu desenvolvimento historico*, 1895 — *Aspectos da litteratura Colonial brasileira*, 1896. — *Nos Estados Unidos*, Impressões politicas e sociaes, 1899. *O Reconhecimento do Imperio*, primeira parte da obra em que trabalha *Historia diplomatica do Brazil*, (H. Garnier), 1901. — *No Japão*. Impressões da terra e da gente, (Laemmert, 1903), que o collocam entre os nossos mais distinctos e laboriosos homens de letras. Trabalha agora no livro *D. João VI no Brazil*, do qual temos a satisfação de publicar hoje um trecho.

Graça Aranha é do Maranhão, onde nasceu em 1868.

É bacharel em direito e foi academico *avant la lettre*, isto é antes de ter publicado livro algum, quasi por imposição dos fundadores da Academia que do viver commum, de um prefacio de livro, de artigos de imprensa conheciam o seu grande talento litterario e a sua boa cultura espirital. É o que se póde chamar um escriptor nato, ou de raça e a sua magnifica estréa no livro *Chanaan* (H. Garnier, 1902) não só o provou, como justificou plenamente os seus confrades que o fizeram academico antes de ser autor. Elle é hoje a mais legitima esperança da litteratura brasileira, e já um dos seus grandes nomes.

Silvino do Amaral, tambem bacharel em direito é o mais novo dos cinco. Nasceu no Ceará em 1872.

O seu primeiro livro é uma estréa das mais auspiciosas. É uma obra, volumosa e bem feita, um livro de estudo e reflexão, sobre o celebre philosopho, jurista e diplomata, Hugo de Grotius, uma das grandes, e mais significativas figuras do seculo XVI: *Ensaio sobre a vida e obras de Groot*, (H. Garnier, 1903). Póde-se francamente admirar neste grosso e

interessante volume o talento de composição do jovem escriptor que com elle iniciou a sua carreira litteraria, qualidade pouco vulgar entre nós, onde os livros são geralmente mal compostos.

O Sr. Domicio da Gama, da provincia do Rio de Janeiro, e de 1862, é um espirito muito litterario, e é ao mesmo tempo um espirito muito diplomatico. Tem de ambos a finura, a delicadeza, o bom gosto, a discrição que se reflectem tanto na sua obra de escriptor, escassa ainda, mais distincta, como nas suas relações sociaes e officiaes. Como escriptor elle é principalmente um psychologo e um moralista,

qualidades que quadram excellentemente a um diplomata. A sua obra em volume é pequena, um livro de contos, *Historias curtas*, mas esses contos são dos melhores da nossa litteratura. Informam-nos, porem, que elle tem, em materia publicada em jornaes e revistas, e inedita, para mais de tres volumes. E' um escriptor de repouso, sem affan de publicidade e difficil para si mesmo: tudo signaes de distincção.

Pertence tambem á Academia.

V.



Medalhão em bronze existente no edificio da Associação dos Empregados no Commercio

ESCULPTURA DE BENEVENUTO BERNA — Fundido nesta Capital

BELLO HORIZONTE

ERA em 1894 um logarejo humilde, um arraial desconhecido, de esconsas taperas de pau a pique e uma pouca de casas de taipa e adobe, cortado de carreiros sinuosos, a que chamavam ruas por um modo vicioso de denominar as cousas e onde a herva medrava livremente e o gado miúdo pascia á lei do bom Deus.

Tivera outr'ora, sob o regimen colonial, seus tempos, sinão de opulencia, ao menos de confortavel abastança.

A metropole, tributando em proveito do erario real as riquezas que a colonia produzia, não fazia questão da especie do pagamento; e o dizimo do gado, o tributo sobre as boiadas numerosas e fartas que desciam do norte da capitania e das terras de Goyaz para o territorio das Minas e para o Rio de Janeiro, era indifferentemente cobrado em dinheiro ou em bois. Nesses tempos, em que o Brazil mataba com ouro a sêde da metropole, não se fazia cabedal de imposto em dinheiro esterlino.

Era em outro villarejo adiante, legua e pico distante do velho arraial, que se fazia a contagem do gado que descia e se apartava, em boas rezes, o dizimo real; e dessa povoação, que ainda guarda o nome de Contagem, ou melhor, Contagem das Aboboras — por distingui-la de outras Contagens que o fisco colonial semeava pelo territorio mineiro — vinha então o gado separado para as invernadas da corôa, situadas no local onde de futuro se havia de erigir a nova capital do Estado de Minas. O arraial ficou assim denominado Curral d'El-Rey; e si o nome não era gracioso nem de molde a lisonjear o orgulho dos habitantes, os proventos deixados pela estação do fisco compensavam bastante, em bens para o logar, o desaire do appellido.

Da prosperidade passada de Curral d'El-Rey falla ainda hoje a vetusta matriz, de linhas pesadas e feias, mas em cujo interior resalta a opulencia antiga nos dourados magnificos, nos restos do mobiliario, nos entalhamentos do altar, onde se sente, na opinião competente de Arthur Azevedo, a goiva do *Aleijadinho*: fallam as tradições, a lembrança de pompas desfeitas, a reminiscencia de artistas e operarios habeis, que lá viveram, considerados e contentes. Honorio Esteves, um bello artista que se fez esquecer na modorra de Ouro Preto, possui um relógio, fabricado em Curral d'El-Rey no seculo XVIII, em que se vê gravada a data do fabrico e a curiosa legenda do relojoeiro — *Ma-*

nuel da Infelicidade; e ainda em 1894 existia no adro da igreja um quadrante solar, muito bem feito em pedra sabão por um artifice «curraleiro», e retirado, não se sabe para onde, pela commissão constructora da nova capital.

O regimen colonial, porém, desapareceu e com elle a idade de ouro de Curral d'El-Rey. O arraial veio de decadencia em decadencia; já não era, por ultimo, sinão uma ruina que apenas se mantinha de pé por effeito da primitiva resistencia. Dos esplendores passados só lhe ficara o que a natureza déra prodigamente: o clima incomparavel, portador de vida e de força, a paizagem formosa e clara, de uma suggestiva belleza, e os soberbos occasos, origem feliz da denominação actual e envaidecimento, ainda agora, de Bello Horizonte.

... A Republica surgiu em Minas em 1889 com uma ideia feita — a da mudança da capital, ideia que Alexandre Stockler evangelisara tenaz e ardentemente na imprensa, que tivera já em tempos do Imperio um convencido paladino na assembléa provincial — o padre Paraizo e que no momento se avigorava talvez com o apodo de *sebastianista* atirado a Ouro Preto. João Pinheiro, que succedera a Cesario Alvim no governo provisorio do Estado, voltou olhos para o velho arraial, o qual, afóra as excellentes condições locais, constituiria nas derradeiras épocas da propaganda um forte nucleo republicano, e, resolvido a mudar dictatorialmente a sêde do governo, mandou proceder a estudos em Curral d'El-Rey. Esses estudos, todo favoraveis á localidade, feitos pelo engenheiro Herculano Penna, não alcançaram mais no poder a João Pinheiro e Augusto de Lima, ultimo governador provisorio, hesitou, diante da opposição levantada em Ouro Preto, em assumir a

responsabilidade da mudança. O decreto não foi assignado.

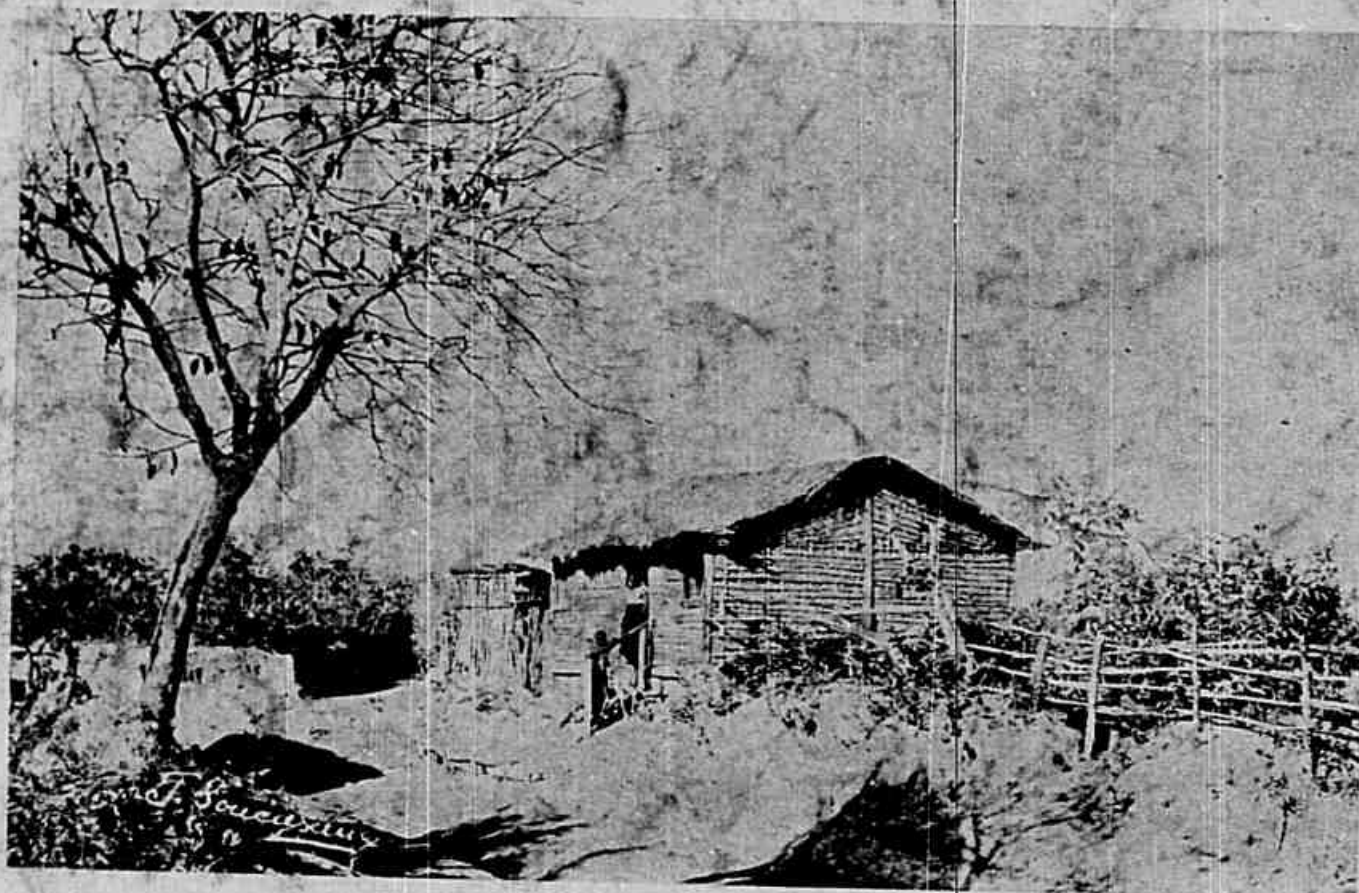
Mas nem por isso a ideia cahira. Augusto de Lima a consignava na mensagem á Constituinte mineira e a Constituição do Estado, promulgada a 15 de Junho de 1891, consagrava-lhe o triumpho com a disposição expressa da construcção da capital nova, mau grado a resistencia energica dos ouro-pretanos e dos retardatarios. Na sessão subsequente, o Congresso ordinario determinou, a 28 de Outubro, os pontos a estudar para a fundação da futura cidade e dois annos depois, reunido em Barbacena e de posse dos estudos feitos, designava definitivamente, a 17 de Dezembro de 1895, para assentamento da Nova Capital o



CURRAL D'EL-REY — UMA FACE DO LARGO DA MATRIZ

antigo Curral d'El-Rey, chrisnado no decurso da campanha em—Bello Horizonte—em virtude de representação dos habitantes á Camara de Sabará, a cujo municipio pertencia.

Não fora sem lucta a conquista. Os adversarios da mudança da capital, antes de tudo os de Ouro Preto, ciosos da sua cidade, cujas gloriosas tradições lhes parecia constituir em intangivel direito á perpetua chefia da terra mineira, buscavam desferrar-se da primeira derrota na Constituinte, burlando a disposição constitucional, desde que não podiam revogal-a. Das localidades estudadas, Paráúna, Barbacena e Juiz de Fóra tinham sido desde logo postas de parte e duas se defrontavam afinal em poderosa rivalidade, equilibrando-se em meritos e defensores, disputando apaixonadamente a preferencia e o dominio—Bello Horizonte e Varzea do Marçal. Esta, preferida pela comissão de estudos chefiada por Aarão Reis, offerencia mais promptas facilidades á fundação, a sua proximidade de S. João d'El-Rey, de que era um prolongamento, dava-lhe



CURRAL D'EL-REY—CASA DA RUA DA BOA VISTA

valiosos elementos, constituia-a desde logo um foco pujante de onde irradiaria rapidamente a vida e o progresso; em Bello Horizonte precisava fazer taboa raza de tudo, era, mais do que uma cidade a construir, uma vida nova a crear. Escolher Varzea do Marçal seria, para elles, a certeza da mudança da capital; designar Bello Horizonte era a convicção de que a cidade não se faria em quatro annos, annullando todos os esforços com a caducidade da lei e o effeito moral do desastre: os resistentes se declararam por Bello Horizonte.

No Congresso, o pleito chegara ao momento decisivo. No dia da votação as duas forças se equivaliam rigorosamente: o empate parecia fatal. Mas ao começar a chamada, viram entrar alguém carregado em uma poltrona: era um senador partidario de Ouro Preto, velho, alquebrado, enfermo, quasi a morrer, que havia muito não comparecia e que viera em braços para dar o seu voto.—*Bello Horizonte!* respondeu elle quando o chamaram nominalmente; e esse voto decidiu da victoria.

Fallecia pouco tempo depois.

A velha capital, essa recebia entre alegrias e festas a noticia da escolha de Bello Horizonte, certa de que a nova cidade já não era mais do que uma fantasia...

Mas a fantasia appareceu ao fim de quatro annos, viva, palpitante, dominadora. Dera-lhe alma e corpo a vontade intelligente e forte de um homem de governo—Affonso Penna e a elevada competencia de dois profissionais—Aarão Reis, que traçara os admiraveis planos de Bello Horizonte, e Francisco Bicalho, que construiu a cidade. O milagre se realisara.

Ninguem que conhecesse o logarejo humilde, sombra da antiga e abastada invernia dos gados realengos, reconhecel-o-ia agora na cidade elegante que se lhe desenrola—ao chegar, viajante moderno, em trem de ferro—deante dos olhos, abrindo preguiçosamente, como a um leque de exquisitas pinturas, a risonha perspectiva do seu casario polychromico a eflorar d'entre a ver-

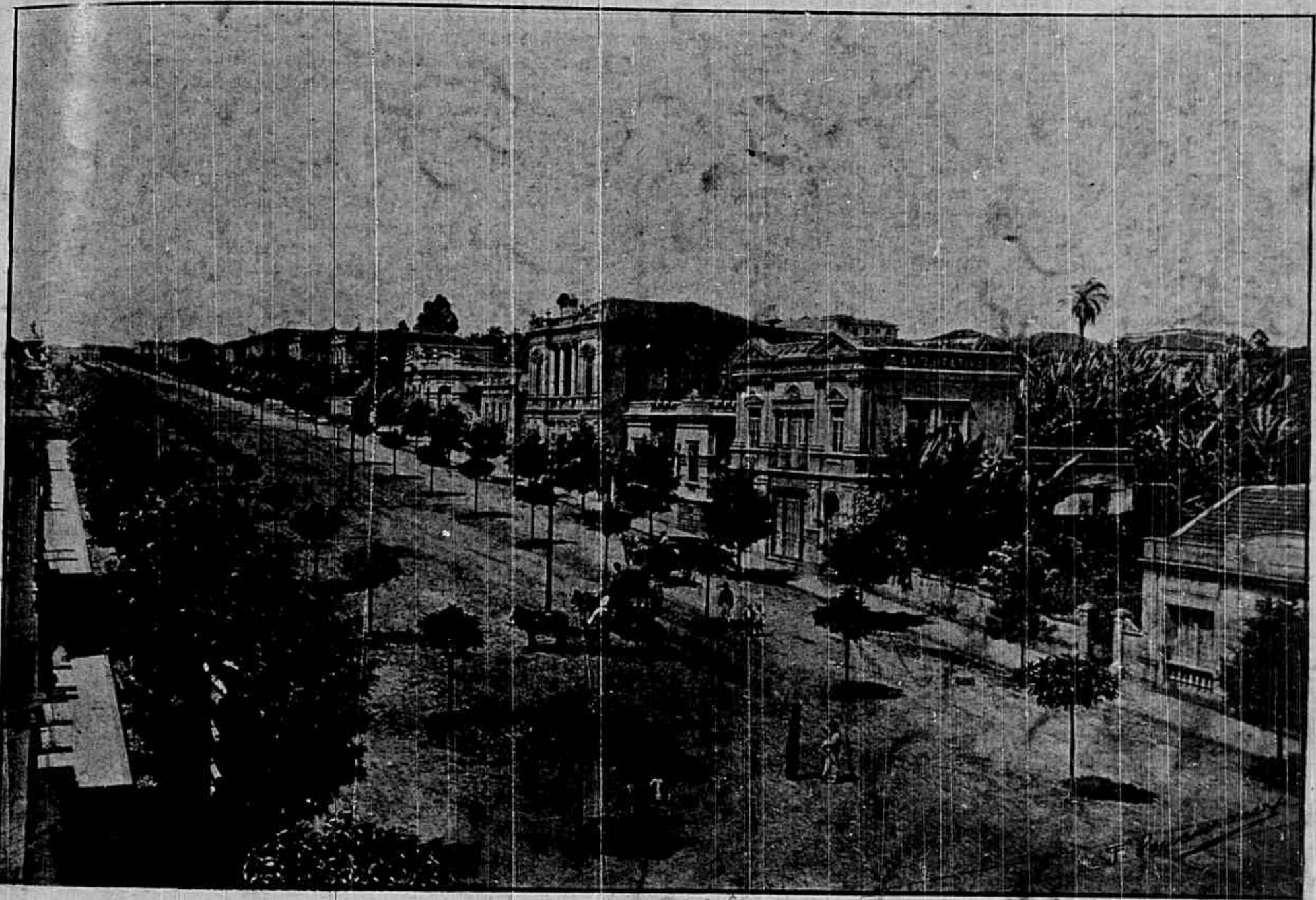
dura das arborisações e dos pomares. Debalde alongaria os olhos buscando a capellinha rustica, meio arruinada pelo tempo, no outeiro em que se erige, dominando a cidade, a secretaria de Agricultura; em vão procuraria os vestigios das tapéras da rua da Boa Vista em meio das aléas e jardins da avenida da Liberdade; rebuscaria em balde no praino de onde emergem os telhados vermelhos do bairro dos Funcionarios o trilho da rua do Capão e do caminho da Lagôa Secca., Tudo mudou.

Estamos deante de uma cidade moderna, possuindo a ultima palavra em canalisações, em electricidade, em arborisação, em hygiene, em organização administrativa, em summa, não tendo um serviço que não seja regulamentado, nem um regulamento que não seja cumprido. O «Não póde!», que o Rio de Janeiro parecia ter inscripto como divisa, não teve em Bello Horizonte fóros de cidade.

Essa capital modelo, que alguém já lembrou para séde da Republica, custou a Minas trinta e tres mil contos, quasi quanto custará a Avenida Central.

A' conta d'esse dispendio não falta quem lance as difficuldades financeiras do Estado de Minas, esquecidos de que a mesma hora de amargura torturoutoda a vida nacional e que nenhum outro tirou do seu soffrimento fundação semelhante. «Os senhores fizeram mais do que nós, disse Page Bryan em visita a Bello Horizonte; nos Estados Unidos fazemos cidades em tres mezes, mas de madeira, e os senhores fizeram esta de pedra e tijolo.»

Mas a obra civilisadora não apagou a feição pittoresca, o encanto sertanejo d'aquelles sitios bem fadados. São as mesmas as madrugadas claras, de limpidez immaculada, que nos levam ao passeio tonificante sem o arrepio friorento da bruma de Petropolis; são as mesmas as noites transparentes e constelladas, em que a terra, pontilhada de fogo pelas lampadas electricas, dá a visão, olhada de alto, de um lençol d'agua tranquilla onde se espelham trechos das luminarias do ceu...



BELLO HORIZONTE—AVENIDA DA LIBERDADE

Do carro de aluguer, que contorna os relvados da praça do palacio, vemos, espraçando os olhos pela varzea do Calafate ou fixando a ermidinha branca que se recorta ao longe sobre o perfil alteroso da serra da Piedade, que é a mesma terra acolhedora, o mesmo sertão brasileiro que nos guarda amorosamente á distancia.

Deste lado, seguindo o caminho largamente avivado de flores da quaresma e accacias imperiaes, inclina-se a verde encosta da serra do Curral. Ha alli, a poucos kilometros, caça abundantés e varia para os que gostam de atirar e bater os mattos. E não lhe faltam sitios para convéscotes e egres: si não quizermos subir até o pico da serra, de onde a vista avassala cinco cidades, acharemos em baixo, onde o crystallino veio do Serra corta o caminho, o lugar desejado. Encontra-se lá, a qualquer hora do dia,

em um reoncavo da matta, sombra e frescura. E no aconchego da merenda de campo, tendo ao lado o murmúrio discreto e o doce refrigerio do correjo, ver-se-á desfilar os sertanejos, os tropeiros que passam, cantarolando, para Morro Velho—o povoado do ouro—na clareira aberta na estrada, em cujo solo o verão a pino põe manchas fulgurantes e onde as borboletas de grandes azas douradas voltejam e as cigarras, bebedas de claridade, cantam ao sol...

Lindolpho Azevedo.

N.—As photographias reproduzidas aqui, devido á gentileza do sr. F. Soucasaux, de Bello Horizonte, pertencem ao magnifico *Album do Estado de Minas*, confeccionado pelo operoso artista, com a collaboração litteraria de Augusto de Lima, e para cuja publicação votou a Camara do Estado um auxilio dependente apenas da approvação do Senado Mineiro



O "EX-LIBRIS" E O EMBLEMA DA BIBLIOTHECA NACIONAL

A Bibliotheca Nacional acaba de mandar abrir em madeira o seu *ex-libris*, e também o seu emblema, para com elles marcar os volumes das numerosas e ricas collecções que possui. Um e outro estampa em suas paginas o *Kósmos* de hoje.



Dos desenhos foi autor o sr. Elyseu Visconti, nosso conhecido artista; da gravura encarregou-se o sr. Cattaneo.

Nas obras do fundo mais antigo da nossa livraria publica, quer dizer, nas que foram parte da bibliotheca real portugueza, depois nucleo d'aquella, não se vê nunca por signal de propriedade outra marca que não seja o carimbo impresso, com variantes de desenho e a letra *Da Real Bibliotheca*. Nos que, de proveniencia estranha, nella depois se encorporaram, nesses sim, algumas vezes se nos depara o simples rotulo sem tarja, ou com tarja singela, e o nome do possuidor do livro. De *ex-libris* artisticos, gravados, pequeno é o numero que ali se nota; a todos, porém, excedem no merecimento os que para o bibliophilo lusitano Diogo Barbosa Machado abriu em cobre o gravador flamengo Francisco Harrewyn, que os fez em Lisboa, onde então trabalhava, no anno de 1730.

Constituida a Bibliotheca Nacional, conservou ella o mesmo uso do carimbo. Nada mais natural, desde que só se tratava de uma utilidade; apenas se cogitava de estabelecer uma garantia, e para garantia dessa especie nenhum meio melhor do que esse.

Comtudo, a utilidade não é inimiga do bom gosto: podem coexistir juntos; d'ahi o entender-se, e muito bem, que a exemplo de outras bibliothecas, e do que praticam muitos particulares, também a nossa tinha direito ao seu emblema e *ex-libris*.

O *ex-libris* escolhido filia-se ao chamado genero allegorico. Entre os estylos fixados pelos autores, notadamente os inglezes, que tem levado ao apuro o estudo d'esse ramusculo da biblio-iconographia, nenhum foi considerado como esse com tanta propriedade. Uns, archaicos, seriam por isso mesmo pretenciosos; outros não se adaptariam por graciosos e demasiado leves. Melhor seria o classicismo; mas classicismo *modernizado*, si nos permittem a expressão.

Mas analysemos as nossas reproducções.

A Bibliographia, que ainda não teve até hoje, que o saibamos, o seu logar na Iconologia, foi representada pelo artista sob a fórma de uma mulher. Não lhe cobre o corpo a classica tunica, mas desataviadas vestes communs. A sua attitude é a da meditação: distrahidamente folheia o volume que lhe está proximo, e não tem consciencia, parece, de que tem na mão a penna com que naturalmente se aprestava para escrever. Rodeiam-n'a os livros: são os vehiculos das ideas, os instrumentos do estudo.

A nossa nacionalidade ahi se afirma physica e politicamente. Vemol-a na configuração da nossa terra, a salientar-se por traços paralelos, sobre o globo terrestre, de entre as demais da Sul America. Vemol-a ainda na estrella que figura ao alto, a brilhar intensamente. Circumdando o globo, um crescente com o distico da Bibliotheca.

Concorrendo com o distico poderia apparecer qualquer mote ou divisa. Mas é da natureza d'esta exprimir tendencias, paixões, aptidões; tem, pois, uma feição pessoal, que não combinaria muito com o character impessoal de uma repartição publica. Assim foi melhor só se ler o titulo da Bibliotheca. E' simples e severo. A severidade nesse caso tem a sua razão de ser.

Grande parte dos mesmos motivos diversamente se congregam para a formação do emblema. Notamos demais,

unindo-os e pondo-os de harmonia, ramos entretrecidos de passiflora; as hastes mais fortes entrelaçam-se para dar as iniciaes NB em monogramma.

Não se dirá que é este o primeiro *ex-libris* ideado, desenhado e gravado no Brasil. De um sabemos nessas condições, anterior ao da Bibliotheca: é o de um artista que entre nós vive, o Sr. Bertrand Childe. D'elle tem a Bibliotheca um exemplar, que o mesmo lhe doou. Esse, porém, é do estylo hieroglyphico.

Assim, poderia ser o nosso quando muito o segundo; mas isso mesmo não temos elementos para afirmar. Em todo o caso o que se não póde negar é ser elle um dos primeiros. De outro também temos noticia, e mesmo já o vimos, mas esse cremos foi feito na Europa: é o do Sr. barão do Rio Branco.

E só. De mais não sabemos. A iniciativa de agora virá—quem sabe?—lembrar ás instituições do mesmo genero a conveniencia de seguirem egual rumo.

Os particulares, e os ha, que têm a paixão dos livros e são donos de boas bibliothecas certo não deixariam de acompanhar exemplo tão animador.

Quasi não ha entre nós, manda a verdade dizer, quem cultive nos seus processos mais puros, e com brilhantismo, a difficil e nobre arte de gravura. E que ainda menos haverá quem tenha formado o gosto no estudo e contemplação dos innumeraveis modelos, que de seu saber e inspiração deixaram nesse particular mestres dos mais afamados, dil-o com toda a eloquencia dos algarismos a pequenissima frequencia

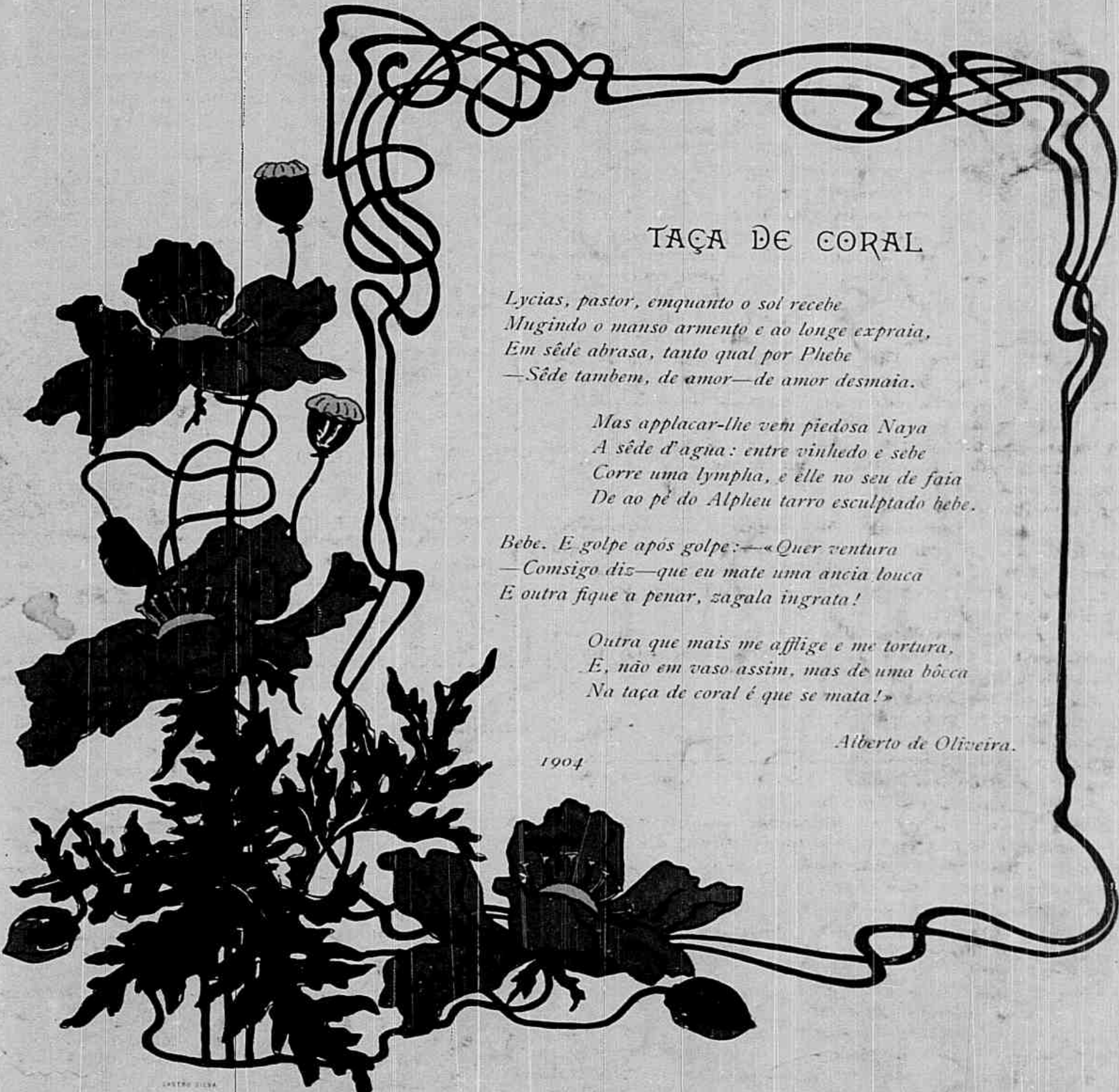


que tem a secção de estampas da Bibliotheca, aliás a unica collecção publica d'esta cidade. Mas apesar d'isso não haja receio que nos falem artistas, quando não faltar trabalho. Elles virão; surge o estímulo onde houver recompensa do esforço. Quem nos dirá si ainda não poderemos em nossos dias, após largos decennios de interrupção, ver continuada em nosso paiz aquella época do começo do seculo passado, tão fecunda e gloriosa para a nossa historia, na qual recebeu o Rio de Janeiro em seu seio, vindos da metropole, os seus primeiros gravadores?

Quem agora se collocasse em espirito naquelle tempo, certamente diria que se fundava então no Brasil a sua escola de gravura; haveria de dizer que no pequeno grupo homogéneo, Rivara, Eloy Casado, José Joaquim de Souza e outros, todos mais ou menos inspirados em Bartolozzi, não seria erro contar os primeiros mestres da nova arte introduzida no Brasil. Infelizmente assim não foi; esses mestres desapareceram e d'elles não ficaram discipulos. A gravura quasi só foi applicada ás necessidades do commercio e da industria. Breve sómente imperava a lithographia como suprema manifestação da arte. Com ella se fazia o retrato e o jornal illustrado; com ella se memoravam os episodios mais alevantados da nossa historia.

Devemos desesperar de ver um dia a gravura, entre nós, collocada no seu mais nobre papel, o de mais distincto meio de reproducção, o de auxiliar, de substituto da pintura? Certamente que não; os factos nos vão dizendo. E para terminar estas poucas linhas, não nos esqueçamos, os que por essas cousas tomamos interesse, as palavras erigidas como mote no seu *ex-libris* pelo grande artista Alma Tadema: *As the sun colours Flowers, so Art colours Life.*

Aurelio Lopes



TAÇA DE CORAL

*Lycias, pastor, enquanto o sol recebe
Mugindo o manso armento e ao longe expraia,
Em sede abrasa, tanto qual por Phebe
—Sede tambem, de amor—de amor desmaia.*

*Mas applacar-lhe vem piedosa Naya
A sede d'agua: entre vinhedo e sebe
Corre uma lympia, e elle no seu de faia
De ao pé do Alpheu tarro esculptado hebe.*

*Bebe. E golpe após golpe:—«Quer ventura
—Comsigo diz—que eu mate uma ancia louca
E outra fique a penar, zagala ingrata!*

*Outra que mais me afflige e me tortura,
E, não em vaso assim, mas de uma bôcca
Na taça de coral é que se mata!»*

Alberto de Oliveira.

1904

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24, RUA DA ALFANDEGA, 24

RIO DE JANEIRO



YUMOTO

De um album do Exmo. Snr. Encarregado dos Negocios do Japão

O DRAMA DO ORIENTE

I

PROXIMO ás costas orientaes do continente asiatico, colleando, como uma enorme serpente, entre a península russa de Kamtchatka e a ilha da Formosa, estende-se o grande imperio de Nippon, o imperio do Sol Nascente; grande, não pela extensão territorial, mas pela dilatada duração, a legendaria existencia, a mysteriosa complexidade da alma do povo que o habita, a tempestuosa effervescencia da sua vida interna e, sobretudo, o surto imprevisito com que nos ultimos annos surprehendeu a Europa e o mundo numa affirmação brusca de poder e energia.

Começou-se então a admirar, talvez mesmo a receiar, a rara aptidão daquella forte raça para apropriar-se da civilização occidental que lhe era tão extranha ha pouco mais de trinta annos, assimilando-a sem perda do seu caracter e feição nacionaes.

Habitando, ha tão longos seculos, um paiz em que a montanha e o mar são os caracteristicos da paisagem—a montanha, que habitua aos longos descortinos, ao mesmo tempo que obriga ao esforço e robustece os corpos; o mar, que dá a impressão do infinito, retempera o espirito, convida ás vastas emprezas e é um estímulo ás acções temerarias, não deve surprehender que, ao influxo de uma civilização superior, a alma desse povo, acostumado a prestar aos seus heróes o culto devido aos deuses, vibrasse com uma energia nova e irreprimivel.

Não é aqui o lugar nem haveria espaço para, mesmo em rapido esboço, traçar o quadro da historia japoneza; acompanhar, através de tão dilatados seculos, a vida accidentada da nacionalidade, sob tantos aspectos curiosa e original, que neste momento é objecto da attenção universal e motivo da justa anciedade das nações preponderantes da Europa e Asia; não se faz em meia duzia de linhas a psychologia de um povo, ainda mesmo admittindo que esse objectivo seja realisavel.

A transformação radical por que passou o Japão em seguida á revolução de 1868, data em que verdadeiramente começa o periodo moderno da sua historia, impressiona sobretudo pelo confronto com o estado politico e social de outras nações asiaticas, a India e a China em particular, as quaes havendo occupado no Oriente uma situação de maior importancia, soffrendo, desde época muito mais remota, a acção directa da influencia européa, a ella se mostraram sempre refractarias, mantendo, depois como antes do contacto europeu, pela força secular da inercia, os mesmos costumes, as mesmas aspirações negativas, os mesmos estreitos ideiaes politicos, a mesma indifferença e despreocupação por tudo quanto tivesse por fim affirmar e propagar a cultura propria e exercer no continente de que fazem parte e em que tão grande espaço occupam, a legitima preponderancia a que se deviam julgar com direito pela autoridade da historia, das tradições, da extensão do proselytismo religioso e de uma civilização que acreditam não admittir confronto, em brilho e elevação moral, com a do Occidente.

Com o Japão não succede o mesmo: o caracter nacional não admittre nem comprehende a apathia; antes mesmo do seu actual resurgimento, eram os japonezes, no meio em que viviam e com os elementos de que dispunham, um povo de alta cultura relativa, de grande espirito civico, de intelligente e elevada politica, de uma intuição original do

bello que se revela principalmente nas artes decorativas, cultivadas com inexcedivel mestria.

A veneração religiosa que lhes inspira a pessoa do Mikado, da familia dos deuses nacionaes, dá ao povo, nas grandes crises, uma cohesão que o sentimento do patriotismo, levado até a ferocidade, torna indestructivel; essa cohesão é tanto mais resistente quanto em nenhum outro povo, quaesquer que sejam as mudanças que a sua nova comprehensão do papel que lhe convém desempenhar modernamente no mundo, tenha imprimido ao seu caracter, se encontra mais aferrado apêgo ás velhas tradições, ás lendas, ás vezes bem estravagantes, da sua primitiva historia e da sua absurda religião nacional, aos seus heroes fabulosos ou reaes.

Acceitando os novos aparelhos de civilização de que a Europa lhe deu conhecimento, não os apropriou servilmente, fez elle proprio a sua aprendizagem, adaptou-os ás condições especiaes da sua vida publica, e moldou-os segundo as exigencias da indole nacional e as conveniencias da acção interna e externa que os seus novos ideiaes lhe aconselham ou impõem.

Preparado por uma forte organização interior de que a subordinação é um dos principaes elementos, disseminada a instrucção, constituídos os seus exercitos á feição européa, com uma superioridade de espirito militar e disciplina, de que a campanha de 1894 contra a China deu uma demonstração eloquente, dispondo de numerosa esquadra e de uma maruja fanatica pelas glorias nacionaes, rejuvenescido, exuberante de vida, sentindo-se capaz de grandes coisas, vai assumindo o Japão, desde a sua victoriosa investida contra o vetusto Imperio do Meio, a hegemonia das nações autonomas do Oriente.

Como se affirmará na pratica essa preeminencia? De que natureza serão os designios que impellem os triumphadores da China a intervir nas questões do continente com o vigor e energia que têm revelado, propios de quem affirmam uma autoridade sem contraste, e exige que a reconheçam e a ella se sujeitem?

Difficil é responder a estas questões, tratando-se de um povo que, por indole e por conveniencia, sabe, com habilidade sem igual, dissimular para surprehender o adversario e esmaga-lo depois com a impetuosidade e imprevisito do ataque.

Tudo, porém, faz crer que com os poderosos elementos que soube reunir, a sua forte esquadra, o seu numeroso e disciplinado exercito, a sua prosperidade commercial, as grandes reservas e recursos multiplos que lhe proporciona a sua avultada população de cincoenta milhões de almas vibrando unisonas, a rancorosa impaciencia com que contempla a acção dominadora do europeu no continente, o orgulho da raça que se considera superior e capaz de avassallar o mundo, e, sobre todas essas razões, o prestigio adquirido pelo nobre e heroico esforço com que, em tão curto prazo, menos do que a vida media do homem, conseguiu constituir-se numa das maiores potencias do seculo; tudo faz crer, digo, que ao grande Imperio do Oriente se afigura haver chegado o momento historico de iniciar a campanha da rehabilitação politica e social do vetusto e decahido continente asiatico.

Essa revindicação heroica não será um programma dos governos, mas é um impulso instinctivo e tambem consciente da raça; não se formúla em termos precisos, mas desenha-se na imaginação dos espiritos dirigentes como um quadro esplendido do futuro, em que o ideal se revela sob uma fórma sensivel; enquanto não é attingido, os esforços se apuram, multiplicam-se a actividade, a intelligencia, o afan, quasi se poderia dizer a impetuosidade, de

quem o suppõe, nas suas abusões patrióticas, realisavel com certeza, e, talvez, proximo. Assim se explica a intensidade de labor, a anciedade com que, ha trinta e poucos annos, todas as forças vivas da nacionalidade são utilizadas sem se gastarem, antes parecendo que se revigoram na luta, em produzir o *maximum* possível de poder efficiente; dir-se-ia, ao observar este imprevisito desprendimento de energias desconhecidas porque não eram aproveitadas, que a luz se fizera nos espiritos, que uma subita revelação, desvendando-lhes o segredo da força européa, do esplendor da civilisação occidental, lhes suggerira a idéa de utilisar em seu proprio proveito, fazendo-o servir opportunamente contra a supremacia da raça usurpadora e detestada.

Mas um obstaculo formidavel se põe diante desta empreza de gigantes; é um colosso que do alto domina os continentes e contra o qual todo o esforço tem sido sempre impotente—a Russia. A alma heroica e entusiastica dos filhos da velha Nipponia não se intimida nem hesita. A guerra é declarada, as legiões se abalam, os pòssantes couraçados fendem as ondas; é preciso vencer ou morrer.

II

Roble fabuloso cujas raizes se nutrem da seiva de dois mundos, e a cuja sombra se abrigam cento e quarenta milhões de homens, de raças e religiões differentes, mas unidos por incontrastavel sentimento de solidariedade nacional, a poderosa e dominadora terra dos «homens armados de Rus» vê hoje, varando as ondas dos mares orientaes, a serpente japoneza, colerica e mugidora, caminho do tronco gigante que intenta abalar ou desarraigá-la. O assalto será violento e glorioso; mas, até onde pôde chegar a previsão humana, parece que ainda esta vez o esforço será perdido. Do Baltico ao Pacifico, do oceano Polar ao mar Caspio e ás fronteiras da China, por toda a vasta extensão da steppe, os ramos da arvore colossal continuarão a espalhar a sua sombra.

Basta folhear a historia.

Ainda nos tempos da barbárie, quando as immensas planicies do oriente da Europa e do norte da Asia eram percorridas pelos Scythas nomades, Slavos, Samoyedas, Yakoutes, quando não as habitavam povos cultos, nações organisadas, mas tribus errantes vivendo do saque e da pilhagem, foi ahi, nessas longinquas regiões selvagens e mysteriosas, que se fabricaram as primeiras catapultas que, utilizadas por elles proprios ou por outros povos d'elles oriundos ou por elles impellidos, deviam dar por terra com o mundo romano; dahi partiram, com a impetuosidade das avalanches e como que obedecendo a um impulso irresistivel, aquellas hordas innumeraveis que, servindo inconscientemente á causa da civilisação, sujeitaram as nações aviltadas e polluidas pelos vicios da decadencia romana, a uma longa e tragica purificação pelo sangue.

Dahi, uma completa renovação de todas as cousas, a lenta formação das nações modernas numa gestação laboriosa e fecunda que abrange todo o periodo da idade media.

Na Russia, aos Scythas succedem os Sarmatas; a estes, os Godos que fundam no IV seculo um imperio que se estende do Baltico ao mar Negro; aos Godos, os Hunos cuja dominação é rapida e se extingue no seculo V; entre o Baltico, o Volga e o mar Branco reinam os Finnezes que no seculo XIII são supplantados pelos Mongoes; onde hoje se encontram Pskov e Novgorod viviam os Slavos; os Varyags, povos da Scandinavia, ahi se instalaram no IX seculo. E' este o nucleo do Imperio Russo.

Em torno desta primeira cellula outras se agrupam; começa então um longo e admiravel processo de transformação, de differenciação e multiplicação da cellula primitiva, processo que ainda hoje dura, porque esse gigante está longe de haver completado a sua evolução; ha mais de mil annos que se desenvolve, mas a sua possança é ainda a do Hercules infante.

A séde do governo passa no decorrer dos seculos, de Novgorod para Kiev, de Kiev para Moscow, de Moscow para S. Petersburgo. Cada um desses estadíos é assignalado por expedições gloriosas, que levam cada vez mais longe a irradiação do poder central e contribuem para o progresso da cultura intellectual e moral.

A civilisação bysantina com o christianismo—a sua mais alta expressão—remodela os espiritos.

Si Vladimiro, o Clovis da Russia, abre essa estrada para o aperfeiçoamento moral, Yaroslav o Grande, o seu Carlos Magno, dá o primeiro codigo de leis.

Mas durante esse periodo da infancia da civilisação slava, uma crise terrivel ameaça-a de completa destruição; sobre essa aurora uma grande sombra se projecta.

Nas montanhas circumvizinhas do rio Amour, ao norte da Mandchuria, na China, no extremo oriente da Asia, vivia obscuramente uma tribu de pastores; no principio do seculo XIII appareceu entre elles, diz a lenda: «Um homem de gigantesca estatura, fronte larga, longa barba e notavel por sua bravura». Esse homem era Gengis-Khan. Arrebanhando todas as tribus circumvizinhas e as innumeraveis que vagavam na immensa steppe que ia percorrendo, o Nemrod asiatico apodera-se da China septentrional, conquista a Russia, invade a Polonia, a Hungria, a Bulgaria, a Servia e a Dalmacia, volta á Asia e funda o imperio colossal que se estendia dos Karpathos ao Pacifico, do oceano Arctico ao Himalaya; mais de dois seculos foram precisos para destrui-lo. Em 1480 Ahmed, ultimo Khan da grande Horda, succumbe na foz do Don, ao ataque de Ivan o Grande. Com a queda do dominio tartaro encerra-se a idade media moscovita.

A Siberia é conquistada aos indigenas por Irmak, chefe dos Cossacos; a região do Volga é incorporada ao imperio, a «terra russa» unificada, o poder absoluto, resultante da dominação tartara, consolidado, estabelecido o convívio com a Europa occidental.

O sol nascente já fecunda uma vasta extensão territorial e projecta a sua luz sobre uma raça cada vez mais poderosa.

A Russia, já então grande potencia asiatica, inicia a segunda parte da sua missão historica, e vai conquistar no Occidente a posição privilegiada que o seu destino lhe assegura.

No seculo XVII as suas relações com a Europa são frequentes e proveitosas; a cultura occidental melhora o seu estado social; o commercio progride, industrias varias se estabelecem, os livros santos são revistos segundo os textos gregos pelo patriarcha Nikone.

Continúa, entretanto, a luta secular pela integração da terra patria; depois de vinte e dois annos de combates os Estados Balticos, Livonia, Esthonia, Ingria, Carelia e parte da Finlandia ficam sujeitos ao dominio russo; o Kamtchatka, no extremo oriental da Asia, é annexado; Catharina 2^a conquista a Criméa; sob o mesmo reinado, a Lithuania e parte da Polonia são incorporadas ao imperio; a Russia prolonga as suas fronteiras por entre a Prussia e a Austria.

No principio do passado seculo, e em consequencia das campanhas napoleonicas, a sua posição na Europa é de incontestavel hegemonia, que ainda hoje se mantém.

O grão-ducado de Varsovia e a Finlândia vem ainda augmentar o seu poder. Arranca aos turcos a independência da Grecia e completa a annexação da Polonia, a velha inimiga tradicional que, por divergencias de fé religiosa e ciúmes de dominio politico, esquecera a origem commum e travara com os filhos de Rurik, seus irmãos, a lucta secular e sem treguas que devia terminar pelo seu proprio aniquillamento politico.

Em lucta com a Turquia, é a sua acção embaraçada pela França e a Inglaterra que temem o desenvolvimento assombroso do seu poder na Europa, e preferem ver a velha Bysancio, a Meca das nações slavas, em poder dos Musulmanos, a que se realise o ideal, ao mesmo tempo politico e religioso, que visa ornar a corôa dos Tsares com a aguia bicephala dos antigos Imperadores do Oriente. A batalha d'Alma e a queda de Sebastopol serviram para mostrar ao mundo que a oportunidade não era ainda chegada.

O Caucaso é definitivamente conquistado, o territorio do Amour annexado assim como o Turkestan.

Vinte e poucos annos depois da queda de Sebastopol, a Turquia vencida é desmembrada e obrigada a acceitar a libertação das nações de raça slava sob seu dominio: imposição logica e humana, partindo de um povo do mesmo sangue que havia por duzentos annos experimentado a tyrannia dos tartaros, e fôra o primeiro a sacudir o jugo.

Assim, em onze seculos, o diminuto principado de Moscovia se transformou no poderoso imperio cuja superficie é maior que o dobro da Europa, occupada por uma população numerosissima que cresce de mais de um milhão de almas por anno, num territorio homogeneo, tendendo ella propria á homogeneidade, apesar de, por estender-se sobre dois continentes, de cada um dos quaes abrange a maior superficie, conter em seu seio povos de raças e religiões differentes: e é exactamente o regimen autocratico contra o qual se revoltão certos espiritos liberaes mas pouco observadores, que levará a esse resultado, com a forte centralisação administrativa, que é a sua condição essencial.

Sem elle, esse prodigioso monumento do poder humano que se chama o Imperio Russo, inacabado ainda, cuja construcção ainda prosegue sob nossas vistas, e que seria absurdo admittir que está sendo erguido para não ser utilizado, rui sobre si mesmo. A sua mole cyclopica destaca-se no alto, ainda rude, ainda não desbastada pelo cinzel do artista: o trabalho sobrehumano fatiga os operarios: ha soffrimentos, desesperos, lagrimas, revoltas, que importa? E' o cimento da grandeza, é o prognostico da gloria futura, é o prenuncio de que a vasta obra de civilisação que tem de ser effectuada nos dois continentes que domina, será levada a cabo.

E' uma das tristes e mysteriosas contingencias a que obriga a imperfeição das cousas humanas, que todas as grandes construcções sociaes devam ser regadas com o pranto e o sangue de irmãos.

Para que Roma perdures é preciso que Remo succumba.

III

Si ha povos predestinados, si uma grande missão social e humana lhes está confiada, ao povo russo nenhuma parece mais adequada do que a de tomar o primeiro lugar entre os que devem effectuar a transformação politica e social do continente asiatico. Occupando a maior superficie dos dois continentes, exercendo em ambos a preeminencia que lhe dá a sua força provada, o seu irresistivel

poder de expansão, que a necessidade de garantir a segurança das suas fronteiras e razões economicas, historicas e até geologicas explicam: pela sua propria constituição ethnica para a qual contribuíram e continuarão a contribuir os dois continentes com as cellulas mais ricas do seu organismo: o povo em cujas veias se mesclárão o sangue scandinavo e o sangue tartaro, é no momento actual da historia o mais legitimo e natural intermediario das duas civilisações.

Uma parte da gloriosa tarefa já está desempenhada: e esse primeiro trabalho é a confirmação da missão social que lhe incumbe: o caminho atravessado pelas hordas tartaras no seculo XIII, juncado pela barbárie de cadáveres, assolações e ruinas, acaba de ser percorrido em sentido contrario pelas legiões civilisadoras da raça slava, a construir cidades, espalhar culturas, organizar e manter populações novas: o estandarte moscovita, emblema da renovação prodigiosa que se vai operar, tremula hoje nessa mesma Mandchuria, nessas mesmas montanhas do Amour, donde, ha setecentos annos, se arrojaram sobre a Europa, através da steppe infinita, com o odio nos corações, a ferocidade nas almas, olhos chammejantes de furor, as multidões sanguinarias de Gengis-khan.

A lucta que agora se inicia no Extremo-Oriente, o duello de gigantes a que o mundo começa a assistir temeroso da conflagração geral de que póde ser causa, é um episodio glorioso nesta marcha para o futuro: o arrojo heroico com que o Japão se põe diante do colosso que surge e caminha, póde deter-lhe por um momento os passos, mas terá de ceder fatalmente, porque elle representa a civilisação que não pára nem estaciona, que procura novos campos de acção: porque a Era Nova da Asia começa, e registrar os seus fastos vai ser uma das grandes tarefas do seculo.

Para leva-la a cabo não quer collaboradores o forte imperio do Sol Nascente: elle só se julga bastante para essa empreza de Titans: essa collaboraço é a de uma raça odiada pela preponderancia que já adquiriu e que é preciso annullar, porque o seu triumpho seria a destruição completa de todo o estado social das velhas nações orientaes, com as suas tradições das mais remotas eras, as suas religiões, os seus mythos, a originalidade dos seus costumes nacionaes: seria, enfim, o aniquillamento da alma asiatica pelo Espirito do Mal que impera no Occidente. Dahi, a violencia, a impetuosidade, a energia feroz e indomavel da sua reacção.

A Russia tomou a dianteira: com ella enfrenta e espera esmaga-la: o seu furor seria o mesmo, a mesma a sua esperanza, si outra qualquer nação occidental lhe oppuzesse os mesmos obices.

Mas terá de recuar, de ceder: será o primeiro povo do Oriente a completar a sua transformação, por ora toda superficial: a pasmosa energia que tem demonstrado será para isso o melhor instrumento, e acabará concorrendo para a obra do aperfeçoamento social do continente em que ora se debate com o furor do velho crente que sente a alma agitada pelo clarão de uma nova fé, e não quer ser convertido.

O progresso é, porém, intransigente e implacavel: a conversão é fatal. O espirito christão que creou e desenvolveu a civilisação occidental, triumphará por fim da estagnação moral a que estão condemnadas tantas centenas de milhões de almas, educadas ha tantos seculos naquella enervante e sombria philosophia do desespero que se chama o budhismo, que impõe ao ser pensante e sensivel, como o ideal da perfeição, o aniquillamento intellectual e moral—o nirvana—, a destruição do proprio ser,

não pelo suicidio, não pela violencia, mas pela renuncia a toda ideia, a todo sentimento, de modo que, asphixiado pelo vacuo, possa fugir á fatalidade do mal que as transmi-grações das almas e as existencias successivas perpetuam.

Nesse mar morto em que ha tão longos seculos vivem meio submersos milhões e milhões de homens, a civilisa-ção do Occidente fará penetrar as marés vivas do Chris-tianismo, não mais pela catechese de missionarios, pela predica, pela explanação de dogmas, por discussões theo-logicas, mas pela demonstração pratica, fecunda e persua-siva dos seus resultados.

E então, si no sub-solo da velha terra asiatica ainda vive a semente dessa civilisação pre-historica que uma len-da obscura nos representa como havendo attingido ao seu apogeu e illuminado o mundo com um esplendor nunca mais igualado, talvez que agora, sob a influencia de uma atmos-

phera profundamente modificada, ao calor de um novo sol, adubada pelas caudaes de sangue que terá de ser vertido, ella germine e fructifique com um vigor e exuberancia centuplicados por seculos de repouso e accumulção de humus e seiva, semelhante a esses grãos de trigo que sepul-tados ha tres mil annos nos sarcophagos das mumias do Egypto, confiados recentemente á terra occidental, brotaram do solo estranho, desabrocharam e curvaram-se ao peso das douradas espigas, como que annunciando ao mundo a era nova que começa.

Qualquer que seja o resultado do conflicto actual, a causa da civilisação triumphará por fim.

Assistimos ao primeiro acto do drama, si é que não estamos ouvindo o primeiro canto da epopéa do seculo.

J. C. de Mariz Carvalho



EQUAÇÃO MATHEMATICA

Na sciencia mathematica as noções de grandeza e de equação devem ser consideradas fundamentaes; a primei-ra, por sua plena generalidade, constitue o objecto con-stante da sciencia; e a segunda, pelo papel a si peculiar, é destinada a caracterisar a contextura geral da mesma sciencia.

E', portanto, manifesta a importancia capital do ver-dadeiro conceito da equação mathematica, que os mestres actualmente definem:—*a igualdade entre duas funcções ab-stractas das quantidades consideradas.*—Essa definição é profundamente erronea, como passamos a demonstrar.

A mais ligeira analyse evidenciará, de modo irrecu-savel, que não existe relação de igualdade entre as func-ções constitutivas de uma equação. Em primeiro lugar, todo o problema capaz de solução nos revela a existencia de duas ou mais funcções distinctas, isto é, desiguaes, cujos valores coincidem, segundo as condições nelle con-signadas. Tomemos para exemplo a equação da para-bola, referida ao seu eixo e á tangente ao vertice, $y^2 = 2px$; a funcção y^2 é profundamente desigual da funcção $2px$, coincidindo apenas os valores resultantes, quando se attri-bue valores particulares a uma das variaveis x ou y . Mas, para que as funcções sejam consideradas iguaes, não é bastante que os seus valores coincidam em determinadas circumstancias; esse facto determinará, apenas, a equiva-lencia das mesmas funcções. As idéas de equivalencia e de igualdade em mathematica são perfeitamente definidas; não se confundem: um triangulo é equivalente a um rec-tangulo da mesma base e metade da altura; e ninguem

pretenderá afirmar que o primeiro é igual ao segundo. Portanto, a equação $y^2 = 2px$ exprime a equivalencia das funcções differentes y^2 e $2px$, mas nunca a igualdade destas funcções. Generalisando, já poderíamos definir equação:—*a equivalencia entre duas funcções abstractas das quantidades consideradas.*

Mas, ainda assim modificada, essa definição não é appropriada ao definido. Nem sempre a traducção ana-lytica dos dados de um problema se apresenta sob a for-ma de equivalencia de duas funcções. Tomemos para exemplo o seguinte problema:—«Dois moveis M e N, par-tindo de pontos differentes, se deslocam de modo a appro-ximar-se reciprocamente, com velocidades diversas; se procura saber em que ponto do trajecto terá logar o en-contro»—Chamando a a distancia entre os pontos de par-tida, b a velocidade de M, c a de N, e P o ponto de encon-trô, será x o caminho percorrido pelo primeiro e y o per-corrido pelo segundo M — $\frac{x}{b}$ — $\frac{y}{c}$ — N

Com os dados acima se obtem o systema das duas equações seguntres: $x+y=a$ e $\frac{x}{b} = \frac{y}{c}$. Ora, na primei-ra equação, o primeiro membro $(x+y)$ é uma funcção; mas, o segundo (a) (dadas as condições do problema) é uma constante. Daqui se conclue que nem sempre a equação é a equivalencia de duas funcções; pois que ella pode consistir na equivalencia entre uma funcção e uma quan-tidade constante.

Em vista do exposto, podemos definir equação:—*a expressão da equivalencia de duas quantidades, uma das quaes pelo menos deve ser expressa por uma funcção.*

Espirito Santo



AVENIDA DE CRYPTOMERIAS EM NIKKŌ KAIĐŌ

De um album do Exmo. Snr. Encarregado dos Negocios do Japão

ESTADO DO PARANÁ

EXPOSIÇÃO PREPARATORIA DA DE S. LUIZ



Aspecto geral da praça, em Curitiba, no dia da inauguração

A exposição regional paranaense, preparatoria da de S. Luiz, foi inaugurada em 19 de Dezembro do anno findo, e deve ser conservada aberta até Março do corrente anno.

Compõe-se de 16 bellissimos pavilhões, de uma feitura artistica muito original.

Quasi todos os municipios do Estado acudiram ao appello da *Sociedade de Agricultura*, remettendo para esse certamen grande copia de productos de lavoura e industria.

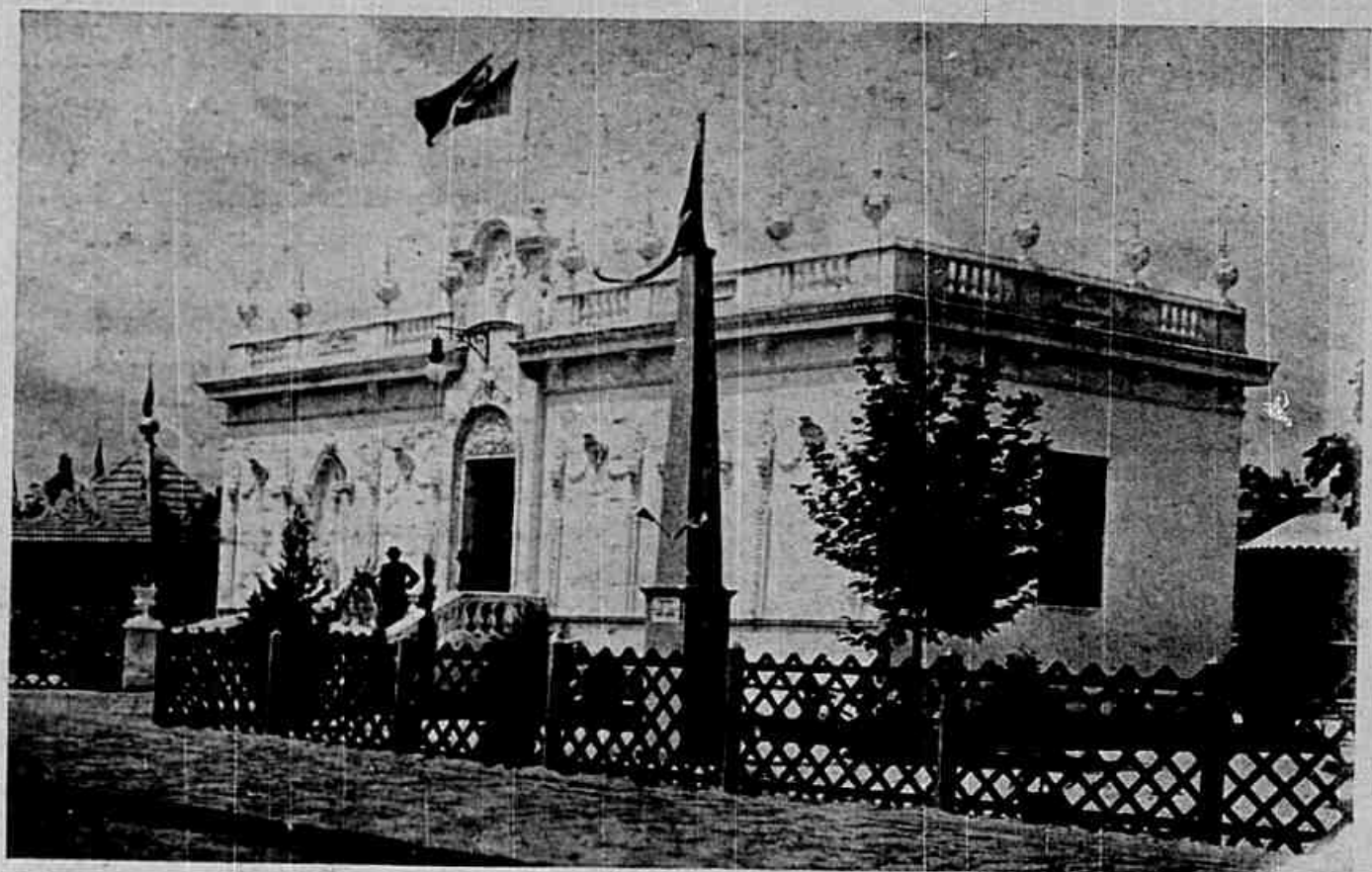
A imprensa da Capital Federal e dos Estados, tem-se occupado largamente d'esse successo, que veiu pôr em evidencia as favoraveis condições de desenvolvimento em

que se acha o Paraná,—a mais nova circumscripção da nossa Republica.

Vamos dar ligeira noticia dos productos expostos nos differentes pavilhões, e por onde se poderá avaliar o espirito progressista d'este povo do sul do Brasil.

Dos productos expostos, cerca de 15 mil foram remetidos para a Exposição de S. Luiz, acondicionados em 173 volumes, com um peso total de 6.162 kilogrammos.

PAVILHÃO DE ENTRADA. *Municipio de Curitiba*—Riquissimas obras de marcenaria. Calçados e fôrmas que rivalisam com os melhores productos estrangeiros. Pinturas a oleo e aquarellas. Photographias. Tecidos, fios de seda, lã e algodão. Gravatas e espartilhos. Mappas topographicos.



PAVILHÃO DE ENTRADA



PAVILHÃO POLACO

simas variedades, pecegos, maçãs, marmellos, peras, ameixas. Conservas. Grande copia de amostras de feijão, milho e arroz. Farinhas. Amidon. Cutilaria. Cortume. Phosphoros.

Pavilhão de Paranaguá.—Productos do littoral: arroz, feijão, farinha de mandioca e polvilho. Abacaxis, bananas

Esculpturas. Bilhares. Chapéos. Carimbos de borracha. Louças de porcelana da villa Colombo. Instrumentos de musica.

PAVILHÃO CENTRAL. Municipio de Curitiba—Productos alcoolicos: licores, vinhos, cerveja, bitter, fernet, champagne etc., de diversos fabricantes. Productos de confeitaria. Sabonetes e vellas de stearina. Fumo em corda e em folha. Cigarros e charutos. Massas. Vassouras e escovas de todos os systemas. Pinturas decorativas. Collecções de insectos. Bichos de seda. Cultura da cevada, centeio, linho, trigo e alfafa. Colmeias e mel de abelha. Mudas de herba matte por sementes. Grande variedade horticultura: alcachofra, espinafre, beterraba, cebola, rabanete, cenoura, batatas, etc. Morangos. Fructas de Europa, acclimatadas, e do Paiz: uvas de muitis-



PAVILHÃO DE ANTONINA

e laranjas. Conserva. Instrumentos de pesca e de lavoura. Grande collecção de madeiras de lei. Phosphoros. Orchideas. Cepas. Variedades de plantas da marinha. Fibras. Cordoaria.

Correio e Telegraphos.—Installações apropriadas para agencia postal e telegraphica. Venda de cartões postaes da Exposição e de sellos.

Pavilhão de Antonina.—Amostras de manganez, turfa, madeiras, kaolim. Farinhas de mandioca e de banana. Fructas. Conservas de peixe. Vellas e sabão. Variedades de arroz em casca e pilado. Fibras.

Castro.—Laticínios. Plantas medicinaes. Vellas de cera. Mineræes. Madeiras. Industria pecuaria.

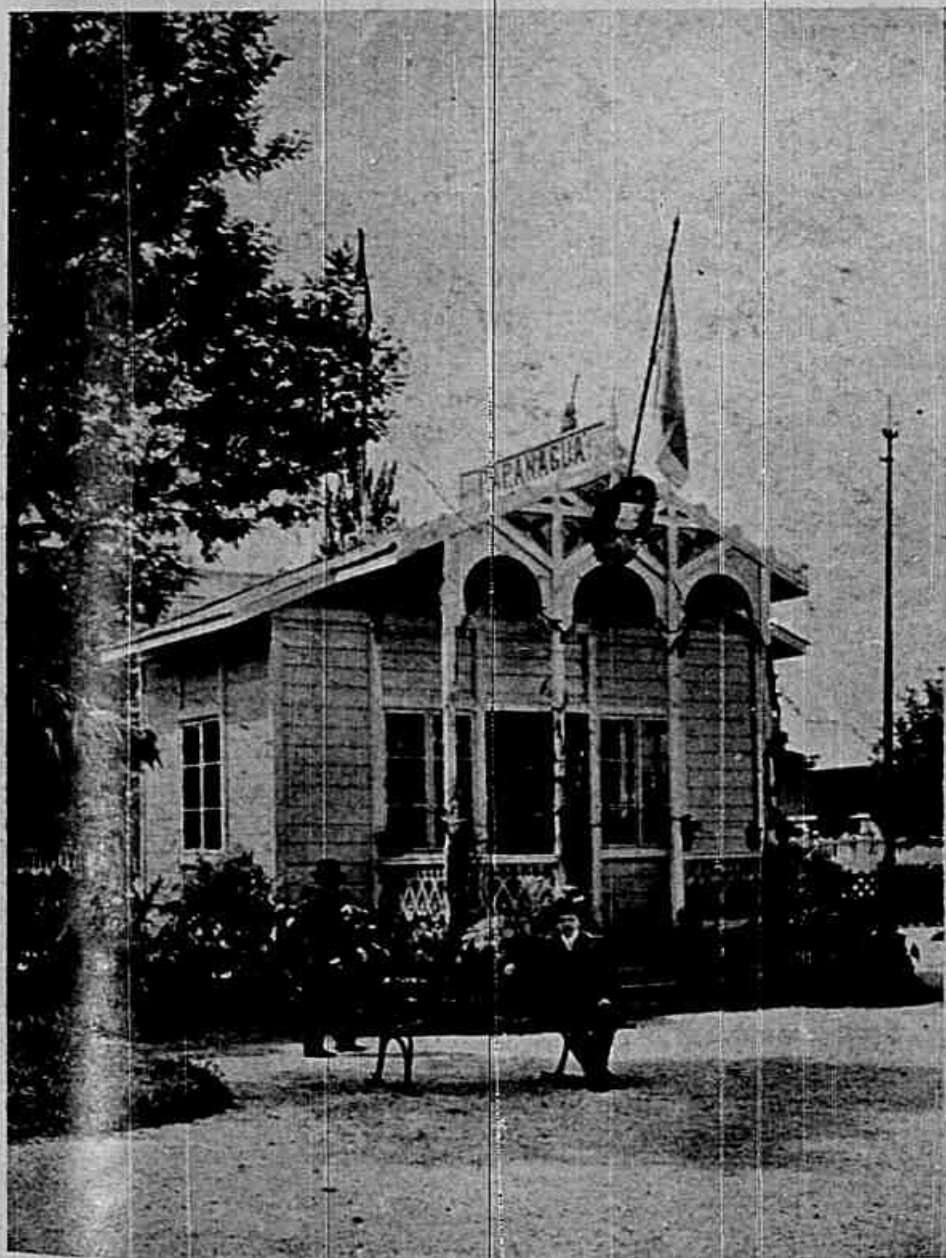
Ponta Grossa.—Carvão de pedra, ferro, cobre. Madeiras. Plantas medicinaes. Industria pastoril, laticínios. Crystaes de rocha e diversas amostras de outros mineraes. Pinturas a oleo e a fusain. Couros. Oeres. Artefactos da vida campeira.

Pavilhão Withers.—Sabonetes, vellas e perfumarias.

Pavilhão das machinas.—Productos das grandes usinas de fundição de Segmuller e Muller & Filhos, turbinas, caldeiras, dynamos, bombas hydraulicas, sinos, cutilaria, aparelhos agronomicos, granadas, machinas de diversos systemas e empregos,—tudo quanto a industria me-

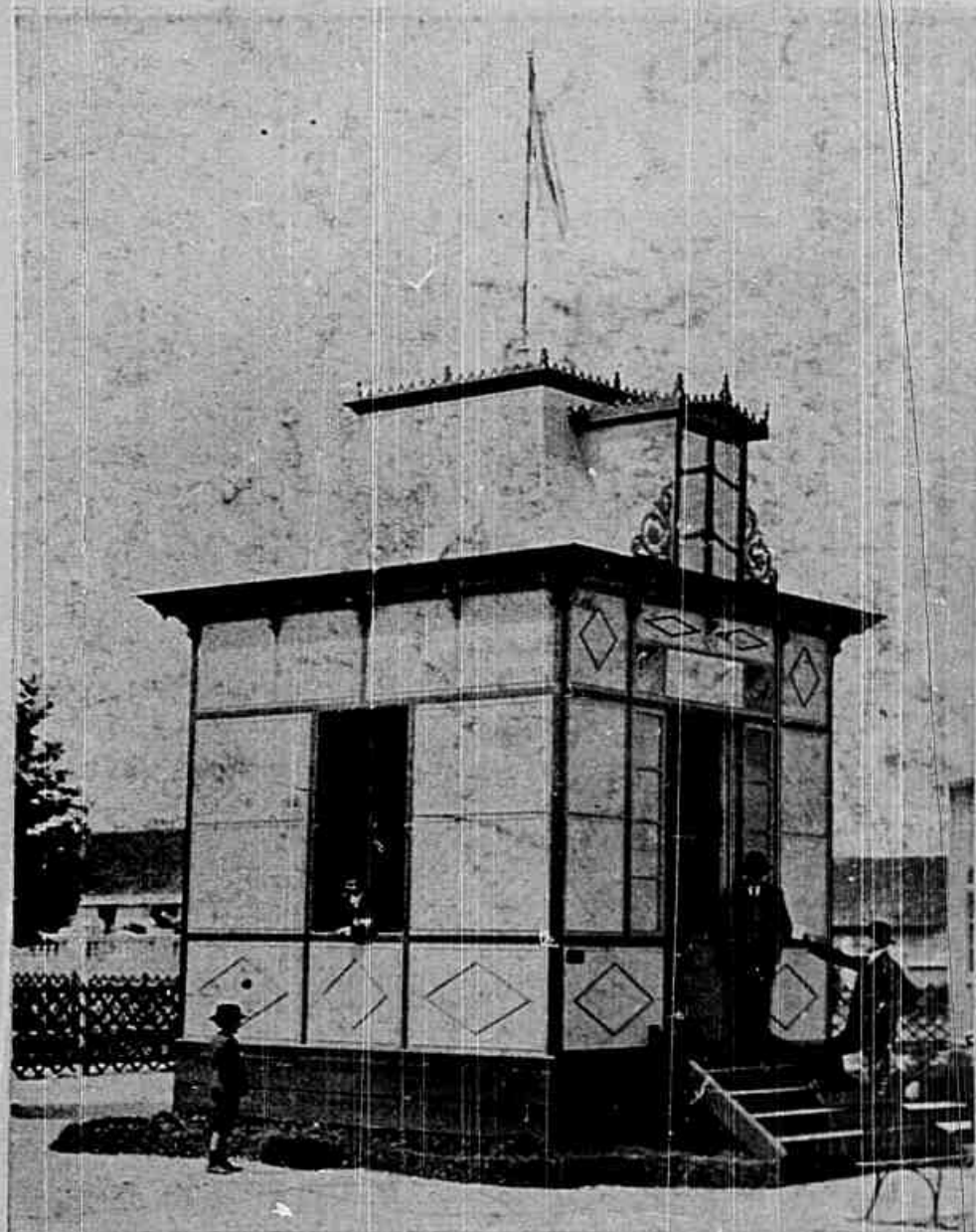


PAVILHÃO CENTRAL



PAVILHÃO DE PARANAGUÁ

talica pôde exigir em perfeição e resistencia. Louças de aluminio. Pulverisadores. Bijouteria.



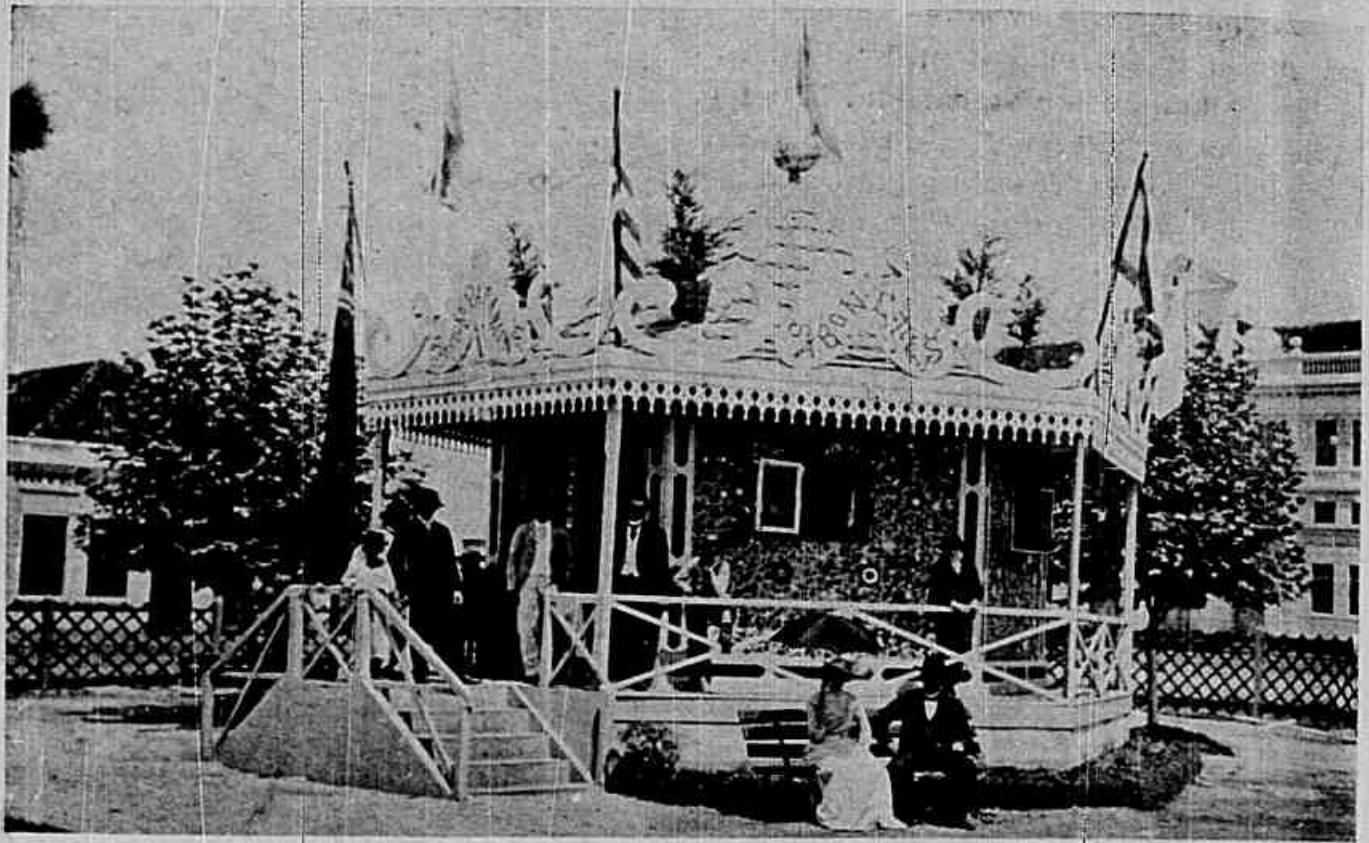
PAVILHÃO DO CORREIO E TELEGRAPHOS

Pavilhão Polaco.—Productos de agricultura e pequena lavoura. Couro. Chapéos. Ceramica. Tecidos de linho e

algodão. Calçados. Sementes. Tintas. Bicho de seda. Avicultura. Apicultura.

Pavilhão do «Trust».—Exposição variadíssima de productos de diversos municipios, sem pavilhões especiaes. Fabrica de louça de barro da Villa Colombo. Obras das serrarias da villa Deodoro. Bengalas. Obras de entalhe e de laminação. Aguas mineraes de Ouro Fino, municipio de Campo Largo. Doces. Conservas. Licores, cerveja e vinhos. Banha. Mineraes. Tinturaria. Generos de consumo. Pequena lavoura. Modelagem. Madeiras.

Pavilhão das flores—Bellas colleções de orchideas, expostas por Joaquim Americo, Sabatella, Romano Martins e do *orchidario* do capitão Nascimento; variedades de tinhorões (*caladium*), *carex japonica*, *hydrangea hortensis*, *gladiolus*, *dhalias* e *violas* expostos por Henrique Dorfmund; *begonias*, por Agostinho Ermelino de Leão Junior; *gloxinias*, por Mme Volk; *avencas*



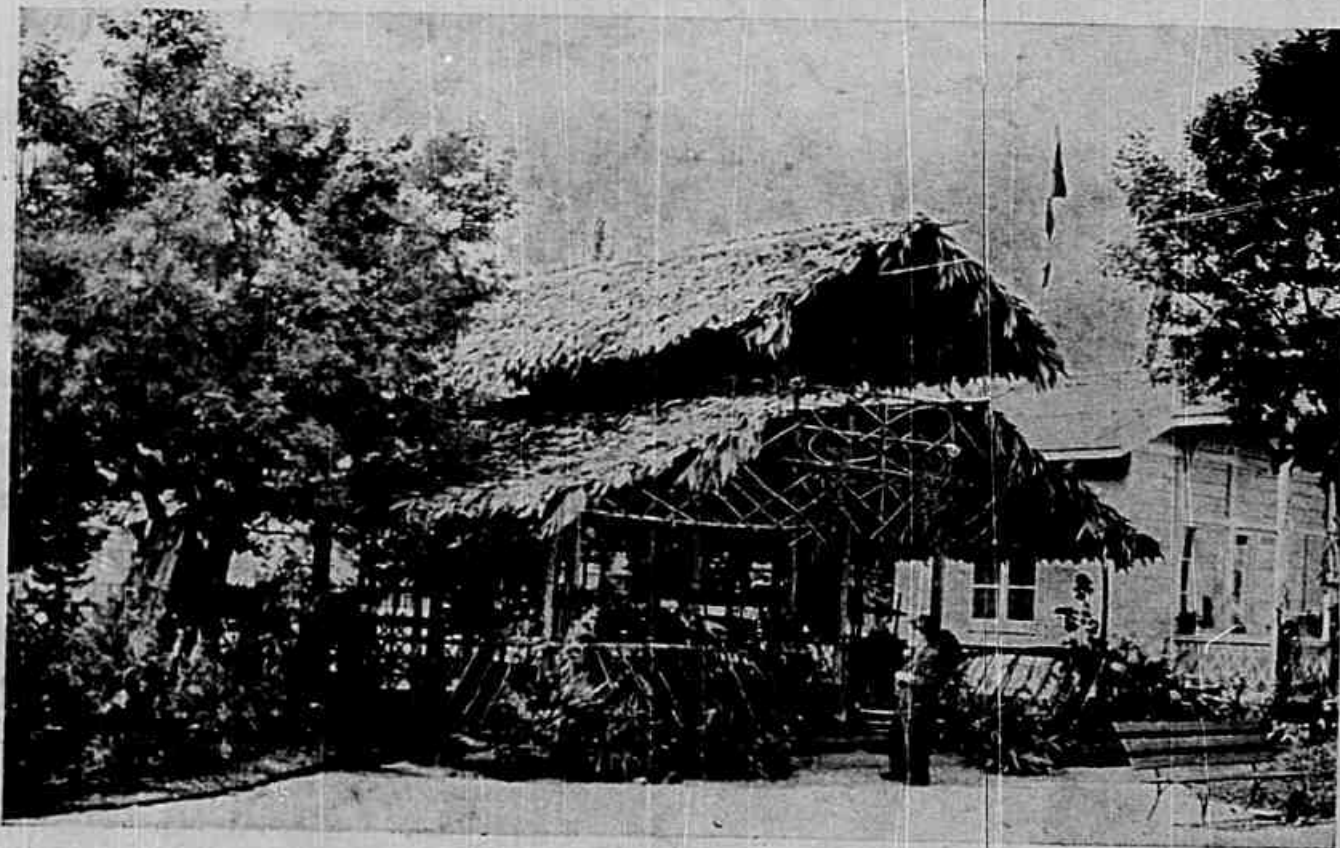
PAVILHÃO WITHERS

e *fuchsias* pela senhorita Vidal. Da importante chacara Poplade vieram bellos specimens de palmeiras, cedros, *cryptomeas* etc. Henrique Korner estabeleceu no centro do pavilhão das flores lindo aquario, que tem sido o encanto das creanças que diariamente povoam o parque.

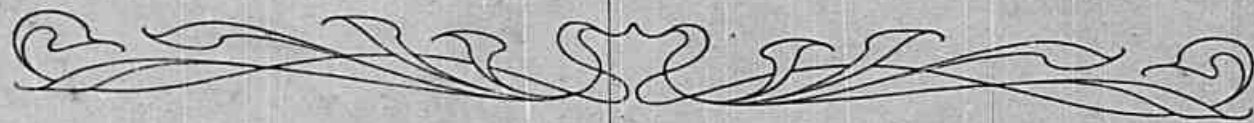
Dois outros importantes pavilhões alli se ostentam: o de *herva-matte*, com um engenho em miniatura movido por meio de electricidade, e grande variedade de productos das fabricas de Guimarães & C. Macedo & Filho, B. R. de Ázevedo & C., Victorino Correia e outros; e o de *S. José dos Pinhaes*, contendo productos da prospera villa: couros, generos de lavoura em grande quantidade, mappas geographicos, rica colleção de madeiras, blocos de ferro e de *crystaes*, plantas medicinaes, e como representante da pujança da flora paranaense, enorme tronco de pinheiro, medindo 2, m5 de diametro.

Rstaurantes e salão concerto.
Coritiba,

Domingos Nascimento.



PAVILHÃO DAS FLORES



TRES SONETOS INEDITOS

DEUS

La connaissance positive ne remplit pas et ne pourra jamais remplir le domaine entier de la pensée possible.

Spencer (P. P. P. 13)

Ha mundo limitado e mundo indefinido. . .
Quem susta o pensamento excede Josué!
A sciencia não pode, além do conhecido,
Deter a crença humana e derrocar a fé.

Dois mundos ha no mundo:—o cosmos dividido. . .
Aqui, eis a sciencia; além sempre de pé,
O incognoscivel duro, immenso, soerguido,
Sphynge perenal, foi hontem o que hoje é.

Por isso eu sinto sempre, atrás das apparencias,
Acima da sciencia, acima da razão,
Um *ser* que vem na historia, a par das consciencias,

Mais bello cada vez que o homem os dotes seus
Podia melhorar, formando a concepção
Do *ser* mysterioso a quem chamamos—Deus.

Escola Militar, em 1887

Lauro Müller.

DEUS

La religion n'a jamais bien compris que sa position central est inexpugnable.

Spencer (PREMIERS PRINCIPES)

Eu amo a natureza, e a comprehendo
Nesse conjuncto harmonico, arroubado,
Cuja causa fatal ha perturbado
Todas as gerações, mysterio sendo!...

Qualquer simples phenomeno ou estupendo
Que nos tenha uma vez impressionado,
Tem uma lei, e está relacionado
A um conjuncto de leis que o estão prendendo.

Mas, quando é fraco o auxilio da razão
Deante deste facto—o inexprimivel,
Nos limites de espaço e duração,

Aquillo que se torna inconcebivel,
Mas que se sente, e está na evolução,
E' real e persiste—Incognoscivel!...

Escola Militar, em 1887

Edgard Damon

DEUS

Arretée par un éternel mystère, la raison n'a plus le droit d'affirmer ou de nier et ne peut que se prosterner

L. Bourdeau (THEORIE DES SCIENCES)

Se além dos mundos que o pensar descobre,
Um *ser* se eleva, que é immortal, enorme;
Se aquem da vida que a natura encobre,
Um *que* se perde, que é fatal, informe. . .

Não sabe, eu o creio a crença altiva ou nobre,
Gigante ingente que não cahe ou dorme;
Pois, deveras, a mente humana é pobre. . .
Se o prisma é estreito, é o pensador conforme.

No entanto diz-se que um poder existe,
Protheo, mysterio, que eternal persiste
Por todo o cosmo indefinido, extenso. . .

Dizer, porem, que nisso um Deus consiste,
E' luz, verdade, bello raio intenso
A projectar-se pelo espaço immenso.

Escola Militar, em 1887

Moreira Guimarães.

E agora . . . a historia dos tres sonetos ineditos.
Conseguiu *Kósmos* surprehendel-a, ha dias passados,
folheando paginas e paginas da brilhante e fecunda vida
da antiga Escola da Praia Vermelha.

Facto commum nas relações de moços intelligentes e
estudiosos, aos 6 de Março de 1887 — estavam reunidos
em agradabilissima palestra, tres academicos militares, de
ha dezeseite annos a esta parte.

E foi isso na memoravel terceira companhia daquella
Escola a que pertencera um desses academicos, o actual
Ministro da Viação — Dr. Lauro Müller, espirito vigoroso
e illustrado.

A conversa estava animada. Cultores da philosophia
spenceriana, os poetas de outrora cogitavam de varios
assumptos intellectuaes: discutiam os laços de consanguini-
dade entre a Sciencia e a Religião: apreciavam a genese
do Universo: emfim, palestravam como hoje se não pale-
stra . . .

Nesse meio tempo, o então tenente de cavallaria
Athayde Junior, que era addido ao 1º batalhão de enge-
nharia aquartellado, na epocha, na Escola Militar do Rio
de Janeiro, se encaminha aos seus amigos, e, no calor do
cavaco, desde logo lhes lembra: « Pois, si é este o proble-
ma que mais ha perturbado o espirito humano, proponho
que o interpretemos atravez de uma sonetisação ».

E o major de engenheiros Lauro Severiano Muller e
o capitão do estado-maior José Maria Moreira Guimarães
e o capitão de infantaria Edgard Eurico Dæmon e o pro-
ponente, capitão reformado Antonio Borges de Athayde
Junior, começaram de escrever . . . interpretando, em
versos, a idéa de Deus. Mas o Athayde negou a sua bella
composição á luz publica. E ficaram amuados com a coisa
os tres companheiros d'elle aos quaes, certo, não deve
aborrecer a natural e necessaria indiscreção de *Kósmos*
na publicidade, a que ora se abalança, dos interessantes
sonetos que merecem ser registrados na litteratura bra-
sileira.

M. V



THEATROS

NÃO pertenço ao numero dos que admiram a famosa comedia de Georges Ohnet, traduzida no Rio de Janeiro com o inexplicavel titulo de *Mestre de forjas*; mas tambem não sou dos que a deprimem systematicamente, levados pela opinião da critica franceza, muitas vezes injusta e parcial.

Não ha duvida que a peça tem defeitos, mas não ha duvida tambem que passaria em julgado, como passaram tantas outras, com esses mesmos e outros defeitos mais graves, se não fora o longo successo que alcançou e que lhe não perdoam.

E' preciso notar que esse e outros successos não desorientaram o auctor; não consta, pelo menos, que elle algum dia pretendesse as honras da Comédie Française, ou se apresentasse candidato á immortalidade academica: não quer ser outra coisa senão um escriptor modesto e popular.

Com todos os seus senões, o *Mestre de forjas* é uma peça do theatro que attrae o publico não somente no Rio de Janeiro onde o publico ás vezes tem certas predilecções inconcebiveis, mas em toda a parte onde as platéas são menos incoherentes que a nossa. Assim se explica que actrizes do tamanho de Sarah Bernhardt e Eleonora Duse tenham se dignado representar o papel de Clara de Beaulieu, o que prova, aliás, que o personagem tem certo relevo.

Boa ou má, essa comedia, sem apresentar nenhuma dificuldade de interpretação, pois não tem a menor complicação psychologica, offerece campo a qualquer

actriz dramatica para mostrar a sua habilidade; por isso eu, que me irritei quando a nossa Lucilia Peres introduziu na cabeça a carapuça da *Tosca*, talhada expressamente para Sarah Bernhardt, que é um phenomeno, applaudí a sua resolução de representar o personagem de Ohnet.

Entre a meia duzia de artistas que ainda nos restam, Lucilia occupa um logar de honra. A sua educação artistica foi muito decurada por um pae actor que, destinando-a ao theatro, não quiz ou não soube encaminhal-a convenientemente; mas a sua prodigiosa intuição tem supprido a falta de um mestre que a dirigisse, e ella consegue, muitas vezes, elevar-se a uma altura aonde raramente se sobe sem grande estudo. E' sobria, apaixonada, commovedora, e sabe fazer bom uso do gesto, da physionomia e da voz, embora esta se resinta, ás vezes, da falta de exercicio e disciplina.

Depois de assistir á representação do *Mestre de forjas*, mais uma vez me convenci de que Lucilia Peres é a actriz brasileira com quem mais podemos contar para a organização de um theatro sério, visto que a sua talentosa homonyma não parece resolvida a deixar o Tejo pela Guanabara.



Ao lado de Lucilia apreciei Ferreira de Souza, que é hoje, incontestavelmente, o nosso actor de mais autoridade, igualmente applaudido no drama, na comedia e até na farça.

O papel de Felipe Derblay, um engenheiro que leva as lampas a São José como resignado esposo de mulher virgem, compadece-se perfeitamente com o seu talento um pouco aspero e brutal.



Não peçam a Ferreira de Souza a interpretação delicada de qualquer pagina lyrica, de um sentimento suave e tranquillo, que exija grandes esforços de modulação; procurem-no, entretanto, nas situações tumultuosas e violentas, no desespero, na dor, na paixão desvairada, e verão como vibra esse artista a quem só falta, para a consagração definitiva, ter sido importado de além-mar.



No *Mestre de forjas*, como na *Honra*, de Sudermann, a companhia do Recreio Dramatico mostrou que no Rio de Janeiro o theatro, que muita gente supõe morto e enterrado, não passou ainda do primeiro periodo da agonia.

Ha ali um actor novo, Olympio Nogueira, o Christo, do *Martyr do Calvario*, que é, ousado affirmal-o, uma grande esperança do theatro brasileiro.



Nessa representação do *Mestre de forjas* se resume todo o movimento apreciavel do nosso theatro durante os dous primeiros mezes do anno.

No Apollo tivemos uma grande magica em 3 actos e 17 quadros, o *Pé de cabra*, arranjada (*arreglada* é a expressão do annuncio) por Vicente Reis, e á hora em que apparecer este numero do *Kósmos* deve ter sido representada no Recreio uma revista, *Cá e lá*, de Tito Martins e Bandeira de Gouveia.

A magica do Apollo tem agradado pela scenographia, toda pintada por artistas da nova geração como Affonso Silva, Marroig e Timotheo; pelos vestuarios, que são pitorescos e sumptuosos; pelos machinismos e tramoias; pela musica; pelos bailados; pela representação, á frente da qual se acham tres artistas de grande popularidade—Peixoto, Brandão e Balbina—; mas o dialogo é inteiramente desprovido de graça, de syntaxe, de bom senso, e o espectador lamenta que Eduardo Garrido não mettesse ali a mão.

E' admiravel que o Dr. Vicente Reis, escrevendo ha tantos annos para o theatro, e depois de tão largo descanço, dêsse ao publico, mesmo num genero inferior, tão irrefragavel prova da sua incompetencia literaria.

Imaginem que, entre outras coisas velhas, elle encaixou no seu dialogo esta pilheria de cabellos brancos e tola, que appareceu ha quarenta annos n'um almanack qualquer:—As minhas idéas como as concebo—! Não preciso dizer mais nada.



EUGENIO DE MAGALHÃES

O Dr. Vicente Reis, que é moço e intelligente, deve escrever alguma coisa que o rehabilite, não na opinião dos frequentadores das galerias do Apollo, que nada

vale, mas na dos espectadores inteligentes, que não levam para o theatro o desejo exclusivo de ver scenarios, tramaoias e phantasmagorias.



Parece que a regeneração do nosso theatro começará por S. Paulo. Não será essa a primeira vez que recebamos lições da sympathica Paulicéa.

Já lá está em construcção o Theatro Municipal, um theatro a valer, moderno, commodo, luxuoso, feito sem a preocupação de uma economia mal entendida, e, como prodromos de uma nova era artistica, têm se realisado em casa do proprio Prefeito, o illustre conselheiro Antonio Prado, espectaculos de amadores, com peças escolhidas, representadas para uma platéa constituída pela nata da sociedade paulistana.

O ensaiador d'esses espectaculos, que são, certamente, um magnifico prenúncio, tem sido o distincto actor Eugenio de Magalhães, — e tanto bastou para que se rosnasse, e mesmo se dissesse em lettra redonda, que será elle o director do theatro nacional em S. Paulo.

A escolha seria acertada, porque Eugenio de Magalhães é um dos raros que, no meio d'este esphacelamento de todo o ideal de um theatro, se conservaram fieis á sua arte. Nunca ninguem o viu arredar-se um palmo, uma pollegada da linha que a consciencia lhe traçara. Chegou aos cincoenta annos (ninguem o dirá, olhando para aquelle retrato que é recente e está parecidissimo) sem pôr uma nodoa na alvura da sua clamye.

Arthur Azevedo.

Da Academia Brasileira.



VICTOR HUGO

« Il vole et d'une aile il touche les flots.
tandis que de l'autre pénètre les nuages ! »

Marim Gorke (Pageses condemnées).

Abraxas de l'Azur ! Dix lettres ineffables,
Qu'au portail du vieux siècle héroïque et pervers,
Mystérieusement Dieu parapha d'éclairs,
Dans une apothéose aux pompes formidables:

Sombre volcan du Verbe, aux feux inoubliables,
D'où terrassant un jour l'âme de l'Univers,
S'éroula le torrent des Proses et des Vers,
A'travers la tempête auguste des Vocables:

Elohim de l'Amour, debout sur les décombres
Du tombeau, jè te vois, le front blanc de splendeurs,
Planer sur l'ouragan des Rayons et des Ombres. . . .

Los à Toi, dont le nom restera sur les Cimes,
Celé comme une hostie au fond de tous les cœurs,
Adoré sur l'autel marmoréen des Rimes !. . .

Péthion de Villar.

VIDAS ESTRAGADAS

O Anselmo era um rapaz pobre, mas trabalhador e bom. Fôra criado como uma menina. Filho unico de um casal de gente velha, vegetára ao lado d'elles, em uma existencia morna, apagada, sem grandes alegrias, nem grandes tristezas. O pae era chefe de secção em uma secretaria de Estado. Assim que o filho chegou aos 18 annos, fê-lo praticante. Até então, o rapaz quasi não sahia de casa. Fôra o pae que ensinára tudo o que o Anselmo sabia: a instrucção primaria e um pouquinho de francez.

Pouco tempo depois de ser nomeado, morreu-lhe a mãe. Nunca na casinha modesta e simples entrára outra mulher: era ella que se incumbia de todo o trabalho domestico.

Ficando sós, os dois homens tomaram uma sala e um quarto na casa da viuva Marques e continuaram a vida monotona que até então levavam.

Emquanto o Anselmo fôra menino, o pae ao voltar da repartição, jantava, deixava passar uma hora e começava então a dar-lhe as lições. Terminadas ellas, o pequeno ia deitar-se. De dia, tinha que preparar as tarefas que o velho marcava. Suas brincadeiras eram atoleimadas e simples. Chegou a ter 23 bonecas, de varios tamanhos, para as quaes elle mesmo fazia com habilidade e gosto os vestidinhos. Fôra essa a contribuição materna para a sua educação. Ficava, nas horas de recreio, fazendo-as conversar, levando-as de um logar para outro—e entre as maiores alegrias da sua vida figurava o presente que—aos quinze annos!— o pae lhe fizera, de um serviço de louça, para bonecas.

Dois annos depois, mudou um pouco de vida. A' noite tinha uma occupação certa: era a leitura de romances para os paes ouvirem. Ao chegar da repartição, o Anselmo dormia uma hora e ás 5, ás 5 em ponto, iam para o jantar. Rapidamente, assim que a refeição acabava, a velha tirava tudo da meza e os tres seguiam para a janella, onde ficavam até o anoitecer. Era ahi que conversavam sobre as noticias dos jornaes ou o que o velho soubéra na repartição. Depois, chegada a noite, o Anselmo, que era assignante de um gabinete de leitura, tomava um romance e desfiava em voz pausada as aventuras nelle contadas. Tinha de se exprimir bem alto, porque a velha era dura de ouvido.

A's vezes, quando se estava perto de um lance comovente, ella intervinha:

—Lê mais de pressa, meu filho.

Mas invariavelmente o marido replicava:

—Não sejas impaciente: de vagar é que se aprecia...

Eram duas phrases sacramentaes, que sempre se trocavam na mesma ordem e com o mesmo exito: a leitura nem andava mais de pressa, nem mais de vagar.

Quando a velha morreu e os dois foram morar em casa da viuva Marques, a vida continuava a mesma. Já não havia quem pedisse accelerações inuteis nos episodios mais dramaticos. O Anselmo deixou apenas de lêr tão alto: o pae ouvia muito bem. A's vezes, commentavam: algum dos dois achava que o desfecho devia ser differente. E o caso era discutido.

De repente, na repartição, o velho morreu: uma syncope cardíaca. Ao abaixar-se para apanhar uma caneta, rolou da cadeira.

O Anselmo, que já então era amanuense, foi promovido a official na vaga do funcionario que succedéra ao pae. A vida continuou para elle a mesma de sempre. Apenas agora não precisava lêr alto: pela segunda vez baixou o tom... Não tinha ouvintes. Estava, porem, tão habituado, que ficava só no seu aposento, resmungando a meia voz. E como sabia os lances cavalheirescos de que o pae gostava e os sentimentaes que faziam o encanto da velha, não deixava de commentar, quando, no seu quarto triste e solitario, fechava o livro:

—Papae gostaria muito d'este romance...

—Que romance bonito para mamãe!...

E era assim todas as noites.

A vida ia, porem, mudar. D'antes os dois homens tomavam as suas refeições na sala de jantar da viuva Marques; mas só esta lhes apparecia para servir a meza. Fallava pouco; fazia o serviço com rapidez.

Quando elle ficou só, a viuva propoz-lhe que jantasse na mesma meza com ella e as filhas. O Anselmo accitou.

As filhas da viuva eram duas: a Amelia e a Ondina. Uma tinha 23, a outra 25 annos. Viviam de fazer flores de laranja artificiaes, para uma casa de modas, cuja especialidade eram os vestidos de noivas.

Ambas as moças eram bonitinhas. Bonitinhas e boas. Desde a manha até a noite, em torno da meza da sala de jantar trabalhavam incessantemente. Ao sabbado iam levar o serviço da semana e receber a fêria. No dia seguinte, terminado o jantar, seguiam com a velha a dar um passeio, de que voltavam ás 9 horas. Aquella existencia monotona recommençava todas as semanas, todos os dias, todas as horas...

O jantar em commum com o Anselmo foi uma novidade. Ao principio, elle mal balbuciava algumas phrases. Depois, pouco a pouco, foi se animando. Já conversava, já dizia o que soubéra na repartição. E propoz-lhes afinal vir á noite fazer a leitura dos romances.

A proposta causou uma satisfação intensa. D'ahi por diante, acceso o gaz, o Anselmo tomava logar á cabeceira da meza e emprehendia a desejada leitura, ou continuada da véspera ou começada naquelle dia. E de novo elle teve de retomar o tom antigo, articulando bem alto, bem claro. E era como si o diapasão de sua voz devesse marcar a sua maior ou menor sociabilidade.

Mas em tão longo convivio diario não podiam as cousas ficar apenas naquillo. Pouco a pouco, entre Anselmo e Amelia estabeleceu-se uma sympathia evidente. Não que tivessem feito declarações romanticas ou, de outro qualquer modo, trocado provas mais positivas de affecto. Era apenas evidente que ella se perturbava um pouco, assim que elle chegava. Constituía-se a sua ouvinte mais attenta. Mais de uma vez, ao dizer phrases de amor de algum personagem apaixonado, os olhos d'elle, levantando-se do livro, tinham cruzado com os d'ella, deixando-a confusa e vermelha. Para chegarem ao noivado outra circumstancia concorreu: elle teve uma ligeira molestia, que o forçou a passar, de cama, perto de quinze dias. Amelia foi a sua enfermeira mais dedicada.

Restabelecido, ficou sendo por algum tempo o *namorado official*. Já sahia aos domingos acompanhando as duas irmans e, ia, ás vezes, na frente com Amelinha, enquanto Ondina e a velha D. Sára os acompanhavam á distancia. Pediu-a em casamento e ficou decidido que a cerimonia seria para d'ahi a seis mezes.

Quasi tão alegre como a irman, estava Ondina. Não podiam ser mais amigas. Ondina, mais velha dois annos que a outra, ainda lhe era mais dedicada. Quando D. Sára,

trazia qualquer cousa que só podia ser dada a uma d'ellas, Ondina achava logo que havia mil e uma razões para que o presente coubesse a Amelinha. Amelinha era aliás mais fraca, mais nervosa. Não raro a irman, terminando o seu, fazia o trabalho d'ella.

A ideia de que o casamento não a tiraria de casa e dispensal-a-ia de tanto se fatigar, enchia Ondina de uma grande satisfação. Foi a primeira a declarar que Amelinha não levaria um só botão de flores de laranja, que não fosse feito por ella; e gabava-se alegremente de que não haveria outros mais bonitos!

Essa alegria durou pouco. Amelinha teve uma febre typhoide, que a pôz entre a vida e a morte. Foi um mez de angustias. Mas a suprema infelicidade estava reservada para o fim da molestia: a moça ficou com uma evidente perturbação mental—perturbação que rapidamente mudou de natureza e tornou-se um perigo domestico: ora queria matar-se, ora avançava contra a irman, o noivo ou a mãe.

Foi preciso internal-a no hospicio.

A casa cahiu então numa tristeza indizível.

Tudo aquillo fôra rapido: em mez e meio, o castello de sonhos se esboroára: a mais succumbida era Ondina. A' noite, aquella meza onde se estendiam os arames, as folhas verdes, o algodão, os pequenos quadradinhos de pellica branca para fazer as flores de laranjeira,—a meza, que parecia ter sempre um aspecto nupcial, cheia de corôas e ramalhetes de noivados,—parecia pelo seu aspecto encher de infinita tristeza os tres que continuavam a sentar-se em torno d'ella: a viuva, o Anselmo e Ondina. A viuva ficava horas inteiras, calada, absorta, sem dizer nem fazer nada. O Anselmo, ao fim de uma semana daquelle regimen, levou de novo um romance. Foi, entretanto, preciso que D. Sára o animasse:

—Leia, Anselmo, leia... A desgraça não tem remedio. Vamos vêr si nos esquecemos um pouco...

Elle voltou á tarefa de sempre. E sua voz foi ainda mais triste, mais abafada, mais em surdina. Lia os trechos alegres, machinalmente, com um tom dolente e sepulchral.

Ondina nem os parecia ouvir. Continuava inconsolavel. De cada vez que terminava uma corôa de noiva, erguia-a nas mãos finas, mirava-a bem—e desatava a chorar. Era na irman que pensava. Sentia-se no mundo perdida e só. No seu quarto, havia á cabeceira do leito, o retrato de Amelinha. Todas as noites ella o tomava, o beijava, conversava com elle carinhosa e infantilmente.

Correram mezes. A louca continuava na mesma. Quando iam visital-a, Ondina procurava fazer-se reconhecer:

—Sou eu, Amelinha; eu, Ondina, tua irmanzinha... Olha... Olha para mim... Não te lembras da tua Ondina?...

Tudo era em vão. A louca ou não os reconhecia ou ficava excitada e colerica. A enfermeira lhes disse e o medico depois lhes confirmou que as visitas faziam mal: só serviam para agravar o estado da doente, que nos dias seguintes se mostrava mais exacerbada. Desistiram de ir vê-la. Aliás o medico lhes exprimira claramente que o mal era incuravel.

As visitas teriam mesmo que ser abandonadas porque a viuva cahiu doente. Molestia incommoda, enfadonha. Ondina e Anselmo fizeram-se os seus enfermeiros. Anselmo entrara para a familia, tão simples e naturalmente como si d'ella em todos os tempos sempre tivesse feito parte. Ondina não pode mais trabalhar para a loja. O noivo passou a ser o chefe da familia, que contribuia com todas as despesas.

Foi assim por perto de dois mezes. Afinal, a viuva morreu.

É agora? Que iam os dois fazer? Era preciso que se separassem. Nem elle nem ella tinham parentes. A viuva, sentindo proximo o desenlace fatal, disséra ao moço que lhe entregava a filha. Mas que podia elle? Viverem juntos seria affrontarem a maledicencia do mundo. Só si...

Era em torno d'essa hypothese que Anselmo rodava. Casar? Pesava os prós e os contras. Amelinha estava louca. A irman ia ficar ao desamparo, só, sem familia.

Ondina, teve tambem um momento essa ideia; mas passou como um relampago. No dia seguinte ao do enterro foi á loja pedir que a admittissem como operaria interna.

Nem interna, nem externa! Seu logar já tinha sido dado.

Correu outras casas. Nada! Não achou collocação que lhe conviesse.

Niço se passou uma semana.

Na missa de setimo dia, uma visinha, a velha Queiroz disse a Ondina, diante de todos os que lá estavam:

—Que casamento triste tu vaes ter, minha filha! Felizmente, o Sr. Anselmo é um bom moço...

Ella sentiu o sangue subir-lhe ao rosto, num afogamento extraordinario. Mas nem o logar era proprio, nem houve tempo para protesto. Anselmo tinha tambem ouvido.

Ao chegarem á casa, Ondina sentou-se e desatou a chorar, apoiada a cabeça sobre a mesa da sala de jantar. Era um choro longo, intenso, convulsivo. Anselmo tentou consola-la. Ella lhe volveu docemente:

—Isto não deve continuar. Eu preciso sahir d'aquí. Vou annunciar amanha que me emprego como florista ou costureira, por qualquer ordenado, onde me deem casa e comida. Nós não podemos continuar juntos...

—Mas tu és minha irman!

—Eu sei que tu és bom, sei que nós podiamos viver como irmãos; mas ninguem acreditaria. Seria feio para nós dois...

Anselmo teve a audacia precisa para dizer a phrase que ambos temiam:

—E si nos casassemos?

Embora a hypothese já tivesse sido apresentada, a moça não parecia espera-la. Sentiu um momento de pasmo.

Sentiu; mas que remedio havia? Amelinha estava perdida. Os dois se estimavam. Separarem-se era ficarem sem familia, abandonados no mundo. A cada um só o outro restava como amigo seguro.

Não obstante, Ondina reluctou por alguns dias. Foram juntos vêr a irman e encontraram-na adormentada, alheia a tudo, parecendo imbecil. O medico lhes disse de novo que não havia nenhuma esperança.

Assim, apressaram as formalidades e um mez depois da morte da viuva, estavam casados.

A vida fez seu trabalho. Acalmou as dôres mais vivas, ageitou, adaptou as cousas—e os dois passaram a constituir um casal feliz. Na sua mediocridade, na sua existencia obscura, vegetavam silenciosamente, alheios a toda ambição. O dia de hoje era igual ao de hontem, igual ao de amanha; mas os dois não desejavam outra cousa. A' noite, infatigavelmente, o Anselmo lia os romances que lhe vinham da assignatura. Na sala tão calma, tão simples, tão honesta, evocavam-se façanhas de bandidos, crimes horrosos, seducções, aventuras de estupendas viagens... A's vezes os dois conversavam sobre Amelinha. Ondina

contára a Anselmo tudo o que a irman lhe dissera a respeito d'elle: seus sonhos, suas esperanças—esperanças aliás bem placidas—de futura dona de casa, modesta, ignorante da vida, ingenua e meiga. E sempre Ondina concluía pela apologia da irman:

—Tu não sabes como Amelinha era boa!

Até mesmo quando o marido lhe trazia certos vestidos ella dizia, mirando-os:

—Como isto ficaria bem em Amelinha!

E Anselmo concordava.

Mas um dia toda esta calma se quebrou. Foi um raio. Foi um cataclysmo. Amelinha estava bôa!

Um convite do Hospicio para ir busca-la, capeava a carta por ella mesmo escripta á mãe. Não sabia da morte d'esta, nem, portanto, do casamento da irman. Mandava lembranças ás duas, pedindo-lhes que fossem busca-la immediatamente. Naquelle dia o medico lhe déra alta. Queria sahir, sahir logo. Só havia uma phrase sobre o noivo: «Como vae o Anselmo?» Mas via-se bem que toda a sua soffreguidão visava sobretudo, saber do moço.

Quando Ondina e o marido leram a carta, ficaram de pé, lívidos, tremulos, como dois criminosos surprehendidos em flagrante. Ondina foi a primeira a sahir daquelle estado; mas a sahir por uma crise inenarravel de pranto e de exclamações:

—Que miseravel eu sou! Trahi minha irman: roubei-lhe seu noivo... Que miseravel eu sou!

E a mesma phrase voltava a cada momento. Anselmo quiz consolal-a. Disse-lhe que as circumstancias tinham sido fataes. O que elles haviam feito era a unica solução possivel para a vida dos dois, no momento da morte da viuva, quando não havia esperança de salvação de Amelinha. Não houvera nenhuma traição.

Ondina não se deixava convencer:

—Nós fomos criminosos. Eu preciso morrer. Tua noiva vem ahi. Agora, nesta casa eu seria uma intrusa...

E chorava doidamente.

Mas, fosse como fosse, era preciso ir buscar a moça. Tomaram um carro e seguiram. Ella esperava alegre D. Sára e Ondina. Viu o noivo e a irman, ainda vestidos de luto, olhou ávidamente para as mãos dos dois onde fulgiam as *allianças* de ouro e ficou lívida. O riso morreu-lhe nos

labios. Adivinhou tudo. Nenhum dos tres achou uma palavra, uma explicação. Todos se olhavam com olhos de espanto, esgazeados. Apertaram-se as pontas dos dedos friamente, quasi se diria: hostilmente. Não é, entretanto, que a desgraçada Ondina tivesse outro sentimento, a não ser um infinito remorso. Mas, sentindo-se traidora e indigna, não ousava abraçar a irman. Anselmo, espirito fraco, acabára por se deixar possuir do mesmo sentimento.

Os olhos de Amelinha, agora mais do que nunca, pareciam de uma louca.

Sahiram. Tomaram o carro e voltaram. Durante o trajecto não trocaram uma só palavra.

—Depois?

—Depois, foi uma vida horrivel... Não se fallaram. Não tiveram uma explicação. Nunca mais para Ondina Anselmo foi marido. Nem marido, nem amante, nem irmão. Viviam os tres, lado a lado, sombras silenciosas... Viviam como espectros, pallidos, tristes, succumbidos... Muitas vezes, Ondina quiz contar tudo á irman; pensou até em matar-se. Muitas vezes Amelinha quiz abandonar a casa. Faltava á primeira a audacia, á segunda relações de amizade, a ambas resolução e energia. O mais irresoluto de todos era Anselmo.

A' tarde, fechava-se no seu quarto — quarto que já agora era d'elle só, e lia, lia pela noite a fora rasgos de valor, de intrepidez e coragem...

Amelinha passava as tardes na janella.

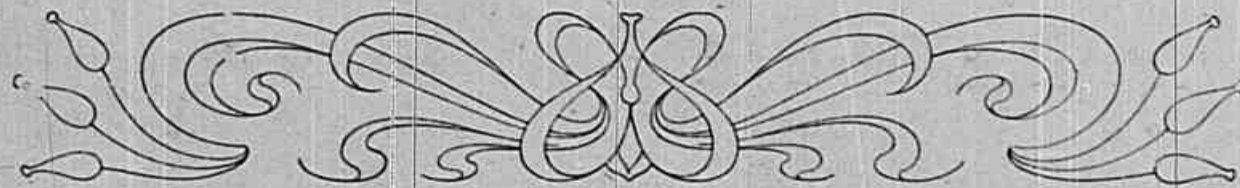
Ondina recebia o dinheiro do marido, custeava as despesas da casa, inclusive as da irman, e á tarde, na sala de jantar, em que só ella ficava, cozia, remendava, occupava-se em pequenos serviços materiaes, até que o somno a vencesse.

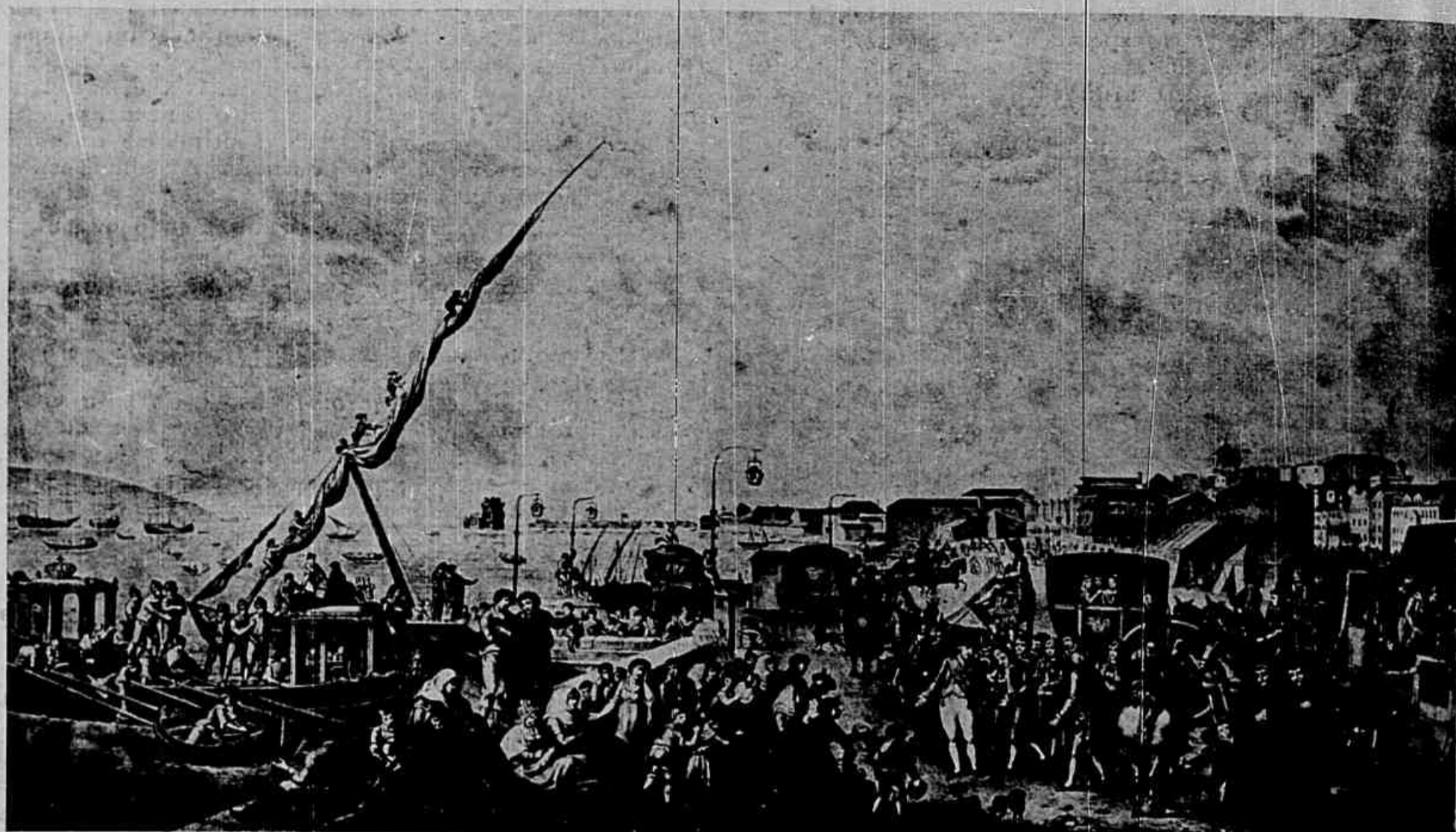
Antes, porém, de dormir, era todas as noites a mesma scena: ajoelhada junto á cama, tomando o retrato da irman, só alli achava o sangue-frio necessario para lhe repetir cada dia a mesma historia, para cada dia lhe pedir perdão, um perdão que talvez a irman concedesse, si de tudo soubesse, mas que o retrato não podia dar...

Medeiros e Albuquerque.

Da Academia Brasileira

1904.





EMBARQUE DO PRINCIPE REGENTE EM LISBOA AOS 27 DE NOVEMBRO DE 1807.
De uma lithographia existente na Bibliotheca Nacional.

Chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro

(FRAGMENTO DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)

O desembarque da familia real portugueza no Rio de Janeiro a 8 de Março de 1808 foi mais do que uma cerimonia official: foi uma festa popular. Os habitantes da capital brazileira corresponderam bizarramente ás ordens do vice-rei conde dos Arcos e saudaram o Regente, não simplesmente como o estipulavam os editaes, mas com a mais tocante effusão. D. João poude facilmente divisar a satisfacção e a reverencia que animavam os seus subditos transatlanticos nos semblantes d'aquelles que em agglomeração compacta se alinhavam desde a rampa do caes até á Sé, que era então a egreja do Rosario — os sacerdotes paramentados de pluviaes de seda e ouro, incensando-o, ao saltar da galeota, com thuribulos de prata e aspergindo-o com hyssopes de ouro, tanto quanto os escravos humildes que de precioso só podiam ostentar num riso feliz as suas dentaduras nacaradas. Marchando gravemente debaixo do imponente pallio escarlata, cujas varas sustentavam o juiz de fóra e os vereadores da camara; pisando a areia branca e vermelha derramada nas ruas do trajecto, de mistura com hervas que embalsamavam o ar; ouvindo as fanfarras alegres, os repiques de sinos estridentes, os foguetes jubilosos e as salvas de arti-

lheria atroadoras; vendo cahir em volta de si uma chuva persistente e odorifera de folhas e flores, "lançadas pelas mãos da formosura e da innocencia," como escreve o chronista — desapareceram momentaneamente para o principe as afflicções do lar melancolico e maculado, attenuaram-se as angustias do reino invadido e subjugado. Quão differente esta chegada triumphal, que não perturbavam os gritos de resistencia da Rainha doida, cujos nervos pareciam ter-se acalmado na longa viagem maritima, do triste embarque em Lisboa, onde o principe, ao chegar n'um carro ao caes com o infante hespanhol e um criado, não encontrou para recebê-lo personagem algum e, afim de não patinhar na lama, teve que atravessar o charco nos braços de dois cabos de policia.

No Rio de Janeiro magistrados, funcionarios, monges rodeavam-n'o num grupo numeroso e luzido, sobre que tremulava o estandarte do Senado da Camara e brilhava a cruz do Cabido, erguida entre dois cirios. A limpidez do ceu coruscante, o tom respeitoso a recepção burocratica, e a transparencia do entusiasmo nacional revelando-se pelos hymnos dos clerigos, pelos canticos dos musicos postados num coreto, pelos vivas dos soldados e dos populares, deviam por força prender os sentidos do festejado e embalar-lhe a alma numa doce conformidade de impressões physicas e moraes. Conta-se que, ao passo que a princeza D. Carlota chorava convulsamente,

magoando o seu orgulho com essa degradação para rainha colonial, D. João caminhava sereno; deixando fundir-se sua tristeza ao calor da sympathia que o acolhia. A cidade até, escondendo debaixo das faustosas colchas de damasco as singelas paredes rebocadas e caiadas das suas casas acanhadas, disfarçando a exiguidade das suas ruas com as flammejantes bandeiras, as grinaldas e as lanternas que de lado a lado as enfeitavam, fazia-lhe o effeito de uma capital régia, digna emula aos seus olhos, d'essa outra cidade de São Salvador, da qual o Regente chegava encantado, da situação, das dimensões, da riqueza, da cordialidade dos habitantes, e onde o commercio local lhe offercêra mandar levantar um magnifico palacio real, contanto que ali se estabelecesse a côrte.

Comtudo o Rio de Janeiro, cuja importancia politica só datava propriamente de um seculo, depois da exploração das minas, e de cujo embelezamento apenas tinham cuidado muito mais tarde os vice-reis transferidos da Bahia, Luiz de Vasconcellos e Rezendes especialmente, ainda era uma mesquinha séde de monarchia. As ruas estreitissimas, lembrando mourarias; as vivendas sem quaesquer vislumbres de architectura, afóra possiveis detalhes de bom gosto, um portal ou uma varanda; os conventos numerosos, mas simplesmente habitaveis, excepção feita dos de São Bento e S. Antonio, situados em eminencias e mais decentemente preparados; as egrejas, luxo de toda cidade portugueza, frequentes, porem inferiores na decoração ás da Bahia, provocando por isso a devoção e caridade dos fieis, e um estimulo de obras de aformoseamento, cujos resultados já appareciam nos nobres edificios em construcção como a Candelaria e S. Francisco de Paula; o plano da cidade por fazer, cruzando-se quasi todas as congostas num valle mais largo, sem calculo, sem precauções mais do que a de ahí conservar no desenho um arremedo de taboleiro de xadrez, espraiando-se o resto das moradias, ao Deus dará, pelas outras campinas sitas no sopé dos morros escarpados.

Em resumo, tomada no conjuncto, uma especie de Lisboa, irregular e todavia banal, com os documentos artisticos de menos e uma frondosissima vegetação a mais. O Cattete e Botafogo, isto é, os quarteirões desafogados, os bairros limpos e apraziveis de hoje, não passavam então de arrabaldes, encerrando sómente casas de campo. Quatorze annos depois, quando em Outubro de 1822 os Andradas tiveram seus primeiros arrufos com D. Pedro I e pediram sua demissão de ministros, havendo a cidade ficado alvoroçada, José Bonifacio deixou sua habitação do Rocio e passou-se para uma pequena casa no caminho velho de Botafogo, onde o foram aliás estrepitosamente buscar Imperador e povo. O terreiro de Sant'Anna descreviam-n'o os contemporaneos como um "areal em grande parte coberto de herva rasteira."

O Passeio Publico representava o unico mimo da população, a não quererem os fluminenses embasbacar dia e noite diante dos chafarizes pomposos, d'onde jorrava a agua mais crystallina trazida do alto por um vistoso aqueducto, e os quaes, alardeando os brazões dos pro-consules da metropole, outrosim commemoravam em correcto latim a grandeza dos administradores a quem deviam sua erecção.

A' noite, a illusão do Principe — illusão um tanto intencional pois que a realidade, impondo-se subseqüentemente á excitação acclamadora, e mesmo os contratempos da fortuna, nunca a lograram desmanchar — mais se teria fortalecido graças ao spectaculo tentador que das janellas do Paço se descortinava. No vasto largo fronteiro, uma arcaria triumphal erguia-se, com seus adornos de pyramides, vasos e emblemas, e no centro, por baixo das armas luzitanas e de escolhidos versos de Virgilo, sobresahia dentre a iluminação de milhares de copinhos de côres, um painel figurando a entrada no porto da náu que conduziria D. João. O retrato mesmo do Principe Regente, destacava-se num medalhão no acto de receber de um indio, personificação do Brazil, os thesouros da natureza tropical e o coração nacional trasbordante de affecto.

O particularismo já se sentia bastante robusto para ensaiar a idealisação, de que o romantismo faria a breve trecho uma bandeira não só politica, como litteraria. O indio, symbolo da nacionalidade independente, logo depois figuraria vendado e manietado, com um genio, certamente o da liberdade, em acto de o desvendar e desagrilhoar, no emblema de uma loja maçonica de Nitherohy, de que era irmão Antonio, Carlos e que a policia dispersou. Naquella occasião, porem, não se pensava senão com sinceridade, não se agia senão por lealdade dynastica. Extendiam-se as luminarias a todos os cantos da cidade, fazendo pairar sobre o montão da casaria um rubro clarão festivo, e aos ouvidos do principe chegava, de todos os lados, o rumor confuso da multidão prazenteira.

Este som inconfundivel de jubilo, confirmava os descantes e as declamações que na presença real esfuizilavam, mais fulgurantes e, sobretudo, mais demoradas que as girandolas de foguetes, cortando com suas lagrimas de fogo a vasta escuridão da bahia. A claridade tenue das estrellas e o scintillar mais vivo de constellações novas para os augustos olhos, deixavam, entretanto, esboçarem-se em redor os contornos dos morros, revestidos de denso arvoredado, a cujos pés vinham rolar as vagas, num incessante movimento rhythmico, que franjava de espuma as praias, distinguindo-se alvacentas entre a massa negra das montanhas e a chapa metallica do mar.

A impressão physica experimentada em pleno dia, não podia, no emtanto, dizer-se em certo sentido inferior á recebida de noite. Si a cidade propriamente, a agglomeração humana, lucrava com ser vista á luz

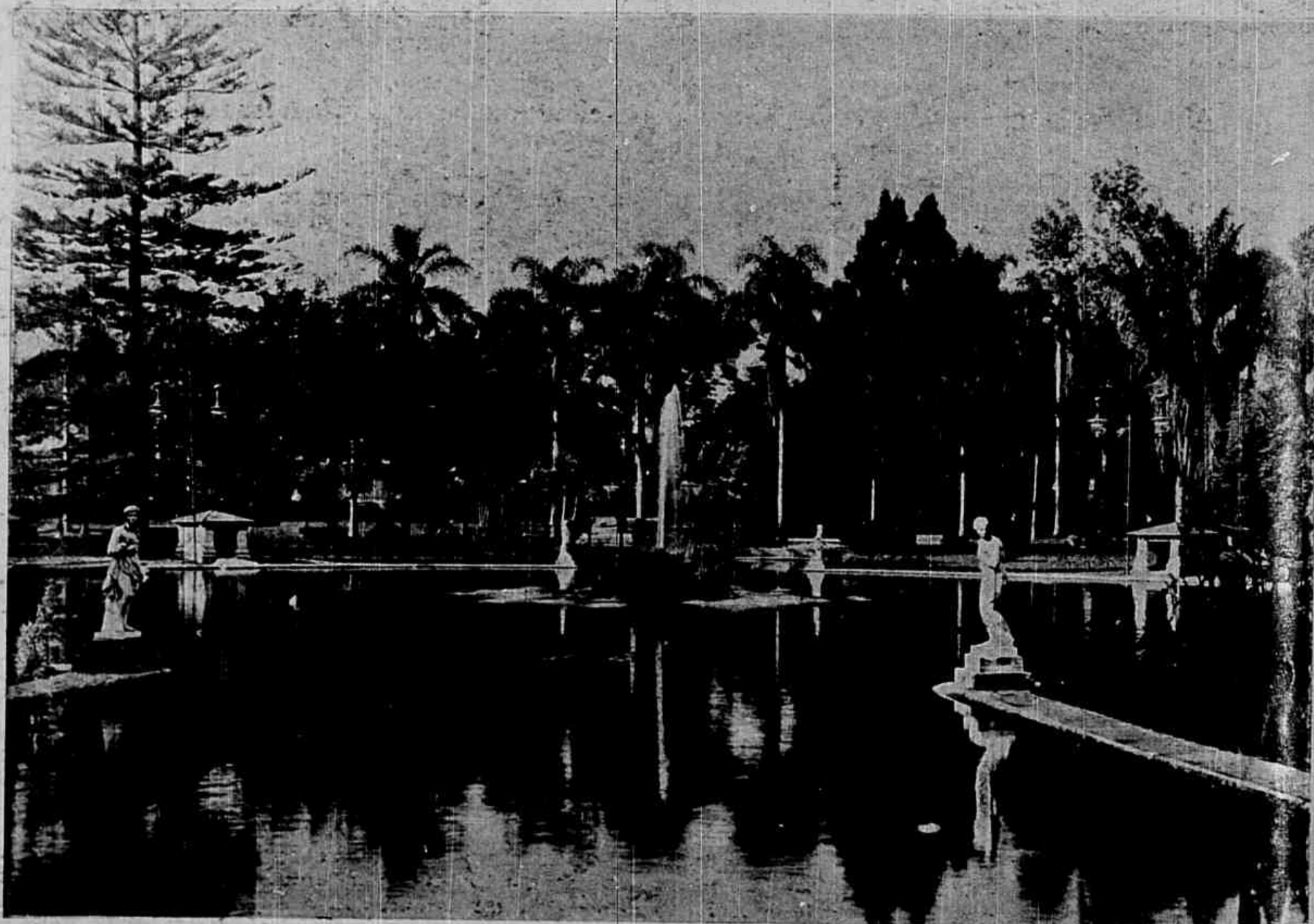
phantastica das illuminações, a natureza por certo preferia ostentar suas galas ao sol, sob o mais luminoso firmamento da criação, de um azul tão pronunciado quão pronunciado se desdobrava o verde da vegetação, quando o não encobriam aqui e além os grossos flocos das nuvens apinhadas em desenhos caprichosos, ou se não trocava a sua tonalidade vibrante pela uniformidade plumbea do ceu de tempestade tropical.

Um Rei na verdade prestaria o unico digno tributo de admiração á esplendida bahia, com a sua irregularidade de linhas; com o seu recorte em pequenos golfos, cabos e enseadas; com a sua profusão de ilhas, algumas aridas, pelladas, quasi calcinadas ou feitas de penhascos, humidas e floridas outras como ramalhetes orvalhados; com os seus montes alterosos

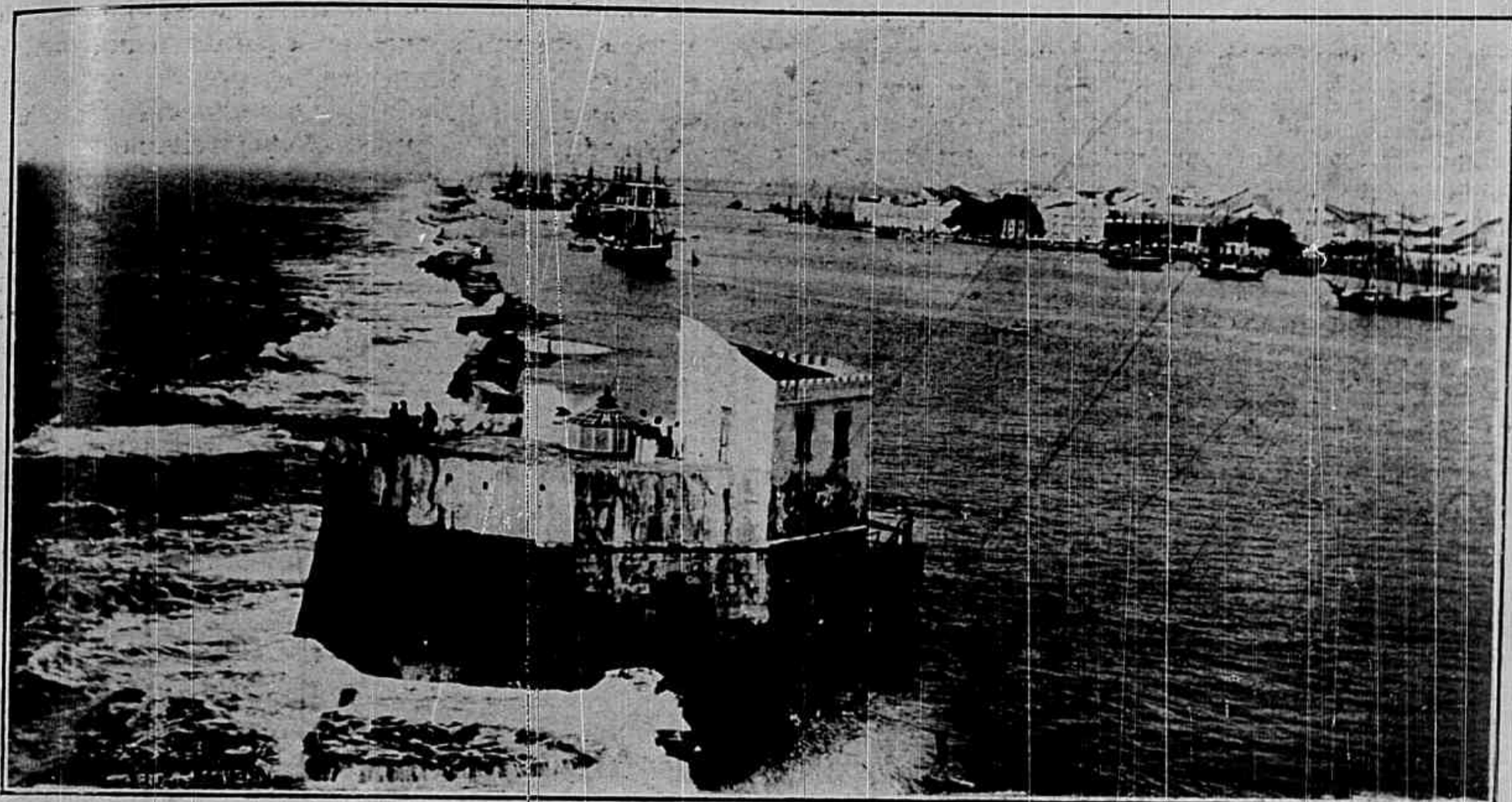
ao longe, terminando em cabeços esguios e produzindo o effeito de encerrar as aguas n'uma grade de florestas, cujos supportes de granito pardo eram avivados por listras de argilla vermelha. Semelhante tributo D. João VI o não regateou á colonia por elle elevada a reino, e séde da monarchia portugueza, e não foi sem as mais profundas saudades que, treze annos depois, se viu compellido por uma revolução rugindo ameaçadora na velha metropole, a abandonar as praias brazileiras e regressar a Portugal, sumido no horisonte n'um momento de desespero e de novo entrevisto em sobresaltos de pavor.

Oliveira Lima.

Petropolis, Janeiro de 1904.



JARDIM DA LUZ — S. PAULO



Phot. Marc Ferrez

OS RECIFES EM FRENTE À CAPITAL DE PERNAMBUCO

A costa do Brazil entre a Bahia e o Ceará é particularmente caracterizada por uma orla descontinua de parceis ou recifes, que se desenrolam parallelamente e a pequena distancia do littoral, subsistindo por vezes de permeio canaes mais ou menos profundos, navegaveis ou constituindo naturaes ancoradouros ou portos algum tanto abrigados das ondas do mar.

Segundo o eminente geologo Hartt distinguem-se ahi os recifes madreporicos ou coralinos, essencialmente calcareos e tão communs nos mares tropicaes, dos recifes constituídos por um grés ou conglomerato que resultou da lenta e diurna agglutinação de seixos rolados, cascalho ou areia de porções isoladas de praias, pela cal proveniente da decomposição de conchas; apparecendo uma ou outra especie, onde as condições são favoraveis á sua formação. A temperatura pouco variavel do ambiente e as abundantes chuvas nessas paragens, assim como a relativa tranquillidade das aguas e a existencia de bancos exteriores, que abrandam o embate das vagas sobre as praias, eminentemente conchyíferas, predispõem para a consolidação destas.

Em alguns pontos o extenso littoral de alluvião, baixo e arenoso, é transposto pelos rios que apesar de pouco caudalosos, vêm desaguar por entre corôas e ilhas de margens inconsistentes, subdividindo-se e dilatando-se em largos esteiros ou lagamaes, sujeitos como estão a marés, cuja amplitude de oscillação attinge ás vezes quasi tres metros. A correnteza das aguas, d'ahi oriunda, em seu constante vaevem de fluxo e refluxo, pela sua acção erosiva, aprofundou no decurso de longo período o alveo sobre certa extensão atraz da praia parcialmente consolidada, a qual quasi sempre apresenta uma leve inclinação para o mar e altura variavel, que raramente se eleva acima da maré media.

A profundidade a que se opera a petrificação é limitada, tendo algumas sondagens praticadas no porto do Recife comprovado não passar ella de tres a quatro metros. Os recifes ora são apparentes em qualquer estado de maré, ora cobre-os um lençol d'agua, e em alguns pontos apresentam interrupções, ás vezes profundas brechas, pelas quaes os rios communicam com o mar, e que são as naturaes entradas permittindo o accesso dos navios aos ancoradouros internos.

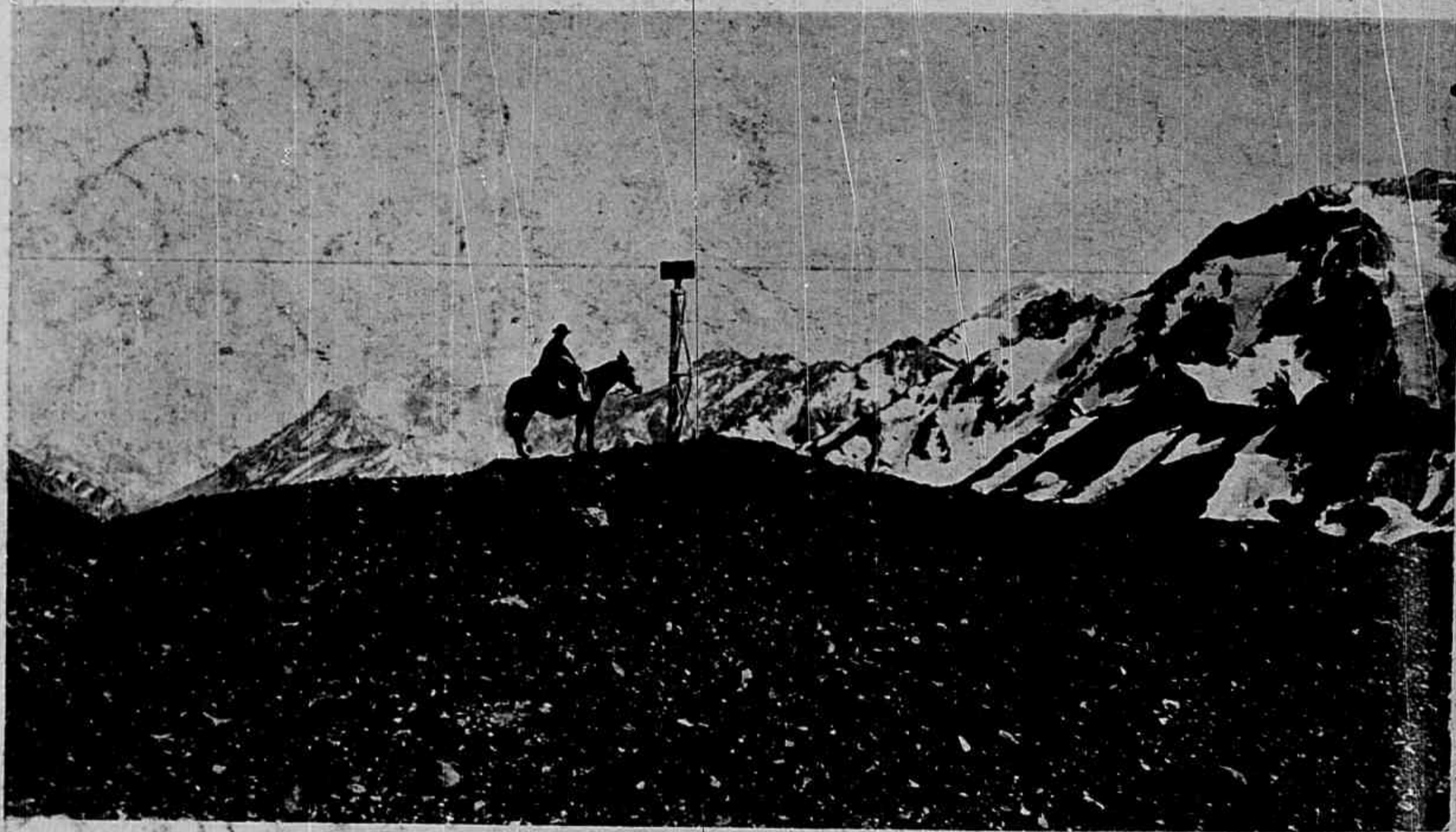
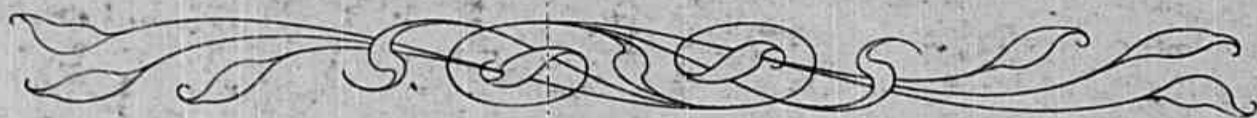
Taes são os característicos que distinguem muitos portos do Norte do Brazil, e nomeadamente os do Recife e de Tamandaré no Estado de Pernambuco, e o da cidade de Natal no Rio Grande do Norte. Os melhoramentos de que carecem esses portos para mais efficaemente se prestarem á navegação não consistem pois, como é commum ouvir-se dizer, em destruir os recifes, os quaes actuam, de facto, não só como um dique, dirigindo as correntes de maré e contribuindo para a manutenção das profundidades, mas tambem como um natural e possante quebramar, attenuando consideravelmente a impetuosidade das vagas do largo.

E' necessario em vez disto executar trabalhos que se contraponham á destruição a que os recifes estão sujeitos por occasião das grandes marés e de fortes vendavaes, ou que os reforcem ou alteiem de maneira a vedar completamente o ingresso das ondas maritimas aos ancoradouros internos por sobre elles. A norma a adoptar-se em relação aos recifes existentes é portanto de construir e não de destruir, ao passo que no esteiro interior o processo a seguir geralmente para melhorar o regimen das correntes e a navegabilidade é a regularização e o revestimento das margens, o aprofundamento do leito pela dragagem e a sua desobstrucção, onde existam baixios prejudiciaes.

Em frente á capital de Pernambuco desenvolve-se a linha de recifes, emergindo em baixamar, quasi em um só rumo, como se vê na gravura, e proxivamente de nivel, sobre cerca de 2.500 metros até o farol do Picão; existindo em parte desta extensão uma muralha, cuja construcção data do dominio dos holandezes, e que foi por vezes reparada em um ou outro ponto. A uns 70 metros ao norte do farol abaixa-se a penedia bruscamente junto da celebre lage da Tartaruga, offerecendo ahi a barra do Picão com 4 a 5 metros d'agua em maré baixa e com cerca de 80 de largura; mais adiante a formação continúa submersa sob 2 a 3 metros d'agua, na extensão de 50 metros até a Barra

Grande, onde a profundidade d'agua já excede de 8m. em baixamar de aguas vivas.

São parte integrante, e não de somenos importancia, das obras de melhoramento ja estudadas para o porto do Recife, a reconstrucção da antiga muralha sobre o recife apparente e o seu prolongamento para o sul, até onde seja preciso para dar abrigo completo ao ancoradouro melhorado; e sobre o recife submarino ao norte a construcção de um quebramar fechando a barra do Picão e prolongando-se até á Barra Grande, que ficará sendo a unica entrada para o porto, franqueada á navegação.



A CORDILHEIRA DOS ANDES

O apparecimento do *Kósmos* e a intervenção de velhos camaradas, fizeram-me entregar nesta occasião, para serem publicados, alguns desenhos e vistas das viagens que tenho feito pela America do Sul, já que não posso com a desejada promptidão trazer a publico o livro que estou escrevendo a este respeito.

As gravuras, que são muitas, carecem ser executadas com cuidado e clareza, para que possam supprir a falta de colorido na redacção do texto, e a pobreza de imaginação do autor.

D'isto provém a demora da publicação das minhas viagens e o estudo da situação do Brasil, com relação aos seus visinhos.

Um assumpto interessante, porem, e de actualidade, justifica a minha presença nas columnas do *Kósmos* e o empenho que faço para que esta revista vá adiante como merece.

A vista que se vê acima é da cordilheira dos Andes, e mostra o local onde vai ser inaugurada por estes dias, a colossal estatua do Christo Redemptor, para perpetuar, só agora, o amor e a união de dous povos

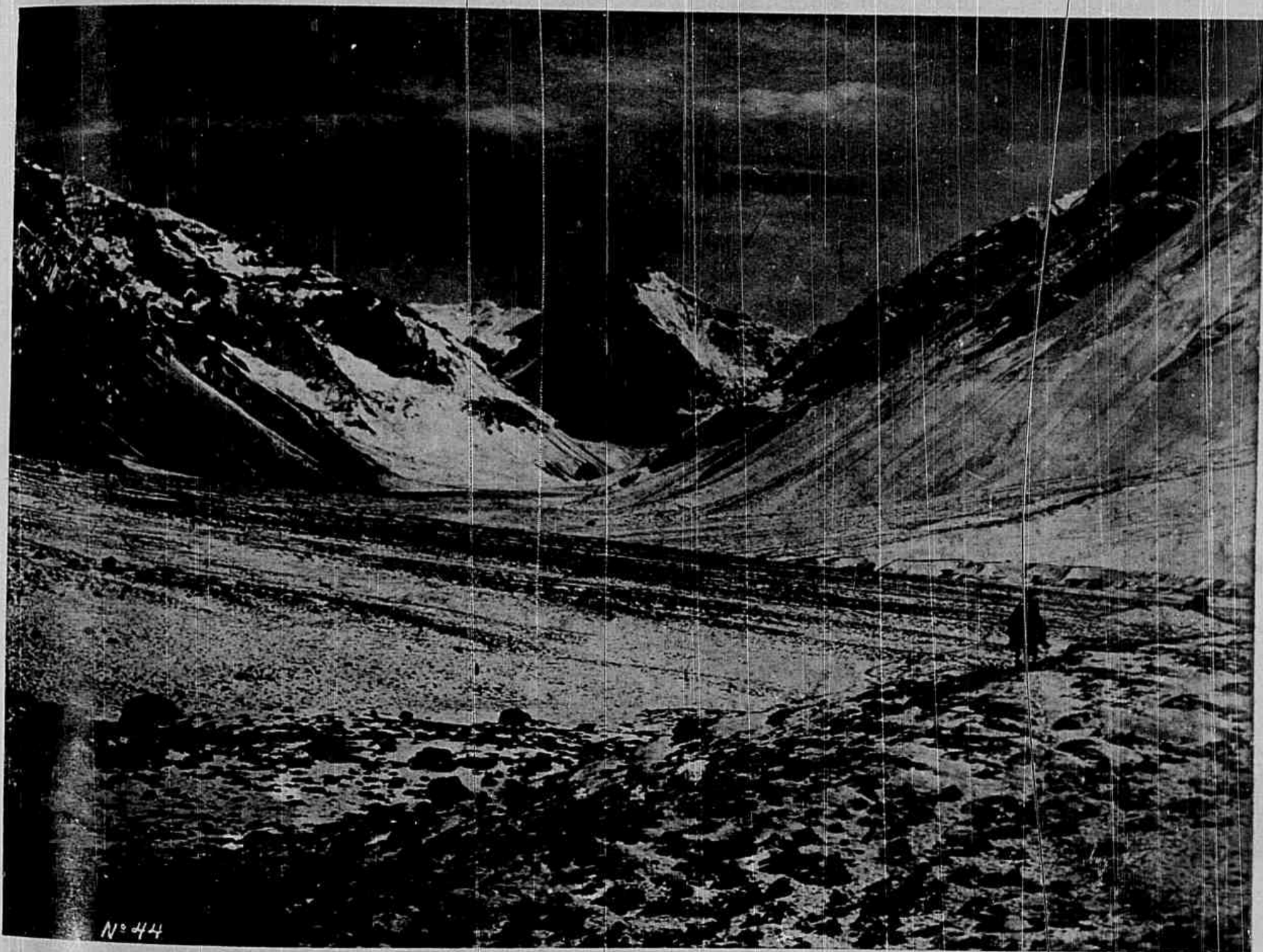
—sul-americanos— o Chile e a Republica Argentina.

Em Abril de 1902 passei por esse lugar — El Cumbre, que fica a 3.189 metros sobre o mar, ao lado do Aconcagua, que se levanta bruscamente á altura de 7.019 metros.

A travessia dos Andes, nessa época, é admiravel e se faz com bastante commodidade e segurança. Encanta o descortinar de um horisonte exquisito, forma-

região em um amontoado de tristezas, isolamento e perigos.

Em fins de Outubro, algumas vezes, já se tem affrontado a passagem dos Andes, exposto a tantos riscos e demoras, que só os corajosos estafetas e pioneiros da cordilheira se atrevem a tanto, porque então o desgelo começa a descobrir as balizas que orientam a travessia, e os postos de abrigo surgem em varias passagens arriscadas e obrigadas.



Nº 44

ALTO DA CORDILHEIRA DEIXANDO VER O VULCÃO ACONCAGUA

do pela natureza bizarra e despida de vegetação, da terra eruptiva das regiões frias e tristonhas do Pacifico, em contraste surprehendente com as zonas luxuriantes de bosques e prados que matizam as terras uberrimas e verdejantes das bandas do Atlantico.

Na estação invernososa a travessia fica interrompida pelo accumulo da neve, que faz desaparecer o contorno rochoso da cordilheira, transformando toda aquella

Os cachorros exploradores já fazem com segurança o reconhecimento dos caminhos, e seguidos de alguns — burros — escolhem a trilha mais firme e menos perigosa da viagem, através daquelle immenso deserto branco, suspenso da terra firme.

Depois d'este indispensavel reconhecimento feito pelo burro, então o homem se atreve a fazer a travessia a pé, ou montado em outro burro quando a neve ainda se conserva endurecida e resistente ao peso dos dous.

Em principios de Outubro de 1902, atravessei os Andes de volta do Chile para a Republica Argentina, quando a cordilheira ainda estava fechada pela neve, e sómente com muita força de vontade se podia investir os passos, arriscados em semelhante época.

Caminhei largos trechos a pé, sobre a neve, enterando-me muitas vezes até os joelhos. Para evitar o resfriamento dos pés e do corpo, os *pioneiros* da cordilheira envolvem os pés e pernas com pelles de carneiro, envolucro a que dão o nome de *tamancos*.

Vencido o *Cumbre*, a descida foi ainda mais perigosa, porque já encontrei um principio de degelo, as rampas mais ingremes e os caminhos ordinarios ainda inteiramente cobertos de neve.

As pozadas de refugio por ocasião de temporal, que são verdadeiros abrigos acasamatados, ainda não eram vistos, por estarem mergulhadas na neve, e sómente devido ao tino do burro e ao faro do cachorro, consegue-se não perder o rumo, e vencer com segurança as longas e perigosas travessias de um contraforte para outro da mesma cordilheira.

A pozada de *Cuevas* ainda se conservava quasi toda mergulhada na neve, salvando-se apenas a porta da entrada, que estava a descoberto, e assim mesmo, para entrar, passei por um grande córte aberto na neve pela turma de trabalhadores incumbida da exploração e reparação dos caminhos.

Ahi passei a noite, dentro de uma verdadeira sorveiteira, até que pela madrugada seguinte segui viagem para *Punta de Vaccas*, onde cheguei fatigado ao anoitecer, tendo passado os mesmos riscos e trabalhos, augmentados com a travessia de alguns rios bastante correntosos, devido ao crescimento das aguas pelo degelo das neves.

Ainda nesta parte da viagem, o tino do animal é a maior garantia para o viajante.

Confesso que foi a primeira vez na minha vida que me tenho deixado guiar por um burro, sabendo que tratava com um burro.

Por isso, prefiro o burro pratico, ao theorico burro que não sabe o terreno que pisa.



CIDADE DE LA PAZ

A cidade de La Paz, capital da Bolivia, está situada, póde-se dizer, no fundo de um enorme poço, aberto no meio do deserto do — *Altoplanicie* e para onde se desce por uma magnifica estrada de rodagem em zig-zag, rasgada nas paredes dessa escavação estravagante e unica no mundo, que vai ter a 800 metros de profundidade.

O viajante que chega á beira desse poço e lá no fundo avista a cidade de La Paz, tem a mesma impressão daquelle que do alto do Corcovado, contempla a cidade do Rio de Janeiro.

Não me fartei de admirar esse capricho tão singular da natureza em épocas curiosas e phenomenaes das convulsões vulcanicas da terra.

A constituição physica da Bolivia, só por si, importa no estudo de um curso completo dos mais curiosos e extraordinarios thesouros da natureza americana.

La Paz está a 3.632 metros sobre o nivel do mar, na encosta occidental do *Illimani*, junto da Cordilheira Real.

E' uma cidade com 45.000 habitantes, onde se póde viver bem ; foi fundada pelo capitão Alonso de Mendonça no anno de 1548; faz parte do departamento do mesmo nome, que tem 443,214 kilometros quadrados, com uma população de 573.750 habitantes.

A differença de pressão atmospherica devida á altitude de 4.780 á 5.000 metros, e onde não chove, castiga enormemente o viajante que não dispuzer de um coração sadio e de um par de pulmões fortes para resistir á *puna* e não ser vencido pelo *sorocho* durante a viagem da região deserta do *Altoplanicie*, para chegar a La Paz.

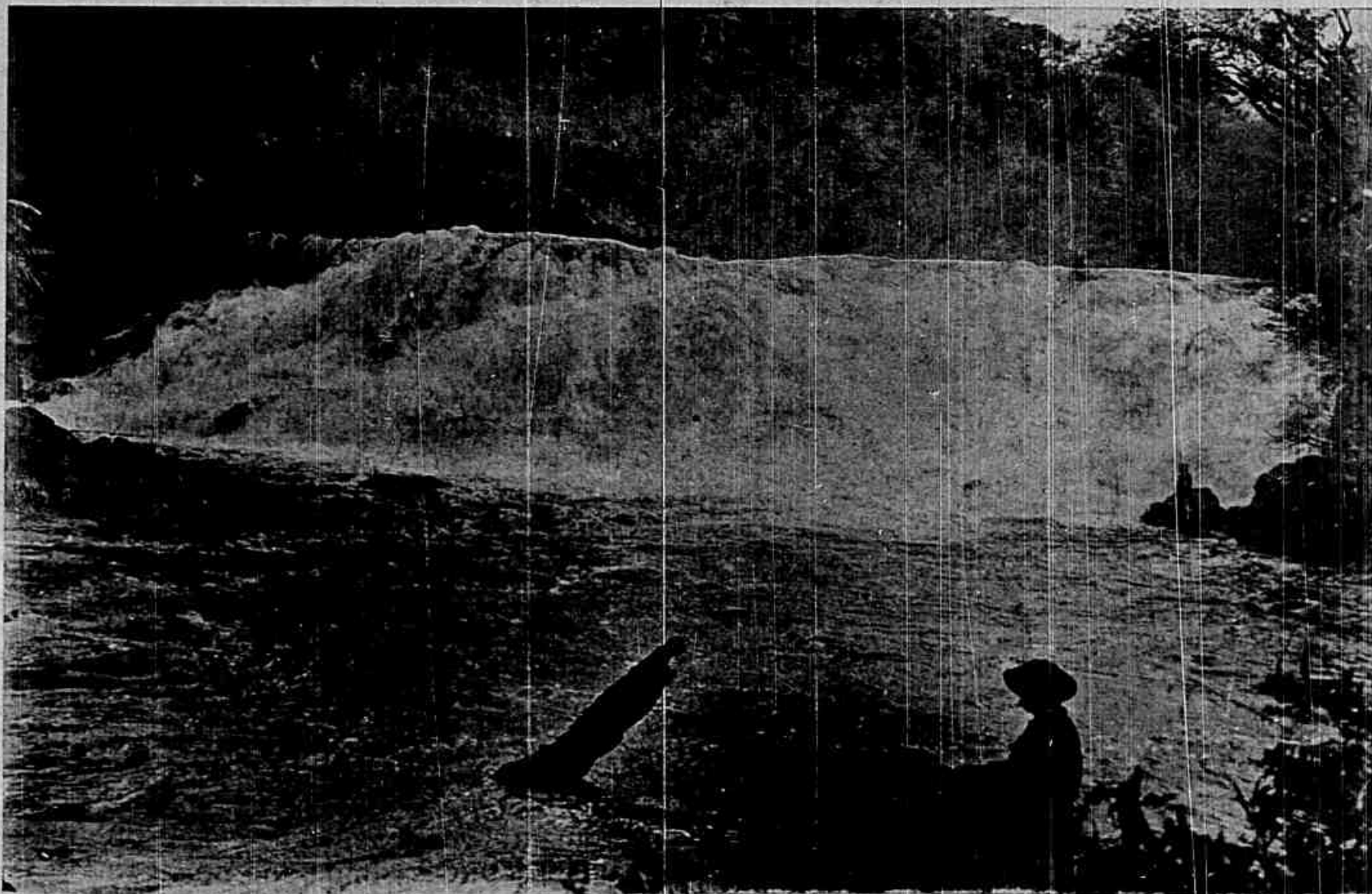
Sorocho é o mal-estar produzido pela rarefacção do ar, devido á altura e se manifesta pela respiração curta e fatigante, acompanhada de uma grande agitação do coração; as palpitações tornam-se muito fortes e acceleradas, a ponto de não só tirar o somno, senão impedir que se caminhe; chega a produzir congestões e até hemorragias pelos ouvidos e nariz.

Os viajantes estrangeiros são aconselhados a se premunirem com *ammoniac*, *alcanfôr* e *cafeina*; os naturaes do paiz servem-se de uma planta conhecida com o nome de *chachacoma*.

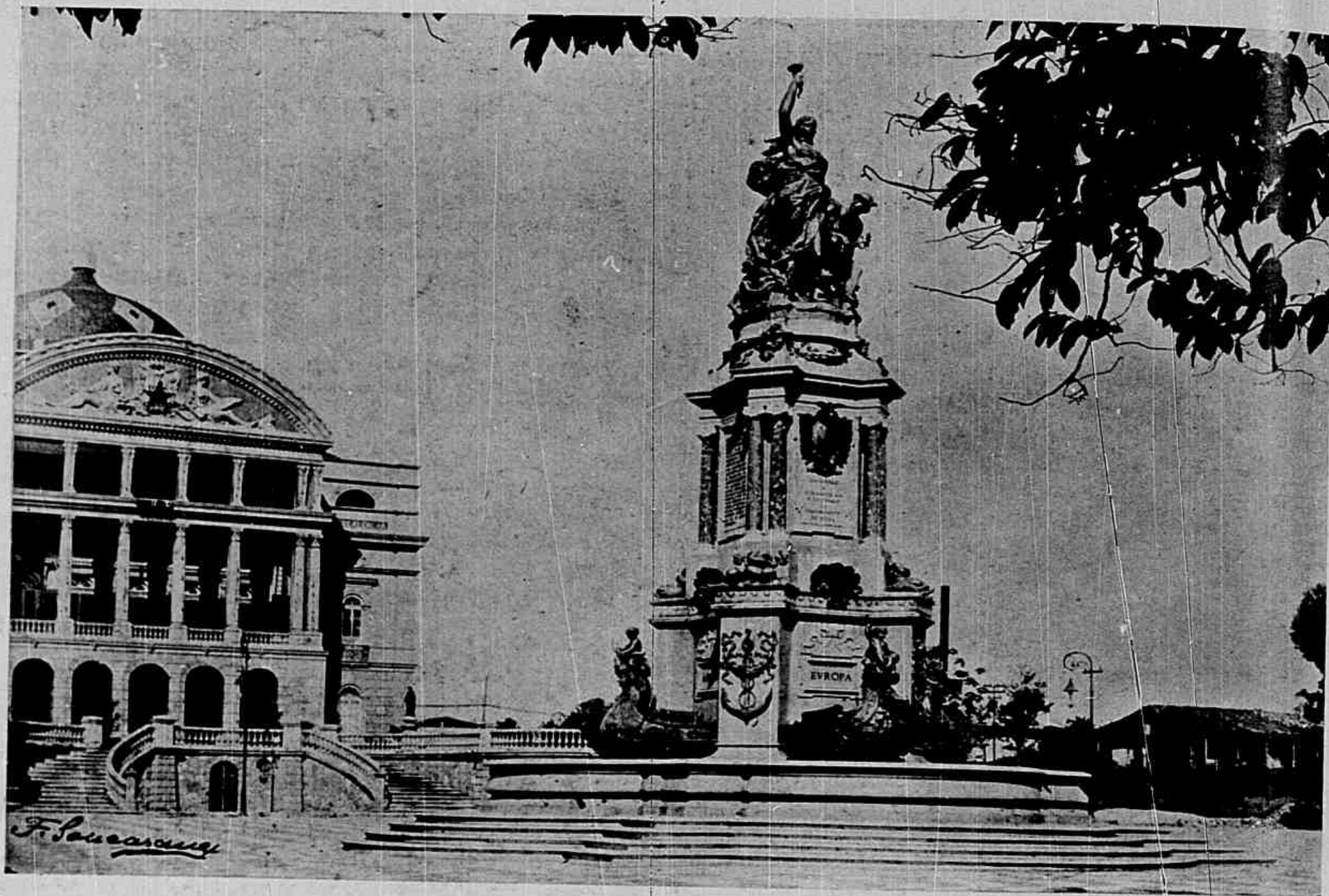
Felizmente não senti incommodo de maior cuidado, a não ser uma ligeira dor de cabeça durante a noite que passei no arraial de *Cicacica*, que fica a 4.815 metros sobre o mar, a 25 kilometros de *Oruro* e a 120 de La Paz.

José Carlos de Carvalho.

Capitão de Mar e Guerra.



RIO GRANDE DO SUL — COLONIA IJUHY — CACHOEIRA DO ARROIO DA PONTE



MONUMENTO COMMEMORATIVO DA ABERTURA DO RIO AMAZONAS Á NAVEGAÇÃO INTERNACIONAL — MANÁOS

Escola Militar de Porto Alegre

Appello patriótico

© problema da instrução, sem duvida alguma um dos que mais devem chamar a atenção dos directores das sociedades, dos povos e das nações, não foi ainda entre nós, como todos os mais, encarado com a precisa segurança, para que se lhe dêsse solução acertada e definitiva.

Queixam-se os patriotas de todas as classes e de todos os partidos do lamentavel estado de decadencia, mesmo de corrupção, a que desgraçadamente chegou a nossa educação elementar e superior; lamentam os competentes a nossa pobreza pedagogica, aqui e em todos os estados da União; protestam os mais audazes, semelhantes a andorinhas em zona frígida, contra esse tristissimo estado de coisas, que nos deshonra, nos humilha e nos abate, e entanto nada absolutamente se faz de util e salutar curando-nos de vez as chagas profundas que nos estão a afeiar o organismo, roubando-nos a seiva, enfraquecendo-nos o caracter, corrompendo-nos, inutilizando-nos.

Reformas sobre reformas succedem-se interminaveis, com a mesma facilidade com que se mudaria a uma repartição fiscal ou aduaneira o seu mecanismo administrativo, mas todas omissas e falhas, electricamente arranjadas para servir a este ou para prejudicar áquelle, qual mais onerosa e descabida, mais nos casos portanto de rebaixar, si tanto ainda é possível, o nivel da instrução ministrada á mocidade.

Obedecendo á lei fatal do meio, como que lhe seguindo as pégadas e as exigencias, a instrução militar nestes ultimos tempos tem quasi passado pelos mesmos amargores e vicissitudes.

Reformámos o ensino militar em 1889, alterando-o por completo, sem methodo e sem regularidade, para termos analogo proceder apenas um anno passado. Grandes sommas então se despenderam em construcções, adaptações, aquisições e nomeações e, não contentes com isso, com tamanhos erros e desasos, reformamol-o novamente em 1898, mas de uma maneira tão desastrada, tão nociva e tão prejudicial, que chega a causar verdadeira estupefacção aos espiritos menos desapaixonados ter esse amontoado de defeitos technicos e scientificos conseguido passar

incólume nas duas casas de parlamento, onde profissionaes de valimento e de prestígio têm entrada e têm assento.

Não cabe aqui, nem mesmo era essa a minha intenção, a analyse completa e minuciosa dessa infeliz reforma, nociva e prejudicial como nenhuma outra: apenas me quero referir a uma das suas disposições, ao fim que tenho em mira, á academia militar porto-alegrense, por ella erroneamente supprimida, barbaramente levada ao esquecimento, como coisa certamente imprestavel, sem valimento e sem utilidade.

O regulamento Thomaz Coelho encontrando de pé, altaneira e forte, essa utilissima instituição, onde militares de grande merecimento profissional haviam concluido com raro brilhantismo o curso das armas combatentes, deixou-a intacta, a educar e a instruir os filhos valentes dos pampas. A reforma Benjamin Constant, inquestionavelmente a mais sensata de quantas temos tido, respeita como era natural a historica academia, continuando então ella a funcionar como dantes, com a precisa ordem e regularidade, ministrando ás numerosas guarnições do sul grande parte da instrucção profissional e technica que lhes é absolutamente indispensavel.

Surge a reforma anti-patriotica de 98. O interesse sordido da politicagem, que invadiu, similhante a escorbuto, o organismo nacional, consegue levar de vencida os sacratissimos direitos da União, e a academia militar porto-alegrense é então criminosamente supprimida, com admiração, com assombro quasi de todo o exercito, que se acostumara a olhial-a, não como uma simples instituição academico-militar, senão como um poderoso centro de cultura moral e civica, como uma grande escola de educação e de patriotismo.

E porventura para não dar muito na vista o barbaro attentado, que revoltou a tudo e a todos, supprime-se ainda por cima a escola pratica do Rio Pardo, outro e clamoroso erro administrativo, para se installar ali uma escola preparatoria e de tactica.

Acerba realidade!

De modo que sem mais nem menos supprime-se uma academia perfeitamente localisada e instituida, prestando á Nação uteis e reaes serviços, abandonando-se-lhe ainda por cima o custoso edificio, propositalmente construido, sabe Deos com que esforço, por somma elevada bastante, para se despender grossas quantias com a criação de uma escola visivelmente subalterna e mesmo quasi inutil, em local baldio de recursos, sem agua e sem esgotos, illuminado até á luz asphyxiante do petroleo!

O erro não póde ser mais patente, mais digno de admiração e de lastima.

Custa a crer houvesse elle sido commettido e practicado com pleno assentimento das duas casas do parlamento, onde homens de farda, e dos mais distinctos, são sempre ouvidos religiosamente.

Pasma saber que almas brasileiras, amantes da instrucção e do exercito, abnegados e patriotas, houvessem concorrido com a sua incontestavel influencia e prestígio para a triste consummação de tão graves erros administrativos,

Infeliz a Patria nossa!

Felizmente, graças mais ao patriotico appello que pelas columnas d'*O Paiz* em tempo fizemos ao illustre senhor ministro da guerra, que a todas as informações e reiterados pedidos administrativos, emendámos em parte a mão: a escola preparatoria e de tactica não mais se acha em Rio Pardo.

Resta agora concluir a obra, levando quanto antes a Porto-Alegre o perdido curso d'armas, coisa que tanto tem de economica como de militar, qualquer que seja o ponto de vista em que se colloque o analysta bem intencionado, justiceiro e competente.

E não ha necessidade de longuissima tirada, de muita sciencia e de notoria erudição, para que cheguemos facilmente a tão expressiva conclusão. Racionemos.

O Brasil conta presentemente 69 corpos, ali incluídos os dous batalhões de engenheiros e o corpo de transportes, dos quaes mais da terça parte, pela situação especial do Rio Grande, extensão das suas vastas fronteiras, character eminentemente bellico dos seus filhos e, sobretudo, pela sua incontestavel importancia estrategica, reconhecida e proclamada em todas as phases da vida da Nação, ali tiveram e têm parada, sem que um só dos nossos homens de governo, pretendesse até hoje mudar-lhes o destino e o paradeiro.

E si as escolas de guerra, como é sabido, são instituidas em todas as nações militarizadas para dar educação profissional ás tropas, como então conceber-se de sangue frio aquelle poderoso Estado, juncado de batalhões e de regimentos, de infantes e de artilheiros, sem uma só academia militar ao menos?

O descuido administrativo é manifesto: está a entrar olhos a dentro até dos menos adestrados observadores.

D'ahi, d'esse triste estado de coisas, ao qual nenhum espirito serio jamais se poderá subordinar por vontade e gosto, resulta um duplo inconveniente, technico e economico, cuja minuciosa analyse se torna agora indispensavel, para provar á evidencia as argumentações precedentemente estabelecidas.

Os membros do exercito em serviço no Rio Grande, officiaes e praças, para haver as habilitações indispensaveis á carreira que preferiram, têm que se sujeitar a tortes e onerosas travessias, pagas integralmente pela Nação. Calculando apenas em duzentos o numero dos que annualmente se sujeitam a essa triste exigencia, numero que me parece muito áquem do verdadeiro, ter-se-á, attenção feita ao preço das passagens e mais ainda ao facto dos officiaes viajarem sempre com as respectivas familias, uma despesa annual

superior a cem contos de réis, despeza que podia e que devia mesmo ser diminuída ou evitada.

Dir-se-á porventura, sem grande madureza, que a economia haurida com a diminuição do pessoal, no magisterio e na administração, dá perfeitamente para fazer face áquella importante somma.

Mas o dito não pôde ser mais desacertado, infeliz e descabido. Sim; que o pessoal administrativo da escola de tactica continúa a ser o que d'antes era: a escola preparatoria de Porto Alegre hoje tem, como no tempo em que era academia, commandante, ajudante de pessoal e de material, commandantes e subalternos de companhias, instructores, mestres, pessoal de secretaria, de quartel-mestrança, de rancho, de portaria e de pharmacia. Apenas houve diminuição no numero de lentes, substitutos e professores. Mas como eram todos vitalicios, ficaram em disponibilidade, percebendo e vencendo como si em effectivo serviço do magisterio, segundo posterior e justa deliberação judicial.

Não houve então diminuição de despezas com a restricção apontada: apenas o houve de serviços.

Como, pois, pensar-se e dizer-se ter havido economia com a reducção do pessoal?

Não ha negar: engana-se, e engana-se redondamente, todo aquelle que pensar gastar-se menos agora com o pessoal da escola preparatoria e de tactica de Porto Alegre, que com o da extincta academia do vasto campo da Redempção: a despeza nesse ponto foi e continúa a ser a mesmissima.

Fica, pois, de pé a conclusão anterior a que chegamos: a desvantagem economica haurida com a suppressão infeliz daquella academia é manifesta. E só não a vê, quem a tanto não se quer abalançar.

Issò no ponto de vista economico. Technicamente o erro, em nada inferior, está por issò mesmo a pedir prompta e radical correcção.

O Rio Grande do Sul, já o dissemos, é um Estado eminentemente bellicososo: porventura mais da metade das nossas forças de terra lá viram pela vez primeira a luz do dia. E diversos officiaes e praças, e muitos filhos dos pampas, eminentemente bairristas, para não abandonarem por tempo sem conta o territorio do Estado que elles amam acendradamente, e onde familia e interesses lhes reclamam constantemente a presença, deixam-se lá ficar, mudos e quedos, como estamos a ver de quando em quando, uns sem o fundamental curso de guerra, e outros completa e crimosamente alheios á vida das armas, para a qual, mais que quaesquer outros brasileiros, têm decidida vocação e amor.

Eu conheci, só em Bagé, mais de uma duzia de moços, entusiasmados pela farda, mas que nem á mão de Deus padre se atreviam a verificar praça, só com receio de abandonar o Rio Grande em tempo de paz e socego. E conheci em Porto Alegre um

1º tenente, rosado como uma maçã e forte como um camponio, que muitas e muitas vezes me disse convencido ser a sua maior desgraça o dia em que se visse forçado a transpor a barra do Rio Grande, longe do seu cavallo e das suas queridas bombachas.

Ora, quem vê e observa coisas taes, que muito devem pesar no animo dos nossos legisladores, pôde-se lá curvar, indifferente como um africano, á ideia infeliz de se ter tirado á academia militar porto-alegrense o seu indispensavel curso d'armas?

Mas ainda não é tudo. Si a escola militar do Brasil, unica que hoje fornece á mocidade aquelle curso, estivesse installada em local apropriado, hygienico e saudavel, ainda se poderia diminuir sensivelmente o numero de officiaes e praças que, nas guarnições do sul, procuram fugir á academia. Mas como infelizmente o contrario acontece, como aquella escola se acha em local insalubre, em arrabalde onde o beriberi e o typho começam de se tornar endemicos, ceifando de preferencia os gloriosos filhos do sul, não ha nem pôde haver gaúcho quasi, paisano ou praça de pret, que se queira atrever á difficil cartada de vir aqui buscar o indispensavel curso d'armas.

Ainda o anno atrazado e começo do passado, o typho em Botofogo fez centenaes de victimas nos pobres filhos dos pampas: conheço um pai que teve então a desdita incomparavel do ver perdidos todos os seus filhos, até mesmo aquella formosa menina de treze annos que lhe enchia o lar de alegria e de orgulho.

Nessa época, a coisa foi tal, tão devastadora e compungente, que se pôde affirmar, sem receio quasi de contestação, que uma só casa não houve alli, de gente do sul, onde não desapparecesse pelo menos um dos seus membros queridos.

Quanto ao beri-beri, que começa de reaparecer naquellas historicas muralhas, a despeito dos malditos esforços em contrario empregados pela actual administração, ainda está bem patente no espirito de todos, os estragos ha pouco causados na Praia Vermelha, em rapazes do sul sobretudo, por esse terrivel morbus. E os pobres filhos do Rio Grande, sabedores de quadro tão desolador quanto inevitavel, só em casos excepcionaes se sujeitam a tão dura experiencia, a tamanhas privações e penares: ficam-se em Bagé ou em Porto Alegre, em Uruguayana ou em S. Gabriel, á espera sómente que legisladores abalizados e competentes, olhando com mais amor para a enorme extensão geographica do Brasil, se dignem então de lançar demoradamente as suas vistas patrioticas por sobre as esquecidas guarnições da sua terra natal.

O prejuizo é então duplo: os moços civis não mais se animam, como até agora, á vida das armas, que lhes fica de todo interdicta; e os que por um supremo esforço se animam a verificar praça, com decidida

paixão pela vida de combates, lá se deixam ficar criminosamente paralyzados, á vida activa de fileira, sem poder desenvolver, ás portas das academias, a sua reconhecida aptidão bellica.

Militarmente, pois, mais ainda que economicamente, o erro não póde ser mais lastimavel, mais digno de reparo e de correcção, sobretudo si se tiver em vista, como é natural e acertado, que o soldado gaúcho, guerreiro por natureza e indole, á tenacidade comprovada reúne a bravura inexcedivel.

Que folheie conscientemente as mais bellas paginas da nossa historia militar, quem achar acaso o dito exagerado.

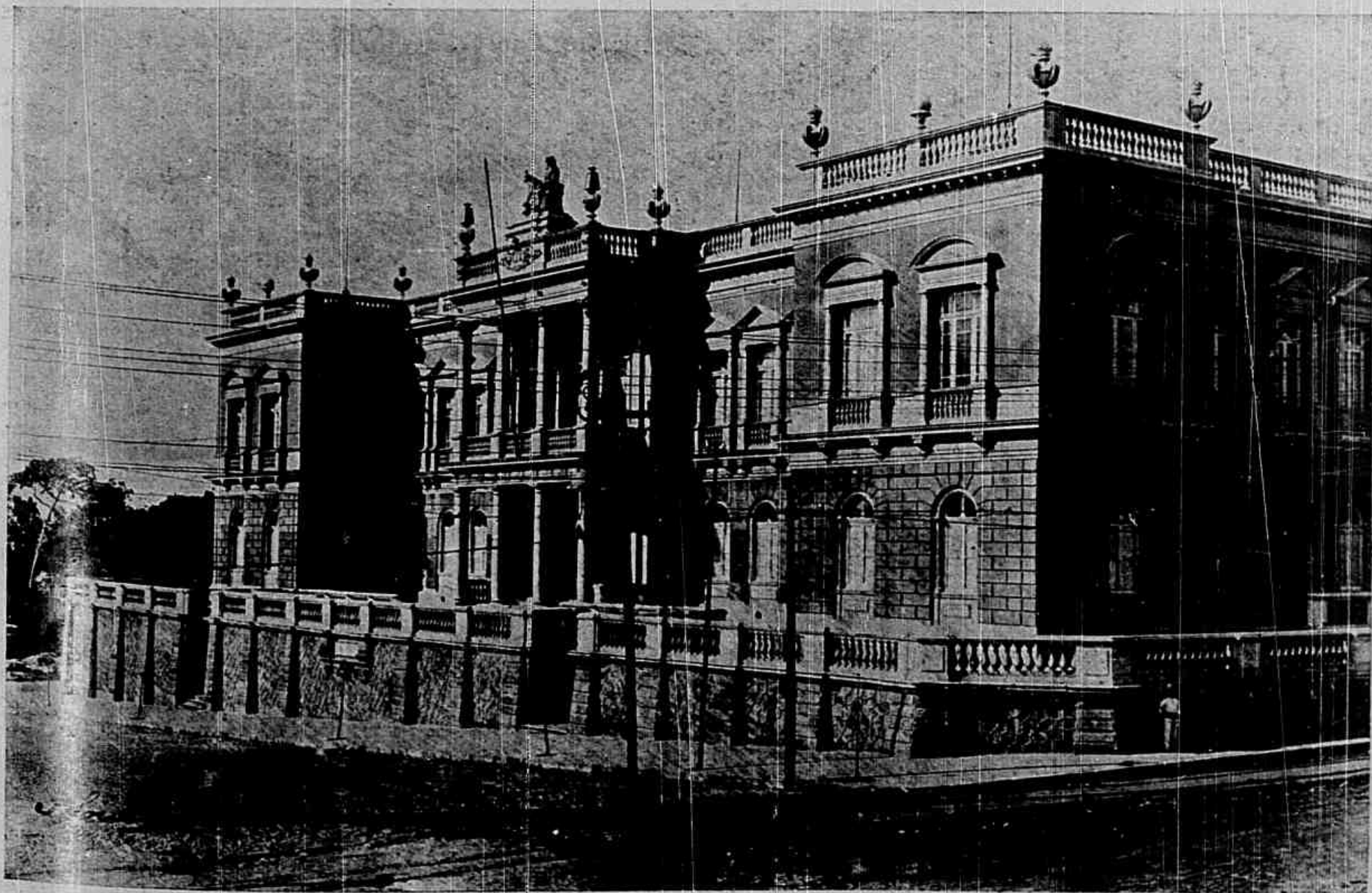
Urge, pois, acabar de vez com esse tristissimo estado de coisas, que muito está a depôr contra a nossa capacidade administrativa. E é por isso justamente que, do alto d'estas columnas, eu tomo novamente a liberdade de appellar, cheio de fé, para as

nossas primeiras autoridades militares, o generoso sr. marechal Argollo, e o erudito sr. marechal Costallat, certo de que S.S. Ex.^{as}, brasileiros e patriotas, amantes do Brasil e do exercito, esforçar-se-ão como soldados destemidos para que volte á escola de Porto Alegre o indispensavel curso d'armas, por ella sempre possuido, no Imperio como na Republica, com Pedro II como com o immortal Floriano.

SS. Ex.^{as} que ponham em jogo quanto antes sua reconhecida influencia governamental; que se esforcem já e já por esse nobilissimo ideal, alevantado e patriotico como nenhum outro, porque assim terão prestado ás guarnições do sul um grande beneficio militar, e á classe de que são hoje tão preclaros chefes um serviço de valor inestimavel.

Liberato Bittencourt.

Du Escola Militar do Brasil.



PALACIO DA JUSTIÇA — MANAÓS

MATTO GROSSO

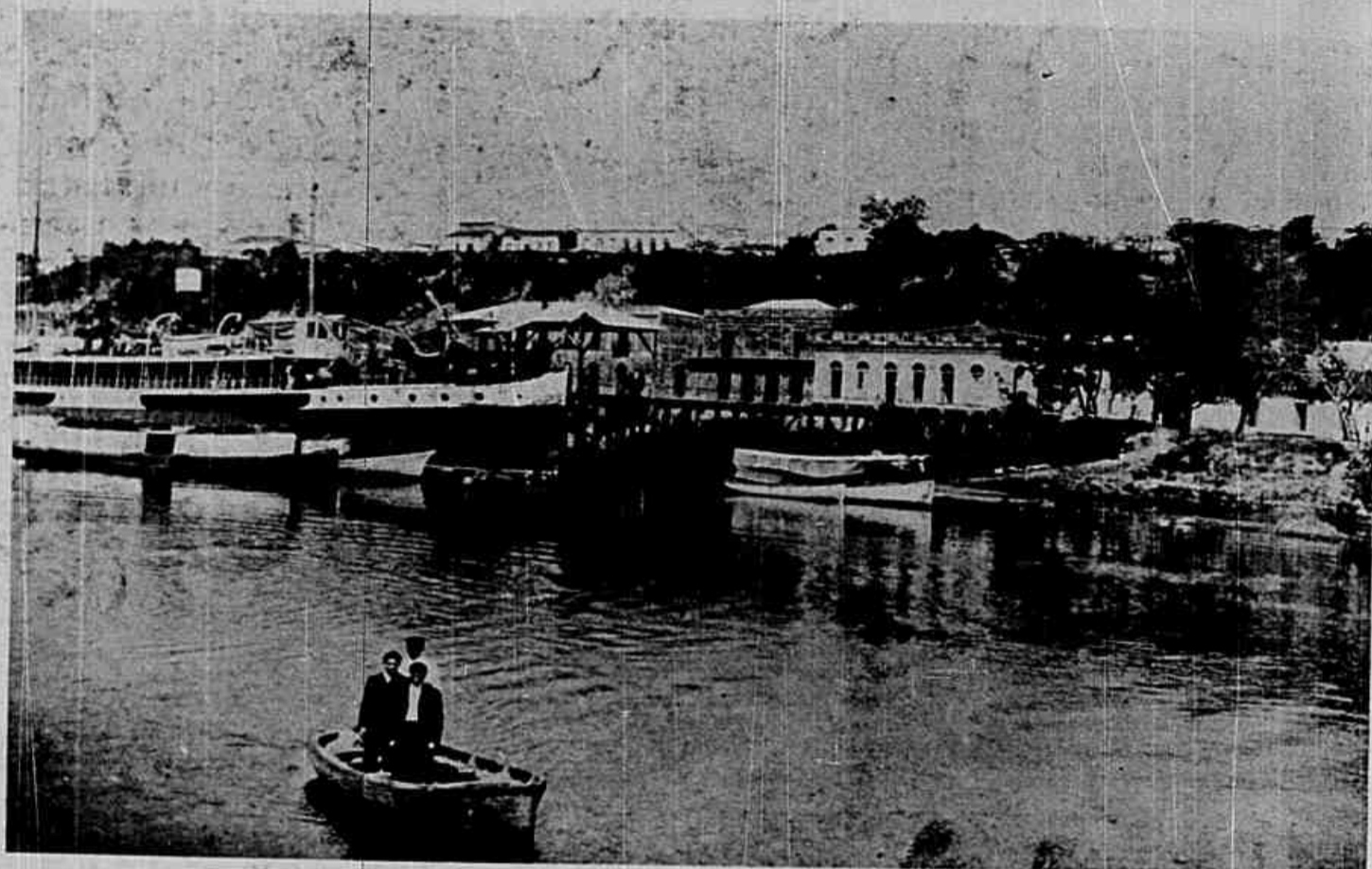
I

CONVIDADO a escrever algo sobre Matto Grosso, agradeço penhorado a gentileza, sentindo-me contente em expandir mais uma vez a extraordinária admiração que tenho por essa terra, de envolta com as mais vivas esperanças no seu grandioso futuro.

Nascido noutro Estado, cuja pequenez é dignamente compensada pela densidade da população e pela energia intellectual dos seus filhos, as minhas palavras, insuspeitas, estão escoimadas de *bairrismo*. São sinceras como tudo que dimana das consciências sans, mesmo em face do que pouco falta para attingir ao maravilhoso.

Matto Grosso é o paiz das cousas ideaes e estupendas, como a própria imaginação, sob qualquer ponto de vista que se o considere. Só o homem, que mal emerge da immensidade, é pequenino e sem forças, portanto incapaz para transformar em utilidades, exigidas pela civilisação, seus vastos thesouros naturaes.

Tambem em parte alguma do Brasil são tão abundantes as lendas relativas a essas riquezas, perdidas no seio da terra, em logares já sabidos, hoje ignorados pelo desappa-



CORUMBÁ

recimento ou incerteza dos respectivos roteiros. A ficção ou realidade das minas de Urucumacum, no araxá das cordilheiras do Norte e dos Parecys, e das dos Martyrios, no extincto arraial do Arayés, nas margens do rio Manso, no valle do Paranatinga etc. etc. excede quanto se imagina, preocupando ainda hoje não raras pessoas.

Nem podia deixar de ser assim, si os primeiros pontos encontrados pelos paulistas, quando se internaram no coração do continente sul-americano em busca de gentio, offereceram sem o menor trabalho, espalhadas a flux na superficie do solo, em um só meç e a um só individuo, quatrocentas arrobas de ouro, tornando para sempre famoso e celebre o nome de Miguel Subtil.

Não estão por certo esgotadas essas jazidas em Cuyabá, tendo havido sempre suspeitas da existencia do veieiro principal onde se acha a igreja do Rosario, fóra da vista que representa a cidade, para o lado direito. Na estação das aguas, depois das chuvas torrencias, creanças e adultos se entregam nas regueiras á cata de grãos, mais ou menos grandes. Durante



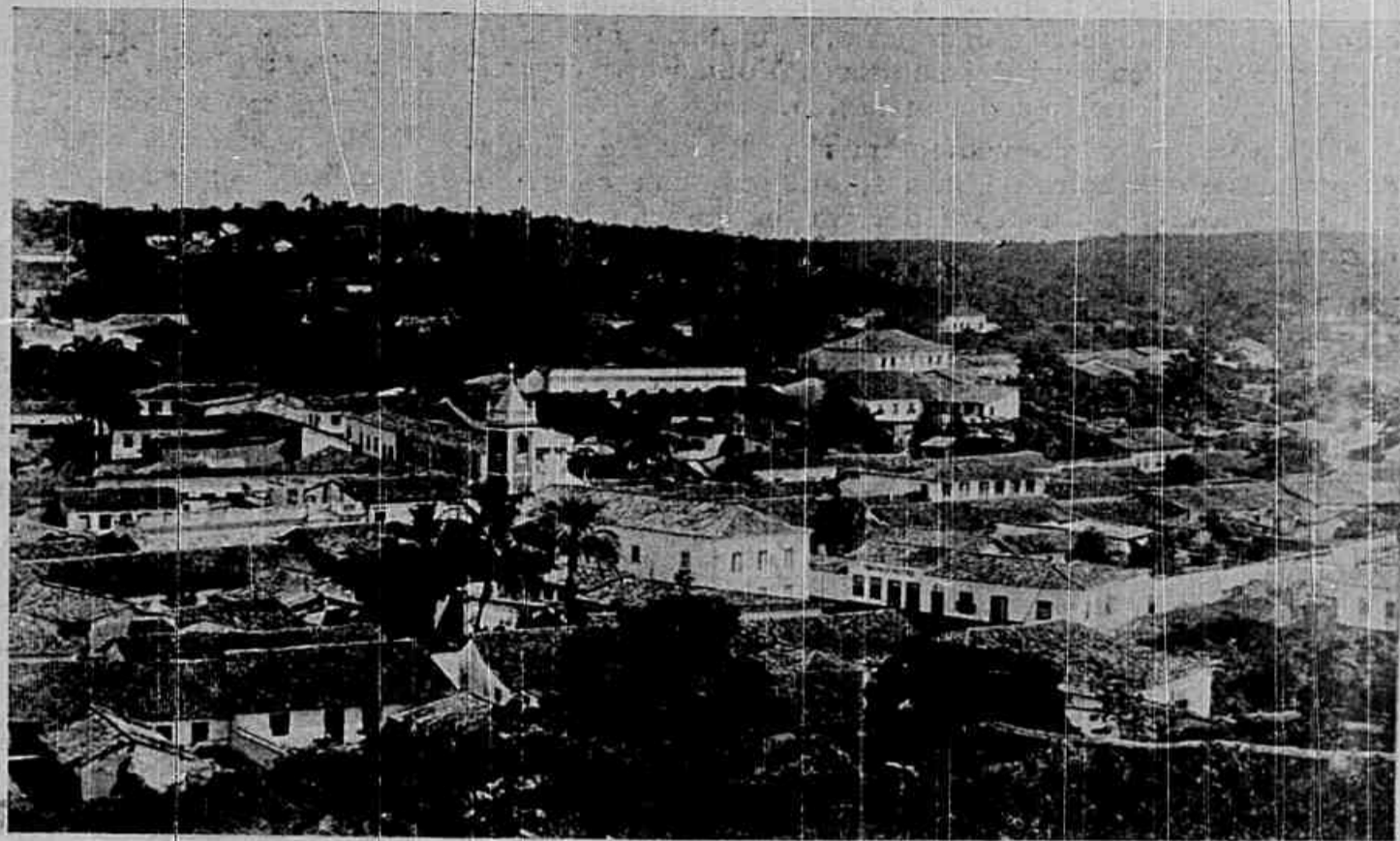
PORTO DE CUYABÁ

a minha estadia lá, uma velha apurou num dia duzentos e tantos mil reis.

Mas si ahi já não existe a exploração nem pelos processos rudimentares dos primeiros tempos, o mesmo não se dá pouco adiante, nos rios Coxipó, um dos quaes tem a designação expressiva de *Coxipó do Ouro*, onde uma empresa recentemente organizada, dotada de bons aparelhos, encetou a referida exploração com fundadas esperanças e já talvez regulares resultados.

Num d'esses rios, de aguas limpidissimas e sempre frias, a uma legua de Cuyabá, se encontra a villa ou povoação de Coxipó da Ponte, nome tirado da elegante construcção não muito nova, mas ultimamente refeita, que liga as margens. E' ahi que a população abastada da capital, inteiramente despreocupada de faisqueiras, vem veranejar ou passar os domingos em festas, cavalgatas e pic-nic...

Não é o ouro o que avulta mais em Matto Grosso. Outros mineraes preciosos, cobre no valle do Jaurú, gemmas, especialmente diamantes, nas cabeceiras do Paraguay e do Arinos, carvão de pedra no municipio de Miranda, manifestam-se tambem, provavelmente noutros pontos, citando-se mesmo, não sei com que fundamento, a existencia de areias monasticas.



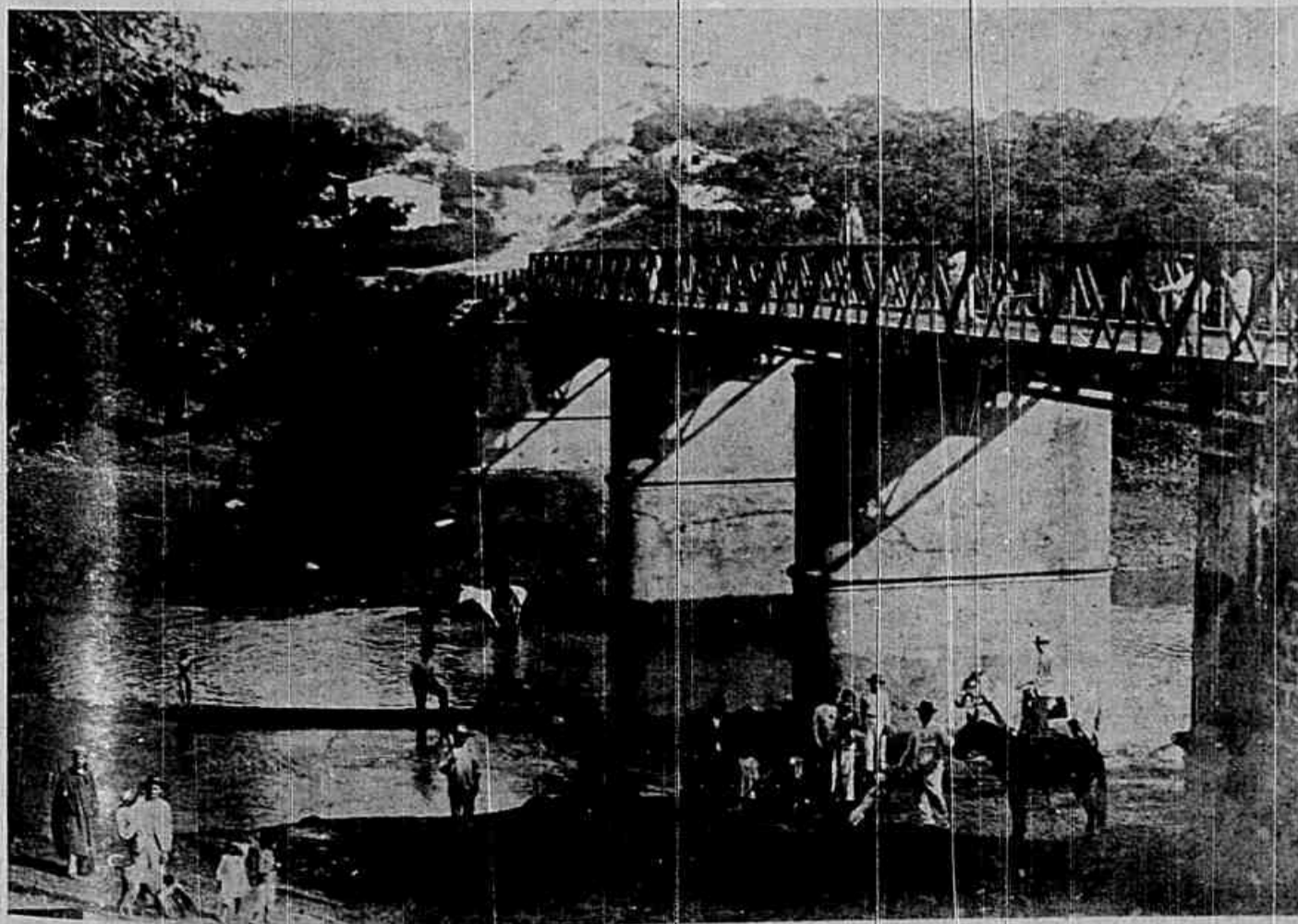
CUYABA

Quem conhece a graciosa Corumbá, cuja photo-gravura mostra apenas a Alfandega com a respectiva ponte e pequeno trecho do bairro commercial, encoberto pelo navio brasileiro *Mercedes*, sabe que a cidade se estende para o interior e para os lados sobre a barranca, em ruas e praças regulares, havendo ainda muito terreno baldio mesmo sobre a barranca, que se presta aos exercicios militares.

Sabe tambem que não longe, a vinte kilometros, está situada uma propriedade excelente, de clima amenissimo, de fecundidade notavel, de variados encantos. E' a fazenda do Urucum, pertencente aos srs. Carcano, parentes do velho general italiano, inventor do fusil de guerra que tem o mesmo nome.

Chama-se *Urucum* por causa do morro, de cujo cume se descortina esplendido panorama abrangendo o Paraguay, seus extensos pantanaes, oceanos verde-negros de mattas virgens, morros da Bolivia, campos de Jacadego, lagoa de Caceres, arsenal de marinha do Ladario, havendo quem affirme divisar-se ao longe, com poderoso oculo, a antiga villa de Miranda.

Ao lado está outra propriedade dos mesmos donos, montanhosa, o *Bilvedere*, denominação plenamente justificada, onde fundou-se uma enfermaria provisoria e de experiencia para os beribericos das forças do districto. Fronteira ergue-se a *Tromba do macaco*, morro dos mais importantes de Matto Grosso naquella zona; e não longe se acha a



PONTE DO COXIPÓ

fazenda de S. Domingos. Todo esse conjuncto fórma colossal jazida de ferro e manganez, de minerio purissimo, sendo taes morros verdadeiros blocos d'onde jorra crystallina agua, com inteiro sabor metallico.

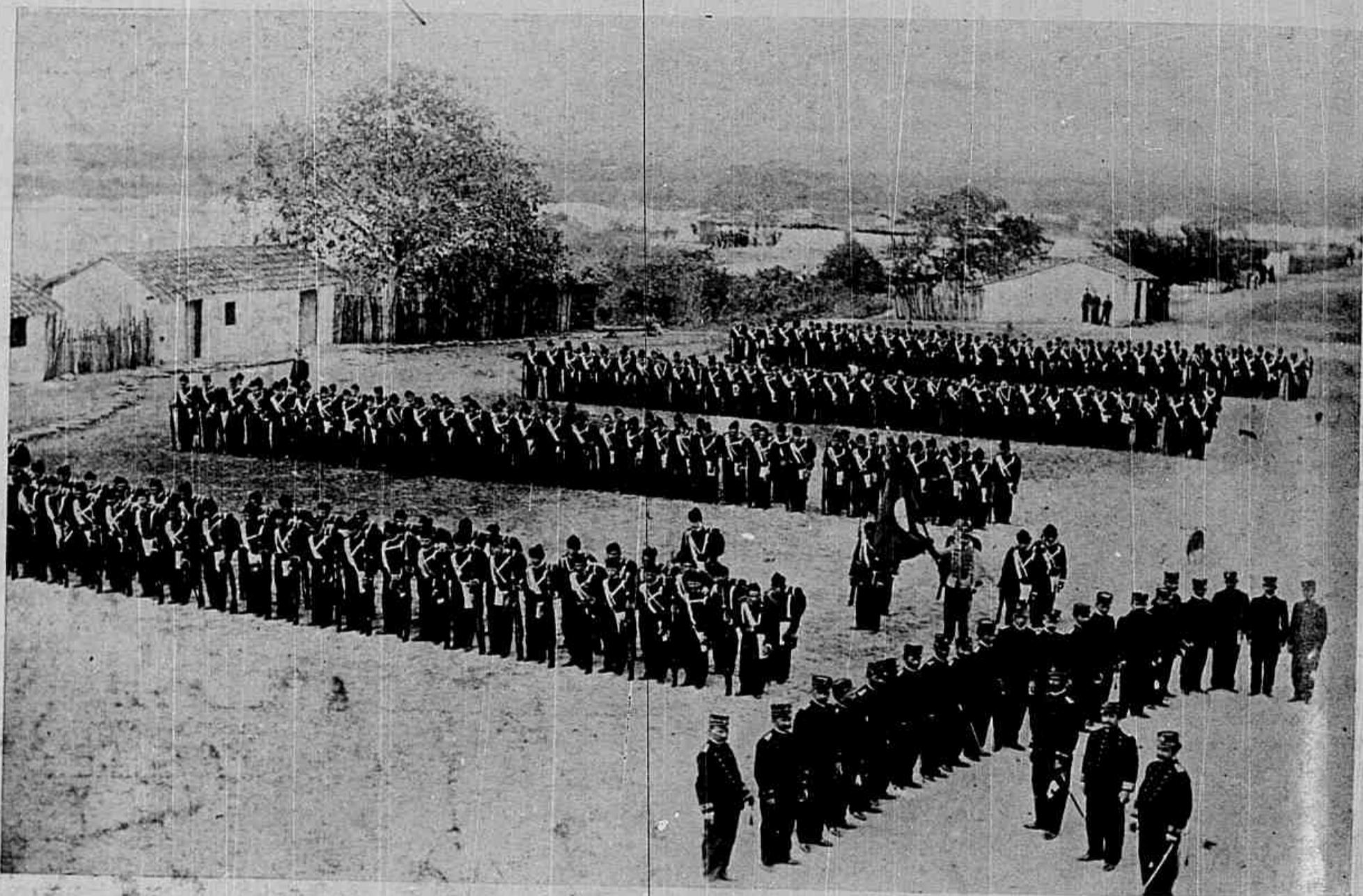
Essa jazida foi convenientemente estudada e calculada por um engenheiro de minas, que publicou consciencioso trabalho sobre a respectiva exploração, lucros, melhores meios de transporte dos productos etc. Lembrome ter lido julgal-a sufficiente para abastecer o mundo inteiro de materia prima, por espaço maior de meio seculo!

Entretanto, o que só por si seria bastante para constituir a riqueza de uma nação, não tem valor algum pela falta de capitaes, pela nossa inercia physica, intellectual e

gaes em que mal se tem tocado, heruaes que já fizeram a fortuna da companhia Matte-Larangeira, forragens superiores á alfafa, poaia, baunilha etc. etc.

São os productos expontaneos do solo, como tambem dizem ser o arroz nas margens do Paraguay e outros rios. Mas si se appella para a cultura, os mesmos prodigios se observam no café da Chapada, nos cannaviaes das margens de Cuyabá, no milho, no fumo, na mandioca, em tudo e por toda a parte quasi, nesse paiz de todos os climas.

Essas riquezas não têm tido tambem relativamente exploração, porque falta o agente essencial de todos os progressos, de toda força, de toda grandeza effectiva e real, a população, de cujo augmento nunca se tomou ao serio e nem se o toma ainda.



O 25º BATALHÃO DE INFANTERIA EQUIPADO, EM ORDEM DE MARCHA — CORUMBÁ

moral, que gera o menospreço de interesses vitaes, entregue quasi permanentemente a preocupações egoisticas, curtas, sem horisontes, de raça inferior.

Si Matto Grosso não teve ainda ao menos poetas que lhe cantassem as grandezas, não tem faltado outros espiritos eminentes e investigadores, como Ricardo Franco, Castelneau, D'Alincourt, Leverger, João Severiano, conego Guimarães e tantos outros, interessados com amor e paixão em desvendal-as, quasi sem proveito!...

Si do reino mineral se passa ao mundo organico, vegetal e animal, se verifica a mesma exuberancia, a mesma opulencia, as mesmas maravilhas. Ali se encontram mattas inexploradas de preciosissimas madeiras, abundantes serin-

Por isso, Matto Grosso não produz sequer para o consumo, importando muitas vezes até do Paraguay generos de primeira necessidade. Colloca-se evidentemente em plano inferior quando por muito tempo aquella Republica se locupletou com os heruaes do Iguatemy e se vangloriou com o matte brasileiro, como sendo o seu melhor producto, então exportado pela Villa Concepcion.

Uma das primeiras riquezas de Matto Grosso é o gado, em grande parte alçado e bravio. A aptidão talvez excepcional das condições mesologicas para augmental-o, se caracteriza pela extrema precocidade da femea, em pleno desenvolvimento, nos actos da procreação. D'ahi essa quantidade enorme que ali se destroe e d'ali se exporta para o

Paraguay, Minas Geraes, S. Paulo, chegando talvez até o Rio de Janeiro.

Bourgade numa obra de vulgarisação e de propaganda em favor do Paraguay, assim se exprime: «Esta disposição dos terrenos é considerada como essencial para o estabelecimento de uma *estancia*; é ella que constitue uma porção da superioridade da margem esquerda do Paraná nas questões de criação. Se a encontra, de facto, por toda parte n'essa região, que comprehende o Uruguay, a Mesopotamia argentina, o Paraguay e a provincia brasileira de Matto Grosso. Póde-se accrescentar tambem a do Rio Grande, que pertence ao mesmo systema.

Uma cousa a notar é que quanto mais se sobe para o norte mais as condições de criação melhoram. Assim é que o Paraguay tem gado mais apreciado que o de Corrientes e que a provincia de Matto Grosso fornece essa bella raça de Miranda, que é a mais apreciada da America do Sul.

«Conforme estatisticas organizadas com cuidado nas estancias do paiz, reconheceu-se que uma legua quadrada

de territorio póde nutrir de 1500 a 2000 rezes adultas, ou seja 100 por kilometro quadrado... não se contando as crias, o que eleva o numero a cerca de um animal por hectare. Esta proporção nos parece muito razoavel, admitindo que tudo não é pastagem nas estancias do Paraguay.»

Dadas as condições reconhecidas da superioridade de Matto Grosso na qualidade do gado, na proliferação, na vastidão immensa de um territorio superior a 1.400.000 kilometros quadrados, é facil imaginar-se a expansão de que é capaz uma tal riqueza!

Matto Grosso é, portanto, o paiz dos assombros. Chamar sobre elle a attenção, sinão do mundo civilizado para virem se fixar ahi as sobras das populações validas, mas dos proprios brasileiros para que conheçam, desenvolvam e defendam os seus infinitos thesouros, é por certo acto de verdadeiro patriotismo.

Avila Franca.

CANHÕES DE TIRO RAPIDO

EXPERIENCIAS NO BRASIL

SEMPRE que entre nós se cogita de introduzir um melhoramento qualquer em nosso material de guerra, surgem difficuldades.

E quando um Ministro, cheio de iniciativa, sem esquecer as lições do passado, pesquisando as incertezas do futuro, procura acautelar-nos de surpresas, sempre dolorosas, longos são ainda os estadios a vencer.

D'entre os opposicionistas que então surgem, ha um grupo que acatamos, tendo como representantes profissionaes estudiosos, que constituem o que se póde chamar o elemento conservador do Exercito.

Esses, geralmente, confiam de mais no que temos e, quando um problema novo se apresenta resolvido, duvidam sempre da solução, porque foi para elles inesperada.

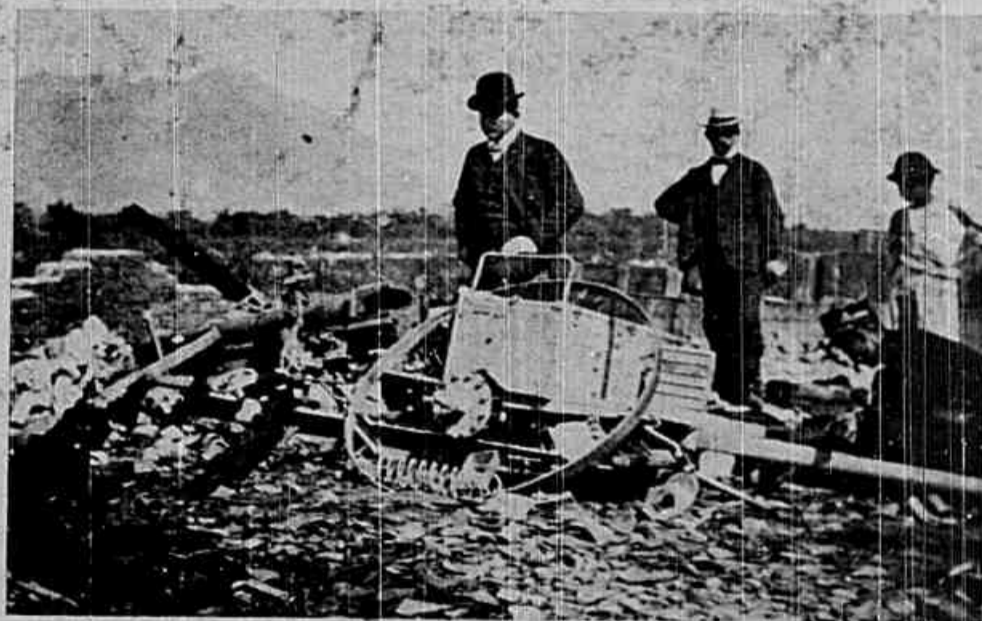
Mas, si não são opposicionistas systematicos, curvar-se-ão em face de provas materiaes, conclusivas.

D'entre as duvidas arguidas contra o canhão de tiro rapido de campanha, que estudamos, se releva a de falta de resistencia d'esse material, ou sua pouca *rusticidade*, para repetirmos a expressão então empregada.

Talvez seja isso o reflexo de ideias identicas que surgiram na Europa, principalmente na Allemanha, quando ainda o canhão sem recuo era considerado um instrumento muito aperfeiçoado, muito delicado, para ser empregado em campanha.

Effectivamente, ninguem mais do que o general Rohne, cuja opinião é acatada como a de um dos mais competentes no assumpto, se mostrou adversario d'esse canhão, classificando de utopia a sua construcção de modo satisfactorio.

Sincero patriota, porem, tres annos depois declarava que «lui même, en presence de la rapidité des progrès de l'Industrie, se trouvait pris en défaut.» (1)



A propria casa Krupp em seu relatorio n. 89, publicado em principios de 1898, apresentando alguns modelos de reparos do systema que estudamos, declarava que elle não era ainda apto para a guerra.

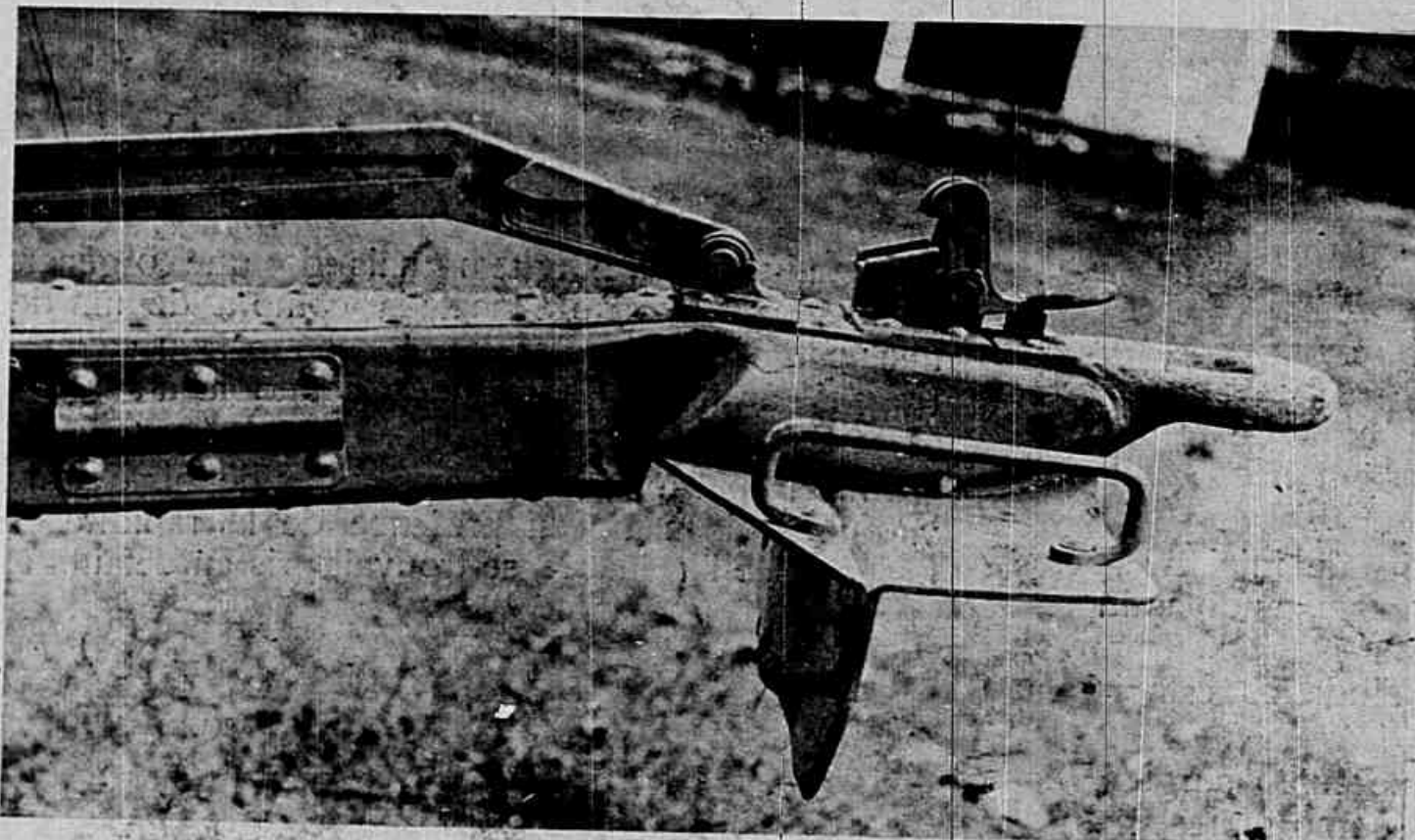
Entretanto, cinco paizes da Europa (Suecia, Dinamarca, Suissa, Turquia e Hollanda) já se resolveram pelo canhão de recuo sobre o reparo, preferindo typos d'aquelle grande industrial. (2)

(1) Rouquerol—Organisação da artilheria de campanha—Página 205.
(2) Revista internacional—Fevereiro de 1904.

E, mais longa seria a nossa serie, si citassemos os paizes que fabricam o seu proprio material, a cuja frente está a França que adoptou o canhão actualmente regulamentar, de recuo sobre o reparo, desde 1897.

Em nosso ultimo trabalho apresentamos o canhão Krupp de 7c, em sua installação provisoria, depois de retirado das ruinas, a que ficaram reduzidos os armazens do Polygono do Realengo, em consequencia do incendio de 11 de Agosto de 1903.

Chegamos tarde para assistir o que de mais tenebroso ali se passava—o arrebatamento de grande numero de projectis, alguns carregados com "melinite", atirando estilhaços que se iam projectar a grandes distancias, tornando impossivel a approximação dos valentes operarios da Fabrica de Cartuchos e praças



do 20º Batalhão de infantaria, que, pressurados, acudiram ao lugar do sinistro.

Chegámos, entretanto, ainda a tempo de assistir á luta desesperada d'aquelles valentes, que se travou logo que uma mais longa intermittencia naquellas explosões lhes permittiu se approximarem d'aquelle fóco de destruição.

Parecia impossivel que d'aquelle amontoado de destroços se podesse retirar alguma cousa aproveitavel; entretanto, depois de ligeiras reparações que poderiam ser feitas em campanha, com os recursos de que então se dispõe, estava o canhão Krupp de 7c, apto para realisar as bellas experiencias a que nos referimos em nosso numero anterior.

Será razoavel que se diga que á um canhão que deu mais de 500 disparos, sendo 81 em experiencias depois d'aquelle lamentavel sinistro, sem que os seus orgãos mais delicados—o freio e o recuperador—

tenham deixado de funcionar uma só vez, falta a *rusticidade* necessaria ao serviço de campanha?

E' tempo, pois, de confessar, que vae longe aquelle receio de falta de *rusticidade*, de que ainda se fallou o anno passado!

D'entre as censuras feitas á casa Krupp, depois de conhecido o resultado das experiencias de 1902, figurava a diminuição de calibre, reduzindo-o a 7c.

As nossas experiencias em 1903 tiveram inicio a 20 de Agosto com um canhão de 7,5c do mesmo fabricante. Nesse material vimos realizadas todas as modificações que indicamos para o canhão de 7, no intuito de tornal-o mais apto para o nosso serviço.

Ia, pois, se travar a luta entre os tres concorrentes preparados para ella: Vickers, Ehrhardt e Krupp; luta que no corrente anno promette ser mais renhida, com a presença de dous novos adversarios de grande valor—St. Chamond e Schneider-Canet.

Bem cedo verificamos que, apesar dos aperfeiçoamentos feitos em seu material, não conseguira a casa Vickers apresentar um canhão que se mantivesse estavel, embora fossem menos violentos os saltos de seu novo modelo.

Attendendo, porem, a sollicitações de seu distincto representante, o Sr. Cerqueira Lima, consentiu a commissão renovar as experiencias, iniciando-as por uma serie de tiros em fogo rapido, contra um alvo a 100m, não podendo o apontador tocar nos aparelhos de pontaria depois dos dois primeiros disparos.

Notamos que a pá da conteira, collocada sobre terreno duro e horisontal não se enterrava, de maneira que fixasse o reparo, mas, ao contrario, todo o systema recuava de cerca de 36 c, voltando á posição primitiva pela acção dos recuperadores.

Um facto anormal se revelou ainda, salientando a extrema habilidade de artilheiro da casa Vickers: os *pontos de impacto* começaram desde logo a ter abscissas, crescendo rapidamente de valor, para em certo momento voltarem a ser muito pequenas, evidenciando que o artilheiro tivera a habilidade de manobrar as manivellas de pontaria, de modo que passaria despercebido, si aquella anormalidade lhe não tivesse denunciado a ligeireza.

Torna-se, por isso necessário repetir a experiencia, tomando-se a precaução de cobrir as manivellas de pontaria depois do segundo tiro.

Desde então, a pá da conreira mordendo com força o solo duro e resistente, começou o canhão a saltar, e ao terceiro tiro davam já as chapas dessa conreira, signaes de sua pouca resistencia, chegando ao estado em que aqui o apresentamos.

E o artilheiro da casa Vickers, que resistira com bravura aos choques violentos produzidos pelos saltos do canhão, ficou devéras abatido, quando lhe mostramos o estado a que ficara reduzido o seu material.

Tenente-Coronel L. Barbedo.



Inauguração dos trabalhos da Avenida Central

Aspecto do local —angulo das ruas do Acre e S. Bento—onde foi collocada a pedra inaugural, tomado por photographia instantanea, no momento da cerimonia.

Ao centro do agrupamento destacam-se os snrs. presidente da Republica, Prefeito do Districto Federal, engenheiro Paulo de Frontin.

A QUESTÃO FEMININA

III

DADAS as divergencias características dos dous sexos e a deficiencia em um de qualidades que sobram no outro, o unico meio de realizar uma unidade social definida e completa está no concurso dos dous, de modo que cada um dê ao outro o que lhe falta para integrar-se.

Esse concurso geral reduz-se fundamentalmente á união do homem e da mulher, união, que, independente de qualquer idéa de procreação — muitas vezes incompativel com a organização physica dos conjuges ou pelo menos nociva aos descendentes — consiste em tornar a alma masculina mais pura, mais terna, mais amorosa, e dar á mulher mais coragem, mais prudencia, e mais firmeza.

O par torna-se assim o verdadeiro individuo social. E é do concurso dos pares ou das familias mais ou menos numerosas que resulta o aggregado social, onde o individuo, considerado pessoalmente, é um simples órgão do corpo collectivo.

Tal conjuncto de familias, reunidas a principio em tribus e nações, constitue as patrias, cuja convergencia forma a associação universal, a Humanidade.

Familia, Patria e Humanidade são os tres typos da sociedade humana, primeiramente domestica, depois civica e finalmente planetaria.

Como é facil de vêr, é do par fundamental que surgem successivamente todós os grupos humanos; institui-o e melhora-o é pois o principio primordial da instituição e aperfeiçoamento da patria e da sociedade inteira.

A Humanidade, em sua lenta e penosa evolução, tantas vezes secular, conseguiu, atravez de todas as vicissitudes, superando as barreiras que o egoismo oppõe ás conquistas do amor, crear a familia e aperfeiçoal-a de modo a conduzi-la da forma mais grosseira da polygamia fetichista até ás alturas magestosas da monogamia indissolvel e eterna, que o Positivismo revelou, passando pelos estados intermedios da monogamia com divorcio das civilizações militares, e monogamia indissolvel até á morte, do regimen catholico feudal.

E' verdade que nos tempos modernos a metaphysica revolucionaria, sincera ou malevolamente, proclama, como formas progressistas do casamento, instituições anachronicas só compatíveis com as civilizações passadas, onde representaram um progresso real com relação aos estados anteriores.

Mas a verdadeira sciencia, a sociologia positiva, a sociologia dos que decidem por ella uma questão social como resolvem pela astronomia um problema celeste ou tratam de um phenomeno de movimento

conforme os principios da mecanica, e não a desses que querem dar opiniões sobre a sociedade e o homem, desconhecendo muitas vezes a propria numeração; essa verdadeira sociologia, dizemos, prova que as taes medidas apregoadas como progresso são uma completa retrogradação.

E' na sciencia do passado, na historia da nossa especie, que a sociologia vai buscar os materiaes em que se funda para induzir a lei statica do casamento humano, a lei dinamica de sua evolução e a regra pratica de sua constituição normal.

A união conjugal nas primeiras épocas foi puramente polygamica. As nações fetichistas e theocraticas não passaram além dessa fórma rudimentar.

A *Biblia*, o livro supremo da civilização hebraica, que era uma theocracia, e á qual o monotheismo catholico refere a sua filiação, é um dos documentos probatorios da existencia da familia polygamica nas eras antigas do governo de Deus, mesmo quando esse Deus é o Senhor de Israel, do povo eleito donde proviria o Christo.

Em paginas e paginas encontram-se successivas referencias ás *mulheres* de Abrahão, Jacob, Salomão, etc.

Nas populações militares que succederam ás theocracias, e são representadas especialmente pela elaboração intellectual propria á Grecia e a incorporação activa realisada pelos Romanos, a Humanidade, progredindo, deu mais um passo no caminho do aperfeiçoamento familiar, instituindo a monogamia, embora com divorcio, e presentindo já o valor moral e social da monogamia indissolvel e viuvez eterna, pela veneração que os polytheistas sociaes, os Romanos, prestavam á mulher não divorciada e á viuva que se não casava, como se deprehende do acatamento consagrado á grande Cornelia, mãe dos Gracchos — *que só conheceu um marido* — segundo reza o epitaphio da incomparavel romana, e se admira no typo sublime da infeliz esposa de Sicheu, a immortal Dido, pela bocca da qual o maior poeta latino, embora lhe fosse injusto, calumniando-lhe a memoria, faz proclamar estas admiraveis palavras, que já reflectem o echo do futuro:

Sed mihi vel tellus optem prius ima dehiscat,
Vel Pater omnipotens adigat me fulmine ad umbras,
Pallentes umbras Erebi, noctemque profundam,
Ante, pudor, quam te violo aut tua jura resolvam.
Ille meos, primus qui me sibi junxit amores
Abstulit, ille habeat secum, servet que sepulchro.

(VIRGILIUS—*Aeneis*, lib. V).

Mas eu me afunde no amago da Terra,
Ou me fulmine o omnipotente Jupiter,
Arrojando-me ás do Erebo trevosos
Pallidas sombras e profunda noite,
Antes do que, Pudor, eu te viole
E as tuas juras perfida atraíçoe.

Aquelle que primeiro a mim se uniu
Levou consigo os meus amores todos;
Comsigo os tenha, no sepulchro os guarde.

(VIRGILIO—*Eneida*, liv. IV).

Na idade-média o grande S. Paulo, digno herdeiro das gloriosas tradições dos pensadores gregos e romanos e da admirável civilização que se formou em torno da incomparável cidade, aboliu definitivamente o divórcio, creou a monogamia indissolúvel até á morte, embora, de conformidade com os princípios egoistas do theologismo monotheico, que comprime todos os affectos puramente humanos, fizesse do casamento uma degradação permittida e nunca um aperfeiçoamento, segundo se vê, entre outras, desta passagem de uma das suas admiráveis epistolas aos Corinthios:

“1. Pelo que pertence, porém, ás cousas a respeito do que me escrevestes digo, que bom seria a um homem não tocar mulher alguma;

“2. Mas para poder guardar castidade, cada um tenha sua mulher e cada uma seu marido”.

(S. PAULO.—*Epistola aos Corinthios*, cap. I, v. 1-2).

Emfim, completando a obra do passado, desvendando as leis da historia e decifrando o enigma dos seculos, novo S. Paulo com a intelligência de Aristoteles, Augusto Comte poz a cupola final no monumento lentamente construido da familia humana, instituindo, como fórma suprema e definitiva da união conjugal, a monogamia indissolúvel e eterna, e resumindo as condições dessa sublime união, que elle chamou—*uma verdadeira amizade aformoseada por uma incomparavel posse mutua*—, formulou-as, nesta triade tão racional quanto affectiva: *virgindade previa, fidelidade continua e viuvez eterna*.

Assim a historia contradiz por completo os pretendidos innovadores.

Quem defende o divórcio, propõe uma medida peculiar a civilizações que existiram ha mais de vinte seculos, e só compativel com as suas similares modernas, isto é, naquelles povos contemporaneos que se acham no mesmo periodo de civilização que os polytheistas do passado occidental.

O casamento com divórcio na sociedade hodierna, quando o Catholicismo tornou indissolúvel o laço conjugal e o Positivismo instituiu uma das suas mais bellas creações—*a viuvez eterna*—, é, na ordem social e moral, o que seria, na ordem material, atravessar o Atlantico num barco phenicio quando se conhece a navegação a vapor, ou chegar a India pelos desertos africanos depois da viagem do Gama.

Quanto a proclamar a necessidade irremediavel do divórcio, citando casos e casos individuaes de perturbações domesticas, nada adianta, pois não é com tal correctivo que as naturezas melhoram; ao contra-

rio, tornam-se mais aptas a produzirem os mesmos conflictos quando, livres, instituirem novos lares.

Nesse caso, o problema só póde ser resolvido, as situações domesticas só podem melhorar, pela reorganização total das opiniões e dos costumes. Qualquer outra solução é mais apparente do que real.

Além disso, as mesmas razões podem ser apresentadas, e então têm mais força, na defesa do amor livre.

A versatilidade egoista dos corações que não: “se impõem deveres para fazer sentimentos”, ainda melhor se adapta a esse estado de suprema revolta contra a sociedade e a familia, que, na linguagem dos seus coripheus, simples sophistas sem virtude e sem saber, representa o progresso maximo, mas não passa realmente da phase mais atrazada da nossa especie, quando ella se achava reduzida á mais grosseira animalidade; póde-se dizer até que numa época anterior a todo o Fetichismo.

Mas tudo isso não passará.

Os destinos humanos se hão de realizar na orbita traçada pelas leis que os regem, apesar dos argumentos capciosos dos sophistas e dos impetus revolucionarios das populações anarchisadas.

A familia resistirá aos ataques de todo o genero; as portas do inferno não prevalecerão contra ella, podemos dizel-o, repetindo as palavras do evangelista.

Constituida normalmente, ella continuará a ser, e de um modo incomparavelmente superior, a base fundamental da sociedade, e nella o homem aprenderá a amar e servir melhor a Patria e a Humanidade, amando e servindo os entes que se lhe acham mais intimamente ligados: a mãe, a esposa e a filha.

E', pois, nessa familia normal, reduzida ao par fundamental ou augmentada com os ascendentes e descendentes immediatos, pais e filhos, que devemos apreciar o papel que cabe á mulher; dahi concluimos sua influencia na sociedade, além da que exerce na familia, e portanto sua incorporação necessaria e urgente ao movimento de regeneração que agita todas as almas dignas, sem que para tal tenha ella de perder a sua missão suprema, que é a de amar.

IV

A mulher é a alma da familia.

Encarnando o amor, ella constitue o primeiro elemento do par fundamental, é a dona da casa, segundo a expressão vulgar, ou antes a deusa do lar, quando esse lar é um paraizo.

Limitada ás suas funções domesticas, governa sempre, não pela força, mas pelo amor.

E' ella que no laboratorio da familia prepara a Patria e a Humanidade, formando homens: o esposo que ella aconselha e os filhos que educa.

Sem fortuna, sem dotes e sem heranças, sua riqueza consiste unicamente nas duas grandes virtudes que a Idade-Média tanto honrou, immortalizando-as na deusa dos Cruzados: pureza e ternura.

A vida privada é o seu unico dominio.

Emquanto o homem possui o governo da força, que dirige a vida publica e modifica o mundo, ella, que dispõe só do amor, dirige a vida privada e modifica o homem.

É essa a situação normal da mulher, situação que resulta não só da apreciação de sua natureza mas ainda do conjuncto da evolução historica.

Nos tempos primevos, que se reproduzem hoje entre as tribus selvagens, nas eras da promiscuidade primitiva, a mulher não passava de uma alimaria, sujeita aos mais pezados trabalhos exteriores. Até após o acto sagrado da maternidade a ella não competia o repouso, mas sim ao homem, como se lê no poema de Durão:

E como se a mulher soffrera nada
Tudo ao pai reclinado então se admitte,
Qual fôra tendo sido em modo sério
Seu proprio e não da mãe o puerperio.

(DURÃO—*Caramuri*, cant. II).

Entretanto, mesmo nessas épocas longinquoas, já funcções domesticas eram exclusivas á massa feminina, e nas civilisações theocraticas, no Egypto, na India, a mulher, vencendo o comunismo primitivo, conseguia abrandar o coração masculino e tornar-se companheira, embora ao lado de outras que lhe partilhavam a sorte.

Já então não nos achamos nos tempos de mulheres alimarias ou guerreiras e caçadoras, mas nos daquellas que cuidam dos interesses da sua habitação, cuidam da casa, do fogo, do vestuario, enfim dos utensilios domesticos, enquanto o homem pesca, caça, pastorea o gado ou cultiva os campos.

As civilisações militares, dando mais um impulso á tendencia espontanea da concentração domestica do sexo amoroso, excluia-o positivamente das funcções publicas, ao mesmo tempo que lhe honrava, ainda mesmo durante a decadencia de taes civilisações, as suas mais bellas virtudes. A pureza, por exemplo, que o Catholicismo teria de santificar mais tarde no mysterio da Virgem, encontrou sua glorificação romana no culto de Vesta.

Apezar dos sophistas proclamarem na época da anarchia grega a monstruosa doutrina feminista, fazendo da mulher um ser masculinizado e portanto capaz de concorrer com o homem nas funcções da existencia publica, o bom senso popular, aliado ao criterio philosophico dos verdadeiros pensadores e á imaginação poetica dos verdadeiros artistas, não permitiu o triumpho da immoralidade e do erro.

O maior poeta comico da antiguidade, numa peça magistral, infelizmente concebida em termos muito livres para a scena moderna, estygmatisou com uma satyra pungente todas as aberrações dos rethoricos e sophistas de então. *As Tagarellas* de Aristophanes, tal é a peça, foram um golpe mortal vibrado contra o feminismo de todas as épocas.

Mas foi o regimen medievo que veio instituir de um modo definitivo a existencia exclusivamente domestica da mulher, e ao mesmo tempo glorificou-a tanto que a poz no altar, adorando-a como a mãe de um deus.

Deus estava assim transformado no Homem.

A Humanidade era o verdadeiro Ser-Supremo.

Com effeito, ao Jehovah vingativo e terrivel, revelando a Moysés, no meio de relampagos e trovões, as taboas da Lei, succedera Jesus, o Deus-Homem; deus, vingativo, expulsando a chicote os vendilhões do templo; homem, bondoso, perdoando a Magdalena porque tinha muito amado.

Emfim appareceu Maria, a Virgem-Mãe, simples ser humano, imagem antecipada da Humanidade, na linguagem prophetica do maior dos seus adoradores, o grande S. Bernardo.

É essa mulher deificada, imagem da deusa, a mulher que reina em cada lar, atravez das mães, das esposas e das filhas, para todos aquelles que se libertaram dos preconceitos theologicos e metaphysicos, e sabem humanamente amar; amam o amor pelo amor e não para agradar aos deuses ou a Deus.

É no recesso do lar, que se ergue o altar á nova deusa.

E que mais nobre destino póde aspirar a mulher do que ser adorada pelo eleito do seu coração e pelos filhos do seu amor?

Que ambição mais sublime poderá ella ter do que dominar pelo amor aquelles mesmos que, dispondo da força, têm o imperio do mundo?

Ao formularmos essas perguntas parece-nos ouvir um sorriso desdenhoso de algum pseudo-pensador moderno e quem sabe tambem si de alguma doutora, ambos chamando de logares communs as expressões que empregamos e ambos, falando em nome de uma sciencia que só conhecem superficial ou empiricamente e ás mais das vezes não possuem, insistirem pela pretendida liberdade feminina, que, para elles, consiste no direito do voto, no exercicio da advocacia, da medicina, do commercio, das industrias quaesquer, de todas as profissões enfim que a sabedoria humana assignalou como destinadas ao sexo activo.

A intelligencia feminina passa sem brilho, dizem elles; a mulher enclausurada no lar fica alheia ás emoções da vida publica, á fama, á gloria, á todo o cortejo seductor que cerca a existencia masculina.

Ha em tudo isto completa ignorancia, quer lettrada, quer illetrada.

Vejamel-o.

Concentrada no lar a mulher, principalmente considerada como esposa, desenvolve as qualidades de coração que o marido possui em menor gráo, tornando-o mais puro e mais terno.

Ninguém ignora os milagres de amor, fazendo naturezas masculinas, mais ou menos degradadas pela vida revolucionaria que passam, se enobrecerem com a pureza e a ternura de uma digna esposa.

Ainda mesmo quando a paixão é ideal, que a posse não se realisa, as almas superiores purificam-se, tornam-se mais meigas, mais amorosas, na contemplação perenne da mulher amada.

A imagem della é como um anjo da guarda incomparavel, que a alma emparadiza, e afasta os máos pensamentos, como diziam Dante e Petrarca, emparadizados e purificados pelos vultos de Beatriz e de Laura:

Quella ch'imparadisa la mia mente (Dante)

Ogni basso pensier dal cor m'avulse (Petrarca)

E' esta influencia moral da mulher, cujo valor é muito desconhecido hoje pelos lettrados, em que os preconceitos de um scientismo futil, laborioso e inutil, arido e especialista, muito longe da verdadeira sciencia, e de uma arte materialista e grosseira, proclamam immoral e erroneamente a superioridade do espirito sobre o coração, é esta influencia moral que constitue a maior força da mulher e ao mesmo tempo a sua melhor satisfação e a sua verdadeira e incomparavel gloria.

Não ha mulher alguma, mesmo entre as que, por excepção, se consagram á cultura intellectual, que não sinta que o seu maior triumpho não está em resolver uma questão mathematica, effectuar um calculo astronomico, fazer um discurso brilhante, escrever uma memoria scientifica, mas sim em melhorar o coração do homem que ella escolheu e dos filhos do seu eleito.

Para não citarmos antigas, lembramos o nome dessa intellectual russa Sophia Kovalewski, fallecida ha quatorze annos apenas.

Era mathematica, cultora especialista de uma sciencia esgotada no que tem de util e necessario, salvo para o orgulhoso algebrista que, como diz Aug. Comte, por falta de ternura e de imaginação, não

cultiva afinal sinão o orgão da linguagem, segundo uma gyria especial, cujo util emprego é muito limitado."

Sophia Kovalewski era victima dessa cultura nociva que esterilisa o espirito e entibia o coração, e, apesar de ter feito algumas descobertas em mathematica, todas de muito valor para o mundo academico, mas de importancia secundaria ou nulla para os verdadeiros pensadores, a infeliz scientista sentio e conheceu que a sciencia não lhe satisfez as aspirações. Os europeis com que as academias do mundo lhe cercaram a frente, não conseguiram lhe saciar a sêde da dedicação e, como diz uma publicista, sua compatriota, Mlle. Joteyko, "Sophia succumbio, o coração mortificado, a sciencia e a gloria não lhe podendo bastar em sua investigação de uma ternura inaudita". (MLLE. JOTEYKO. — *A propos des femmes mathématiciennes.*)

E' esta vocação innata de amar, de dedicar-se, que constitue a funcção propria da mulher, e é por isso tambem que a sua principal força consiste, segundo a bella observação de Aristoteles, em superar a difficuldade de obedecer; pois amar é obedecer; quem não obedece não ama.

Mas como conciliar esta formidavel e irresistivel força de amar com as preoccupações intellectuaes, com o estudo das sciencias, das artes, da philosophia e mesmo com os trabalhos praticos?

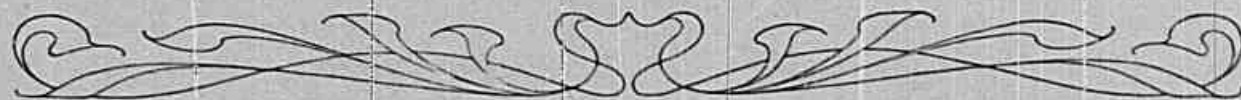
Eis ahi o ponto principal da questão feminina, aquelle que tem dado logar ás varias aberrações do feminismo, até certo ponto desculpaveis, especialmente da parte das mulheres, á vista da obstinação de muitos homens em sustentarem e manterem um certo estado de semi-ignorancia para a intelligencia feminina, simplesmente porque acreditam talvez que a instrucção ha de ser sempre o que é hoje, e sempre ministrada nos claustros escolasticos ou nos institutos academicos.

Do que deve ser a instrucção feminina, a cultura intellectual da mulher, livre dos perigos moraes peculiares ao ensino moderno, da sua não incompatibilidade com a sua missão moral, é o que vamos agora desenvolver, terminando a nossa dissertação com a apreciação rapida da sua funcção pratica e da sua influencia publica, aliás toda indirecta, e apresentando-a emfim como a nossa verdadeira deusa, sonhada pelos adoradores da mãe de Jesus.

(A seguir).

Reis Carvalho

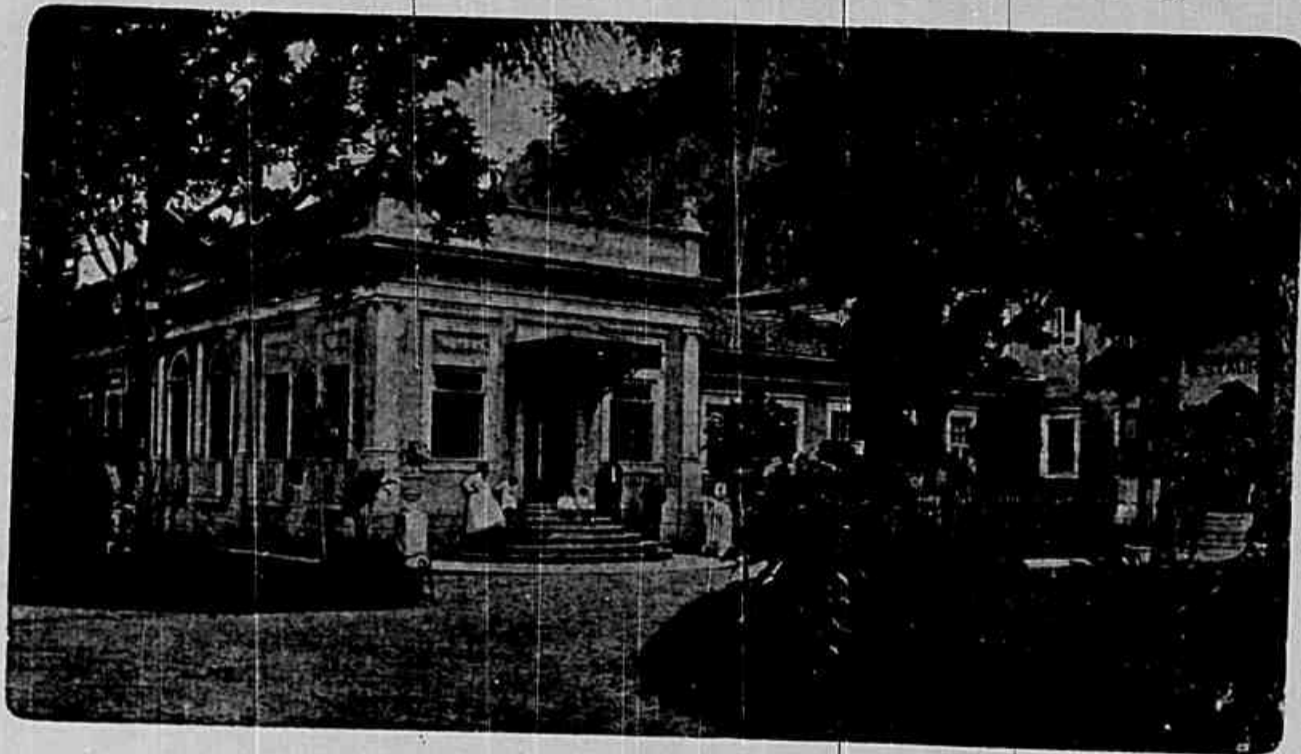
(Oscar d'Alva)



GRANDE HOTEL WHITE

ANTIGA RESIDENCIA DO CONDE DE ITAMARATY

* * * * * ALTO DA TIJUCA - RIO DE JANEIRO * * * * *



Este importante estabelecimento que acaba de passar por grandes reformas, dispõe para commodidade dos Snrs. Hospedes de vastos aposentos, parques, duchas e da celebre fonte - *Zézé*.

* Restaurant à la carte *

* Cozinha de 1ª ordem *

TELEPHONE N. 1094

Dirigido pelo proprietario «Martin»

A Equitativa

PROCEDERÁ AO 3.º SORTEIO DE SUAS APOLICES

Resgataveis em Dinheiro

* * * * * NO DIA 15 DE ABRIL PROXIMO FUTURO * * * * *

Pedir Prospectos

7 - RUA DA CANDELARIA - 7

RIO DE JANEIRO

A Equitativa



A Equitativa é preferida para o Seguro de Vida

- PORQUE é puramente mutua. Isto é, todos os seus lucros são distribuídos pelos portadores de apolices. Todo o seu activo pertence aos segurados.
- PORQUE as apolices d'*A Equitativa* não caducam depois de ter estado em vigor; ellas pódem ser restauradas dentro de um mez, sem exame medico, si por ventura o segurado deixar de pagar um premio: o exame medico só é exigivel depois de decorrido um mez.
- PORQUE para ter resultado não é necessario que o segurado falleça, porquanto mesmo em vida poderá liquidar o seu seguro (se viver 10, 15 ou 20 annos), em dinheiro; apolice saldada em renda vitalicia.
- PORQUE sua administração é a mais economica.
- PORQUE como garantia para o futuro da familia, sua solidez não soffre contestação.
- PORQUE as apolices d'*A Equitativa* pódem servir de base como garantia de qualquer operação mercantil.
- PORQUE as suas apolices pódem ser liquidadas depois de tres annos de vigencia.
- PORQUE quem possui uma apolice d'*A Equitativa* póde dormir tranquillo quanto ao futuro da familia e dos entes que lhe são caros.
- PORQUE os calculos que presidem á elaboração de suas tabellas são feitos sobre dados certos.
- PORQUE os sinistros de suas apolices são pagos pela *A Equitativa* 24 horas depois de apresentadas provas satisfactorias do fallecimento do segurado.
- PORQUE, como instituição, *A Equitativa* é inabalavel e jamais poderá ser attingida pela maior crise que que possa atravessar o paiz.
- PORQUE, nas suas apolices com resgate em dinheiro em vida do segurado, *A Equitativa* offerece vantagens que nenhuma outra companhia congenera póde dar.
- PORQUE as suas reservas estão empregadas em titulos garantidos e bens de facil realisação.
- PORQUE é a primeira sociedade nacional de seguros de vida.

✻ PEDIR PROSPECTOS E TABELLAS Á SÉDE SOCIAL ✻

RUA DA CANDELARIA, 7

RIO DE JANEIRO

Ou a seus agentes e succursaes em todos os Estados da União.

ARTES GRAPHICAS

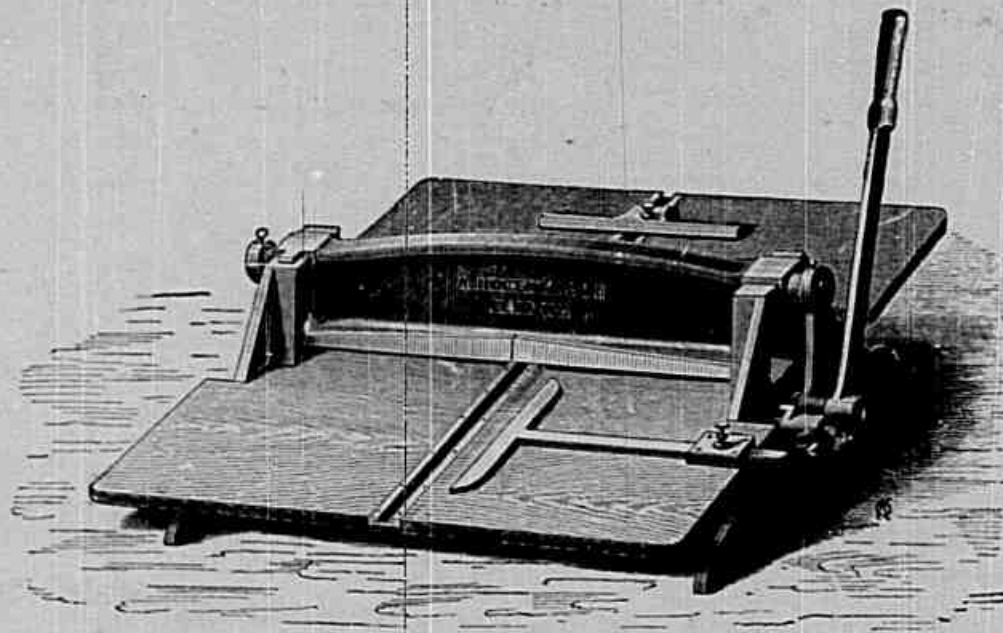
CAIXA DO CORREIO 994

TELEPHONE N. 1106

Temos sempre em deposito:



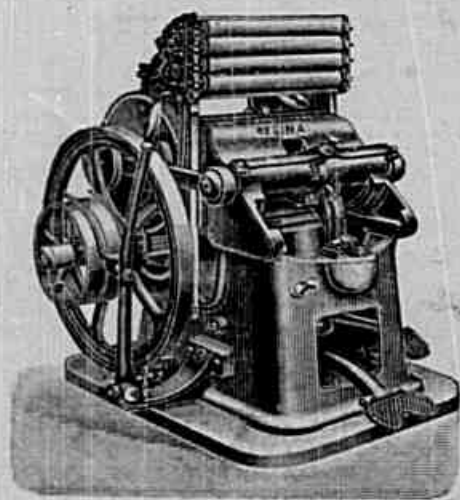
Tintas Typographicas,
Lithographicas,
Vernizes e Grande
Variedade de Typos



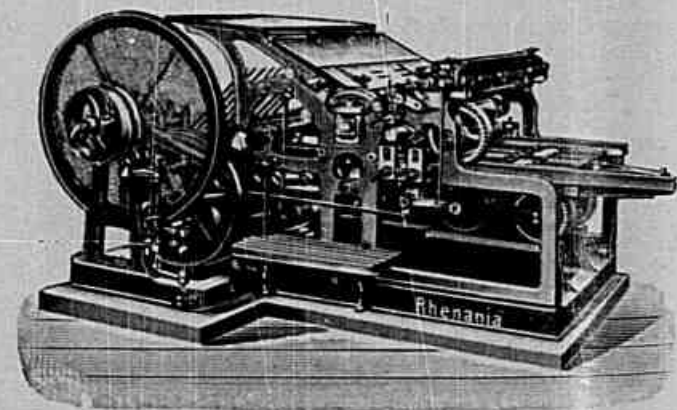
Massa para Rolos,
Arames para Cozer,
Zinco, Cobre e Ma-
deira para Gravuras.



UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



MATERIAL PARA STEREOTYPIA
MACHINAS
PARA IMPRESSÃO ETC.



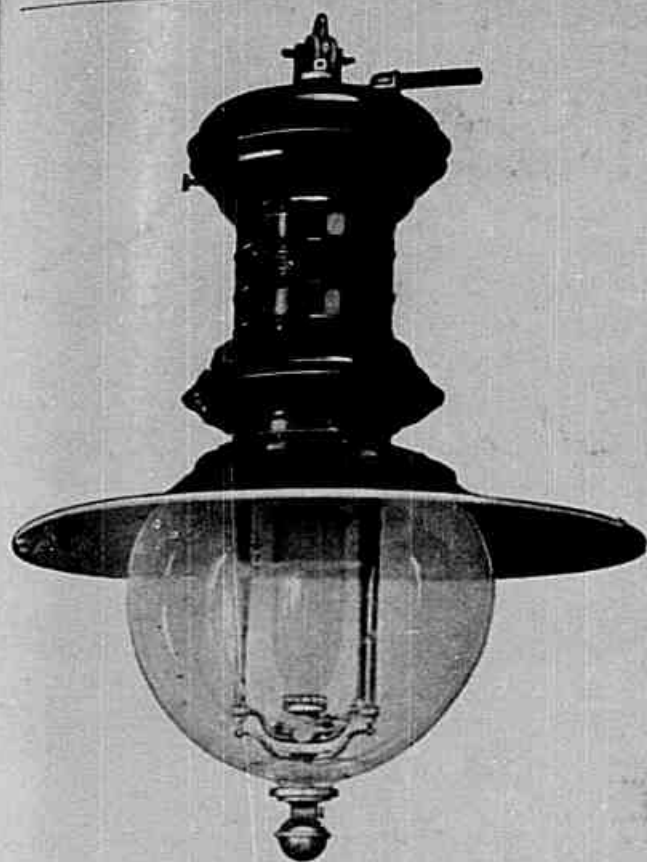
Augusto Niklaus & Co.

Rua da Quitanda N. 54



RIO DE JANEIRO

KÓSMOS



REPRESENTANTES
DAS SEGUINTE FIRMAS:

GENERAL ELECTRIC CO.
APPARELHO ELECTRICOS PARA FORÇA E LUZ

PELTON WATER WHEEL CO.
RODAS DE AGUAS, TURBINAS, &

Mc INTOSH SEYMOUR & CO.
MACHINAS A VAPOR

BABCOCK & WILCOX CO.
CALDEIRAS A VAPOR

THE PECKHAM MANUFACTURING CO.
TRUCKS PARA CARROS E VAGÕES

THE CHLORIDE ELECTRICAL STORAGE
COMPANY LTD.
ACCUMULADORES ELECTRICOS

A. L. IDE & SONS
MACHINAS A VAPOR "IDEAL"

CHICAGO PNEUMATIC TOOL COMPANY
MACHINAS E FERRAMENTAS DE AR COMPRIMIDO

CLEVELAND TWIST DRILL CO.
BROCAS AMERICANAS

L. S. STARRETT CO.
FERRAMENTAS FINAS

CINCINNATI TOOL CO.
FERRAMENTAS

FAY & EGAN CO.
MACHINAS DE TRABALHAR EM MADEIRA

GLOBE WERNECKE CO.
MOBILIA DE ESCRITORIO

LOZIER MOTOR CO.
MOTORES E LANCHAS DE GAZOLINA

WORTHINGTON PUMPING ENGINE CO.
BOMBAS A VAPOR

MIETZ & WEISS
MOTORES A GAZ E KEROZENE

HAMMOND TYPEWRITER CO.
MACHINAS DE ESCREVER

VICTOR TALKING MACHINE CO.
GRAMOPHONES E ACCESSORIOS

EASTMAN KODAK COMPANY
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS

IMPORTADORES DE
MACHINAS PARA OFFICINAS E APPARELHOS
ELECTRICOS DE TODAS AS QUALIDADES

ASCHOFF & GUINLE

* * * * * SUCESSORES DE JAMES MITCHELL & C. * * * * *

Engenheiros

Mechanicos

Hydraulicos

e Electricistas

Importadores de

Machinas e

Manufacturas

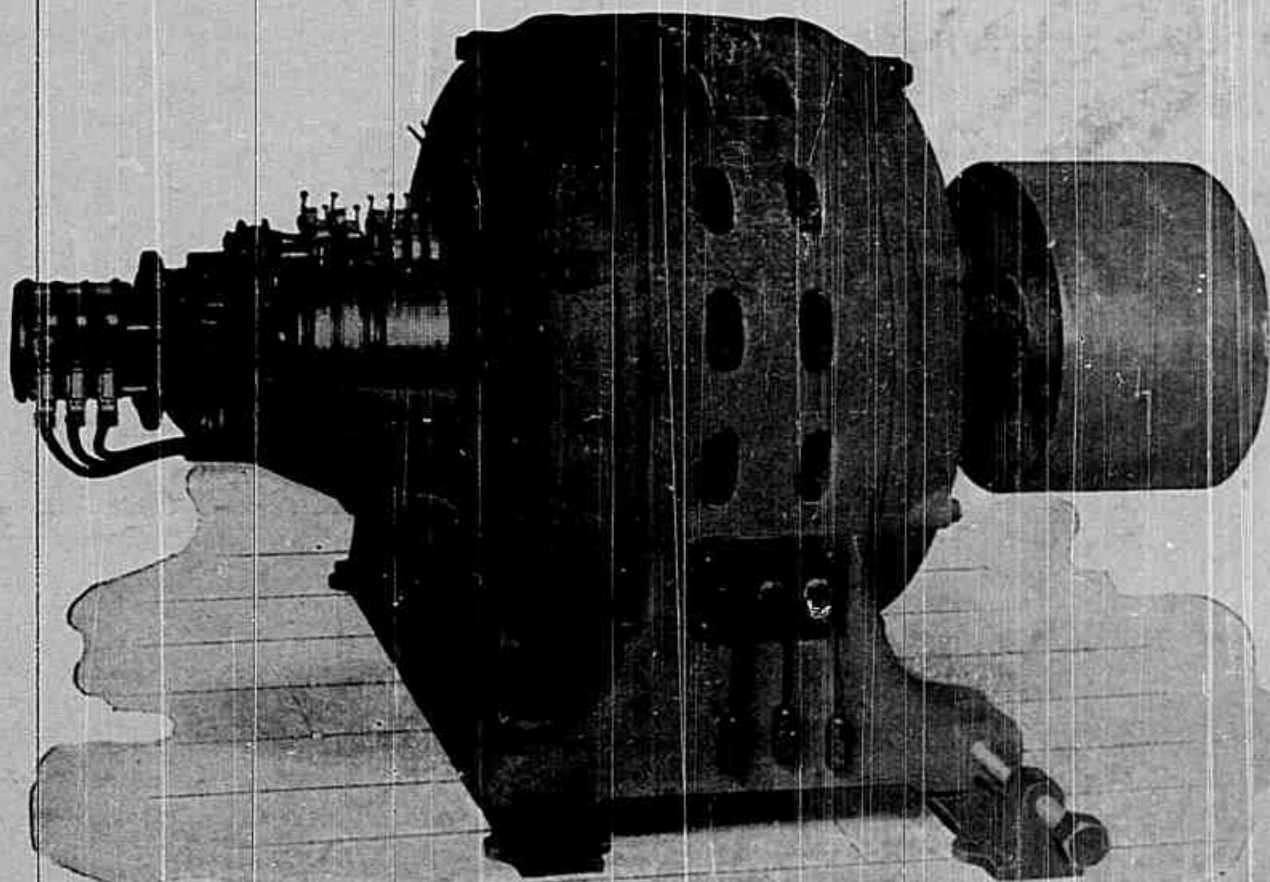
Norte-Americanas

55 ~ Rua do Ouvidor ~ 55

* * * * * RIO DE JANEIRO - BRAZIL * * * * *

RUA DIREITA N. 7, S. PAULO

OFFICINAS E DEPOSITO: RUA NOVA DO OUVIDOR, 13



ALBERTO & FILHOS
PHOTOGRAPHS

RUA SETE DE SETEMBRO 41
RIO

ARAÚJO, VEIGA & C.

RUA DO OUVIDOR, 84 — RIO DE JANEIRO

Grande Variedade de Artigos de Fantasia, Chapéus de Sol,
Gravatas para Homens, Objectos para Bordar e para Flores, Luvas, Leques,
Meias de Seda e de Fio de Escóssia, Perfumarias,
Marcar para Cotillon e tudo que pertence ao Artigo Armarinho e Modas.

TELEPHONE 306

DUBONNET

⊙ MELHOR APERITIVO ⊙

ROTISSERIE AMERICAINE

ROGELIO & AREAL

50 — Rua Gonçalves Dias — 50

SERVIÇO DE 1.ª ORDEM

GRANDE SALÃO DE BILHARES NO 1.º ANDAR

FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

Superiores a todos os outros até hoje conhecidos



A maior facilidade para instalação
... e limpeza! Simplicidade ...
e elegancia! Numerosos premios
... em todas as exposições ...

UNICOS AGENTES PARA

... todo o Brazil: ...

A. ABREU & C.ª

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico.



SOU O GARCIA, O GRAVADOR DO KÓSMOS, TODAS AS GRAVURAS
* * * SÃO FEITAS POR MIM. CONHEÇO TODOS OS * * *
PROCESSOS, É, POREM, MINHA ESPECIALIDADE A PHOTOGRAVURA